

elianepereira

BARCE

LONIA

EM

FRAG

MENTOS

uma cartografia afetiva

Barcelona em fragmentos:
uma cartografia afetiva

Eliane Pereira

Barcelona em fragmentos: uma cartografia afetiva © 2025 Eliane Regina Pereira
Barcelona em fragmentos: uma cartografia afetiva ©2019-2025 Benares Editora

Projeto gráfico: Benares Editora

Revisão: Alane da Silva Mota

Diagramação: Joarlan de Sousa Colaço

Conselho Editorial:

Alane da Silva Mota – Me. História/UFMG

José Luciano de Queiroz Aires - UFGG

Livia Chaves Melo – UFT

Lívia Maria Ferreira - IFPB

Lucas Ribeiro de Moraes – Me. Letras Português/UFMG

Maria de Sousa Leite Filha - UFGG

Mylena de Lima Queiroz – UECE

Raphael Souza Cruz - IFRN

Rosângela de Melo Rodrigues – UFGG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Eliane Regina.

Barcelona em fragmentos: uma cartografia afetiva. 1.ed. - Campina Grande, PB:
Benares Editora, 2025.

ISBN 978.65.81197.40.7

DOI

1. Barcelona. 2. Escrita de si. 3. Crônica. 4. Cartografia. 5. Literatura I Título.

© Todos os direitos reservados a autora Eliane Regina Pereira. Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização da autora ou da Benares Editora. As ideias contidas neste livro são de responsabilidade da autora.

Tudo o que conto neste livro sobre outros livros (...) é verdade, (...) mas receio que não possa garantir o mesmo sobre o que se refere à minha própria vida. Porque toda autobiografia é ficção e toda ficção é autobiográfica, como dizia Barthes. (Montero, 2004)¹

Nunca estrague uma boa história mantendo-se fiel a verdade.

(Fisber, 2023)²

Dedicatória

Ao Pedro por se aventurar nessa vida comigo

Agradecimentos

À Isabel por me receber, me acolher e se tornar tão importante

Apresentação, 8

Parte I – O salto no desconhecido, 10

Das hesitações às partidas, 11

Saída de Emergência, 16

Eu não escolhi Barcelona, 18

Parte II – Cartografias da memória, 21

Derivar, 22

Ladrilhar, 27

Voy a extrañar, 29

Ainda sinto o cheiro do meu avô, 33

O medo do esquecimento, 36

Sete minutos de casa, 39

Uma cidade, um filho, 44

Parte III – A alquimia dos encontros, 46

Toda uma cidade no Raval, 47

Vagalumes na Casa Batlló, 52

Quando a comida nos leva para casa, 56

Portas, 61

Todo mundo nu, 64

Tempo para o Outro, 67

Neve, geladeira e sonhos compartilhados, 70

Quando o passado emerge do chão, 73

A Janela que não se abre, 76

Mares que renovam, 79

Cantinho Brasileiro, 81

Tens tu lata para fazer isso? 83

Interrogação invertida, 86

Parte IV – O impossível retorno, 89

O menino que me levou ao mundo, 90

O afeto da espera, 93

Internacionalização de mim, 95

Deus, entre trilhas e templos, 97
Uma beleza que não cabe, 100
Três quartos de quatro, 102
Inverno interminável, 104
O que a chuva não leva, 107
Apequenar-se, 110
Registros de uma errância, 112
A quem pertence a cidade? 116
Três corações, 119
Janelas abertas e amigos por perto, 121

Pós-fácio: Fome de estrada, 123

Notas finais, 130

A autora, 134

APRESENTAÇÃO

Barcelona em fragmentos: uma cartografia afetiva, não é um livro sobre Barcelona/Catalunya³, é sobre como uma cidade estrangeira pode se tornar espelho para nossa própria história, como cada esquina visitada ressuscita esquinas já esquecidas, como o presente dialoga constantemente com o passado e tateia o futuro. Ele nasce das reflexões realizadas a partir da experiência em Barcelona, mas não se restringe a ela. Conto de viagens outras, mas que foram oportunizadas pelo fato de estar mergulhada nessa experiência de ser estrangeira no país e em mim.

Era para ser um livro de crônicas que se assumiu como livro de memórias, reconhecendo que a memória “nem sempre é a mesma coisa que viu... basta o menor prazer ou dor para nos ensinar a maleabilidade do tempo... Se eu não posso mais ter certeza dos acontecimentos reais, posso ao menos ser fiel às impressões que aqueles fatos deixaram.”⁴

Misturei a vida como ela é: presente-passado-futuro entrelaçados.

Este é um livro que nasce do movimento – do caminhar pelas ruas, do derivar entre memórias, do encontro casual que desperta algo adormecido. É também um livro que convida ao movimento: suas páginas podem ser lidas em qualquer ordem, como quem escolhe uma rua diferente para chegar ao mesmo lugar, ou descobre que todos os caminhos levam a territórios inesperados.

A experiência de leitura aqui proposta espelha a própria experiência de viver uma cidade: não há roteiro obrigatório, não há ordem correta, há apenas a disponibilidade para se deixar afetar pelo que surge no caminho. Nascido das reflexões de um pós-doutorado que investigava as relações entre arte e cidade, entre deriva e transformação pessoal, este livro se tornou uma cartografia afetiva – um mapa não de lugares, mas de sensações, não de rotas, mas de encontros que alteram nossa forma de estar no mundo.

Procurei narrar os afetos e efeitos da experiência. “Afim, a melhor

maneira de viajar é sentir. Sentir tudo de todas as maneiras. Sentir tudo excessivamente. Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas.”⁵ É sobre a maleabilidade do tempo, a generosidade dos encontros casuais, a potência transformadora de se permitir perder nos labirintos urbanos e nos labirintos da própria memória.

Escolhi a palavra fragmentos para dar título ao livro porque, inspirada em Walter Benjamin, compreendi que narrar uma experiência não significa organizá-la em linha reta, mas acolher sua natureza descontínua, feita de lampejos, restos e cacos. Para Benjamin, a história se constrói como montagem de fragmentos, como um mosaico em que cada pedaço, ao ser colocado em relação, faz emergir sentidos inesperados. Não desejei, portanto, escrever um relato linear do meu percurso ou detalhar passo a passo a pesquisa que lhe deu origem. Quis, antes, colecionar impressões, como quem recolhe estilhaços de um vitral quebrado: incompletos em si, mas capazes de projetar novas cores quando expostos à luz da memória. Assim, os fragmentos reunidos aqui não pretendem reconstruir uma totalidade, mas sugerir constelações possíveis – encontros entre lembranças pessoais, cidades estrangeiras e reflexões teóricas.

Convido você a experienciar comigo essa viagem – não apenas pelas ruas de cidades outras, mas pelos territórios inexplorados que cada um de nós carrega dentro de si, esperando o momento certo para serem descobertos.



Parte I

O salto no desconhecido

Das hesitações às partidas

Tudo estava calmo. O sol brilhava. Eu nadava no fundo. E então, quando voltei à superfície, vinte anos depois, descobri que havia uma tempestade, um redemoinho, um vendaval jogando as ondas por cima da minha cabeça.

(Levy, 2019)⁶

A ida para Barcelona se inicia muito antes de 28 de julho 2024 quando embarcamos no voo da Avianca AV86 em São Paulo. Em 2018 consegui uma liberação para o pós-doutorado e contei ao Emerson meu desejo de estudar fora do país e o medo de não ser aceita pelo supervisor. Ele acolheu o que eu dizia e gentilmente me ajudou a desconstruir a situação. O medo era outro. Eu só não conseguia nomeá-lo. Era casada, tinha um filho de 08 anos. Um pós-doutorado, fora do país, era um desejo exclusivamente meu.

Não escrevi o e-mail.

Não planejei a viagem.

Não fui.

Assumi outro plano.

O casamento acabou. A pandemia me transformou. Às vezes leva um tempo até a gente saber quem a gente é, e mais ainda quem a gente quer ser. Saí da pandemia insaciável e decidida a não deixar nas mãos de ninguém a responsabilidade pelos meus desejos. Comecei um projeto novo, me despedi de uma versão minha – que esperava a aprovação para apostar nos próprios desejos – e assumi outras responsabilidades por quem eu queria de fato ser. Pensei em abandonar a Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Na verdade, a UFU nunca foi o meu problema – eu adoro meu ofício. A cidade, sim. Faltavam-me relações, encontros, uma

vida fora da universidade que valesse a pena ser vivida.

Terapia e reconexão com a cidade foram a chave para a mudança de olhar. Mesmo vivendo em Uberlândia há 10 anos, eu não conhecia suas festas, shows, barulhos, cafés e gente, muita gente.

Mudei de endereço. Reconectei-me com meus alunos e trouxe os amigos antigos para mais perto. Fiz amigos novos, muitos. Comecei planos de um pós-doutorado que fosse transformador, que possibilitasse uma nova versão de mim. Passei a cartografar esse projeto sem contar a ninguém. Sentia que não podia compartilhar o desejo, porque ele vinha carregado de pavor e, muitas vezes, nosso medo somado ao medo dos outros é o atalho escorregadio para a derrota.

Defini meu tema, li artigos de possíveis supervisores de pós-doutorado. Analisei currículos e um ano antes, em julho de 2023, enviei um e-mail a Isabel Pellicer Cardona professora na Universidade Autônoma de Barcelona e ela disse sim, muito rapidamente.

Lembro-me da sensação ao abrir o e-mail resposta.

Minha garganta pulsava tanto que parecia doer. O corpo tremia no ritmo contraditório do medo e do entusiasmo. Era um importante sim. Um sim para uma experiência que até então sentia receio de dizer a mim mesma que desejava fazê-la. Era um sim para morar em outro país, sem conhecer ninguém, sem sequer conhecer a cidade. Éramos eu e Pedro, meu filho adolescente, em uma aventura para descobrir o novo, no lugar e em nós dois.

Ainda em 2023, conversei com Isabel em uma chamada de vídeo para contar um pouco do meu desejo de pesquisa e ela me indicou leituras. Eu estava no escritório de casa e imagino que Isabel também. Com cinco horas de diferença, no horário Brasil-Espanha, era cedo demais para qualquer conversa, mas estávamos lá. Achei Isabel séria demais, mas eu já havia errado em análises de primeira impressão outras vezes e ela estava ali, disposta a uma conversa atravessada por um portunhol bem atrapalhado.

Escrevi o projeto, compartilhei com ela e assumi minha ida. Solicitei a universidade minha liberação pós-doutoral, tentei alguns editais de bolsa para exterior e contei para mim mesma que daria conta.

Expus para uma amiga meus planos, o sim de Isabel e a fase inicial desse processo. Ela disse que era uma loucura ir sem bolsa, com um filho adolescente, para uma cidade que eu não conhecia e que sabidamente demonstrava ódio aos turistas. Naqueles dias os jornais no Brasil reportavam manifestações de barcelonenses contra o turismo e os turistas. O temor dela quase me paralisou. Nessas horas eu tenho uma estratégia, ou ligo para meu irmão engenheiro que me oferece conselhos práticos e me ajuda a fazer contas – a matemática é importante para mim na hora de tomar decisões emocionais – ou ligo para Emerson que tem uma delicadeza impressionante para me ouvir e me ajudar a pensar minuciosamente nos detalhes. Como eu já havia feito muitas contas, nesse dia, compartilhei com Emerson meu desejo e ele me ajudou a dizer que sim, a acreditar que eu daria conta e acrescentou, que se não funcionasse como planejado eu só precisava lembrar que tinha casa e trabalho, portanto, bastaria voltar. Emerson foi fundamental. Saber que eu podia ir e voltar se precisasse, me ajudou a ter certeza de que eu seria capaz.

Agora eu podia compartilhar. O medo dos outros não me faria desistir.

De outros amigos ouvi: vá, arrisque-se, ouse, se jogue, se experimente, sinte. Você é corajosa. Sejam felizes. Voa passarinha. Lembro-me da alegria que foi ouvir – voa passarinha. Nesse momento, alguém anunciava que eu tinha asas e era capaz de voar. Senti medo e coragem na mesma proporção, mas decidi que eu daria conta.

Deixei Maya minha PUG, com Jéssica, minha amiga, a quem devo muito nesse ano de cuidado. Fui à ginecologista, ao oftalmologista, ao pneumologista, ao cardiologista e à dentista para garantir que não teria maiores problemas nesse um ano. Levei Pedro para uma avaliação médica

e odontológica também. Negocie a saída dele da escola e o retorno em um ano. Comprei os remédios que acreditava precisar nesse período. Refiz meu botox. Troquei de óculos. Troquei de agência bancária, para uma na qual trabalha Luciana Mesquita, uma amiga que a maternidade me deu. Conversei com Neiva sobre a experiência fora do país. Arrumei os papéis do visto. Fiz duas viagens ao Rio de Janeiro para resolver o pedido de visto. Comprei as passagens. Vendi meu carro, aluguei meu apartamento em Uberlândia, aluguei outro em Barcelona via www.uniplaces.br. Suspendi o clube, o pilates, a Unimed, a academia e continuei contando a mim mesma que daria conta. Mandei fazer um armário com chaves no meu escritório para guardar o principal, as coisas que não iriam e que não queria compartilhar com meu novo inquilino. A semana do embarque foi exaustiva.

Despedidas e organização de armário. O que precisa ficar guardado aqui? Será que dá tempo de sair para jantar com Tiago Amaral hoje? O que levo e deixo no armário da UFU? Almoço de despedida com Emerson, Adriano e Lu. O que não cabe em armário algum e que preciso deixar na casa de alguém? Último banho de sol com Juçara no clube antes da viagem. Jantar com Marina e Mariana. O que pode ser descartado, doado, emprestado? Não consegui encontrar Ana Paula Spini nessa última semana. Café da manhã com ex-estagiárias. Quem vai comigo ao aeroporto? Beto me chamou para um café da tarde. Dani e Beto vão nos levar no aeroporto.

Suspiro. Fecho o armário e a porta do apartamento. Levo comigo uma cópia das chaves e entrego outra para a imobiliária. O inquilino ficou responsável por cuidar das muitas plantas. Desço as malas até a porta do prédio. Aeroporto. Abraços. Saudades. Será mesmo que vou dar conta?

O desembarque foi outra aventura. Passamos pela imigração com facilidade. Bastou dizer que tinha visto de estudante e ele carimbou nossas entradas e exclamou um: - Bienvenidos! As malas demoraram uma eternidade. Eu e Pedro nos olhávamos e não nos falávamos, estávamos

assustados. Todos os cursos de espanhol, os filmes assistidos sem legenda, nada me ajudava a falar. Contratei um carro para nos esperar no aeroporto, afinal, lugar novo, malas e um filho super ansioso não combinariam com metrô, ônibus ou outro transporte decidido na hora. O motorista que nos buscou foi gentil, mas sem conseguirmos falar o silêncio dominou o trajeto do aeroporto ao Raval, bairro onde moraríamos por 336 dias.

De dentro do carro eu acompanhava o trajeto como se corresse do lado de fora, sem fôlego e com pernas cansadas. O céu estava azul e o calor que vinha da rua já anunciava como seria o verão em Barcelona. Não sei precisar o tempo de deslocamento, mas de repente o carro entrou em um bairro cinza, com pouco sol e muitas pichações. Motos, bicicletas, patinetes e um milhão de pessoas disputando espaço nas ruas estreitas e escuras. Parou. É aqui, disse o motorista. Núria nos esperava na porta e sorriu.

Será mesmo que vou dar conta?

Saída de emergência

Partir nem sempre tem cheiro de aeroporto. Às vezes, é uma saída silenciosa, uma fuga interna. Em 2024, saí, parti de mim; não apenas com malas de rodinhas, mas com o cansaço de anos correndo sem respirar. Fui em busca de fôlego, pausa, sentido.

O pós-doutorado não foi apenas um passo acadêmico, foi uma saída de emergência, um grito sem som diante de uma rotina que me anestesiava, pois sou professora desde os dezoito anos, onde comecei na educação infantil e fundamental. Foi o contato com as crianças – as perguntas, os barulhos, os olhos atentos – que me levou à Psicologia.

Sou professora do ensino superior desde o segundo ano do mestrado – e lá se vão outros dezoito anos. Sempre amei os encontros em sala, a renovação que acontece no gesto de ensinar e aprender, o frescor das gírias, as piadas internas, esse adolecer permanente que os jovens nos oferecem.

Nas instituições privadas de ensino superior aprendi muito, mas pagava-se por hora-aula em sala, logo, para viver, era preciso aceitar muitas turmas. E, com isso, o planejamento, a leitura, a correção dos trabalhos, o silêncio necessário para pensar – tudo era espremido nas brechas. Os fins de semana se dissolviam em prazos, os almoços em família se tornavam leitura, o lazer cedia espaço à exaustão.

Quando cheguei à UFU em 2011, algo mudou. Descobri que para ensinar com profundidade, era preciso pesquisa, extensão, reflexão, era necessário tempo, não bastava mais reciclar slides velhos e repetir textos. Era preciso reinventar a forma de ensinar, criar estratégias que formassem psicólogos comprometidos com o enfrentamento das desigualdades sociais – ética, estética e politicamente.

O ano do pós-doutorado foi uma travessia, um tempo de estudo, sim – mas também de silêncio, de museus, de caminhos estrangeiros, de novas

culturas, de arte, de susto, de tédio, de beleza. Um tempo de andar devagar, de me ouvir. Tempo de reaprender o corpo e as emoções, tempo de cair na real: eu precisava partir para permanecer. *O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*⁷

Foi preciso coragem para sair. Coragem para parar. Coragem para me reencontrar. Esse afastamento foi minha saída de emergência – e a primeira vez, em muitos anos, que parti sem me perder de mim.

Eu não escolhi Barcelona

A pergunta que sempre tenho que responder é: por que Barcelona? Você já conhecia Barcelona? Tem amigos por lá? E a resposta é não para todas as perguntas. Eu não escolhi Barcelona.

Decidi trabalhar com Isabel Pellicer Cardona. Li alguns artigos dela – suas derivas, seus encontros com a rua, com a pesquisa em movimento. Quando escrevi para ela, no início de julho de 2023, meu desejo era estudar a deriva. Acreditava que ela me ajudaria em duas disciplinas: Arte e Formação de Psicólogos e Psicologia Comunitária. Fizemos uma chamada de vídeo, e Isabel me indicou algumas leituras sobre deriva – mas, fundamentalmente, sobre as chamadas marchas exploratórias.

Escrevi o projeto, organizei a viagem e comuniquei Isabel sobre a data de chegada. Ela me mandou mensagens antes da viagem e logo que cheguei. Mensagens cuidadosas, sempre me apresentando pessoas, ajudando a pensar na mudança, se prontificando a me mostrar a cidade.

Eu, sempre tímida e insegura, agradecia, mas não assumia o compromisso de encontrá-la pessoalmente. Fui encontrar Isabel no dia 4 de setembro de 2024, trinta e oito dias após a minha chegada, quando começaram as atividades na universidade. Ela me convidou para um café na Libreria La Central, na Carrer de Mallorca, 237, L'Eixample, às 10 horas da manhã – para, finalmente, nos conhecermos pessoalmente. De lá, iríamos juntas para meu primeiro dia na universidade. Como a UAB fica longe e precisaríamos pegar o trem, ela sugeriu essa cafeteria para me acompanhar no trajeto – assim, eu não me perderia. Pessoas cuidadosas são sorte extra na vida.

Isabel foi encantamento imediato; cheguei à livraria antes dela e esperei à porta. Quando a vi se aproximando, lembrei de seu rosto na chamada de vídeo de 2023, eu não sabia que Isabel era uma mulher alta, grande. Na hora em que a vi de perto, sorri e pensei em Renata Pegoraro.

Renata é uma amiga diferente de outras, conversamos pouco sobre assuntos pessoais – trocamos muito mais ideias de trabalho. Renata não gosta de festas ou encontros fora do ambiente profissional, mas sei que ela está ali, interessada em mim e no meu trabalho, e eu estou igualmente interessada nela.

Renata é alta, grande, tem um humor muito peculiar, quem a olha, vê um semblante sério, pois ela sempre faz uma cara de quem tem poucos motivos para sorrir. Mas ela é irônica, rápida, tem um humor ácido, diz coisas engraçadíssimas – e é uma ótima desenhista. Claro que o humor me anima, mas gosto mesmo é da competência, do jeito sério de se dedicar ao trabalho, aos alunos, aos projetos de pesquisa, aprendo demais com Renata. Dividimos disciplinas e damos todas as aulas juntas, ela é uma professora brilhante. Temos estilos opostos em sala de aula: eu mais palhaça, ela mais séria; eu falo de mim e faço rir, ela compartilha experiências de trabalho sem se expor em hipótese alguma, contudo, nossas temáticas se complementam. Renata me inspira.

Quando olhei para Isabel, sorri e ela acolheu meu sorriso tímido; foi um verdadeiro encontro espinosano. Ela estava ali, interessada em mim, em me ouvir, em entender por que eu havia ido à Barcelona, o que eu esperava dela e como acreditava que ela poderia me ajudar a fazer daquele ano um ano bom – acadêmica e pessoalmente. Com Isabel, caminhei pela cidade, almocei, tomei café, fofoquei, ri, sorri, gargalhei. Com ela fui à exposições e cinemas. Isabel me apresentou discussões novas, pessoas, lugares e abraços. Ela é um bom abraço.

Sempre que chego perto, ela fala do meu sorriso, diz que, não importa o motivo, o fato de eu estar sempre sorrindo a agrada. Escrevi no meu diário:

— Será que sorte é uma sensação?

Saí de inúmeros encontros com Isabel preenchida de ideias e coragem. Ela acolheu o tempo mais letárgico que vivi – e me fez companhia,

acolheu minha escrita e escreveu comigo.

Barcelona foi a escolha sem querer, Isabel foi encontro, e o que fica – e volta comigo – é essa certeza mansa de que alguns encontros não terminam, só continuam em outro lugar. Cheguei sem conhecer ninguém, e volto para casa com algo que não cabia na mala: uma mulher que me inspirou, e uma cidade que agora me habita.

Parte II
Cartografias da memória



Derivar

O que vim fazer em Barcelona?

– Derivar.

Para escrever esse texto, decidi procurar no dicionário o significado da palavra derivar. Primeiro, ele afirma que é um verbo transitivo indireto e pronominal, com dois significados: ser proveniente; ter origem; proceder – e – alterar o leito, desviar o rumo de. Acho que os dois sentidos me agradam, porque exatamente escrevo tentando reencontrar minhas origens, mas com objetivo maior ainda de alterar o rumo. Quando pesquisei os sinônimos o dicionário me ofereceu: advir; depender; descender; emanar; fluir; nascer; originar-se; proceder; redundar; resultar; sair; vir.

É lindo. Derivar é verbo.

É método de pesquisa e de intervenção.

É andar e se perder, mas não um perder-se sem rumo, é um perder-se que procura ver, que busca pensar e registrar o que vê, que experimenta, que busca novos caminhos. Que enxerga as pessoas, a política das e nas ruas, a organização dos corpos, a disputa entre os pedestres e os diferentes meios de transporte.

As cores e as ausências

A luz e a sombra.

Os silêncios e os barulhos.

As ruas escuras e as iluminadas.

Os comércios e os diferentes tipos de clientes.

Os jogos de poder.

E como tudo isso afeta os corpos dos caminhantes.

A cidade muda quando muda o ângulo do olhar, o ponto de vista, a perspectiva: se olharmos desde um carro em movimento, na solidão segura e controlada do carro; se olharmos a partir dos ruídos e da aglomeração de um ônibus; se olharmos muros e cercas, incluindo aí avenidas e outras fissuras que impedem passagens; se olharmos

no tempo do caminhar, se olharmos para o chão da cidade, suas marcas e a passagem do tempo; se virmos o peso dos passos; se olharmos as vitrines, se olharmos os fluxos das mercadorias; se olharmos as sombras e os reflexos, as copas das árvores e as nuvens; se olharmos o tempo dos pobres e repararmos suas invisibilidades, (...). Contudo, não é possível assistir à cidade, ela convoca, nos engole, nos invade.⁸

Ver a cidade derivando é ver a cidade com o corpo todo, é *corpografar*,⁹ tatuar a experiência urbana no corpo do caminhante. “Caminhar restaura o gosto de viver.”

Derivar!

Quando entrei para a universidade, entendi que parte do meu trabalho acontecia no território, portanto, caminhar era fundamental. Carlos Máximo, meu supervisor de estágio, me ensinou a caminhar lentamente, olhar, conversar com as pessoas na rua, tentar enxergar o que o cotidiano, a rotina, a correria impedia de ver. Fui psicóloga na atenção básica de uma prefeitura e novamente, caminhar, fazer visitas domiciliares, olhar, era parte do meu trabalho. Hoje, ministro disciplinas que também me exigem caminhar e explorar territórios. Mas, muitas vezes minha caminhada se dá, baseada em um afeto primário, o medo. Eu experimento, arrisco, me tatuo com o território, me aproprio, mas olhando desconfiada. Carrego comigo a menina que sentia medo na própria rua.

Não sinto medo em bibliotecas, em livrarias, nos pequenos museus de bairro aos quais se vai menos pela qualidade da exposição e mais para encontrar onde se aquecer, no resto do tempo, sinto medo. Talvez isso se deva a ao fato de eu ter sido educada por uma mãe inquieta cuja palavra de ordem era: Cuidado. Uma mãe que via risco em tudo: cair, se machucar, pegar friagem ou chamar a atenção de um predador.¹⁰

Lembro de mim com menos de 10 anos, caminhando da minha casa até a marcenaria do meu pai – era na mesma rua, uma distância de

aproximadamente 800 metros. No meio do caminho fui assediada por um adolescente de uns 15 anos. Senti um pavor terrível. Meu corpo exalava desespero e ele de modo competente, sentiu o cheiro da vulnerabilidade: prato feito. Todos os dias ele me via passar e me perseguia. Não lembro exatamente o que ele dizia, mas que me cercava e ria ao me impedir de passar e eu ficava em pânico. Conteí em casa o que estava acontecendo e meus pais decidiram me proteger. A partir daquele dia eu faria o trajeto de bicicleta; pareceu uma boa ideia, mas, já na primeira ida o menino se atravessou na minha frente, tentou me impedir de passar e quando eu fugi, ele correu atrás de mim, apavorei-me e caí. Sou péssima andando de bicicleta ainda hoje.

Não conteí mais nada em casa. Parei de fazer o trajeto sozinha e quando precisava, passava pela outra rua, fazia um percurso maior, pelo menos até crescer e mandar ele a merda. Um dia, jovem adulta, ele me parou na rua para contar o quanto era engraçado me assustar. Engraçado? Só ele riu, e eu, ganhei a fama de esnobe.

Tive outras experiências desagradáveis caminhando sozinha, mas nada tão assustadora quanto essa. Andar sozinha nunca foi algo confortável, é isso, ser mulher é foda! Ser uma menina é assustador.

O que vim fazer em Barcelona?

– Derivar.

As derivas me fizeram lembrar de uma música que eu conheci na voz de Luiz Gonzaga:

*Ai, ai, que bom
Que bom, que bom que é
Uma estrada e uma cabocla
Cum a gente andando a pé
Ai, ai, que bom
Que bom, que bom que é*

*Uma estrada e a lua branca
No sertão de Canindé
Artomove lá nem sabe se é home ou se é muié
Quem é rico anda em burrico
Quem é pobre anda a pé
Mas o pobre vê nas estrada
O orvaio beijando as fló
Vê de perto o galo campina
Que quando canta muda de cor
Vai moiando os pés no riacho
Que água fresca, nosso Senhor
Vai oiando coisa a grané
Coisas qui, pra mode vê
O cristão tem que andá a pé¹*

Derivar em Barcelona foi uma escolha e um desafio. Caminhei nesse perder-se registrado, sentido, corporificado. Caminhei de manhã, de tarde e de noite, caminhei com guias sobre arquitetura e história, caminhei com Pedro, Isabel e Rai. Caminhei com Sergi e o grupo de alunos da disciplina Psicologia Ambiental. Caminhei com Llüiza e os alunos do curso de catalão. Caminhei sozinha. Perdi a conta do quanto caminhei sozinha.

Derivei no Raval, Gótico, El Born, Sant Antoni, Barceloneta, Eixample, Sants, Port Vell, La Marina, Montjuic, Poble Sec, El Carmel...

Olhei.

Parei.

Registrei.

Me surpreendi.

Senti que reconquistava, pouco a pouco, o direito ao espaço público.

Sempre que retornava dessas derivas me perguntava: por que é possível caminhar livremente em Barcelona? Eu penso em respostas possíveis, mas não creio que seja mais fácil ser mulher em Barcelona. Penso

que uma boa iluminação pública é um fator importante. Os comércios de rua abertos até muito tarde também ofertam a sensação de segurança. O transporte público de qualidade movimentam pessoas e deixa a rua viva. Uma cidade turística com excesso de pessoas, convida a caminhada e favorece essa sensação de segurança.

Como farei para caminhar assim, livremente, sem medo, quando voltar?

Ladrilhar

Cheguei à Barcelona no último suspiro de julho, para um estágio pós-doutoral na Universidade Autônoma. As aulas só começariam em setembro, mas eu vinha acompanhada de um adolescente – e, por isso, cheguei antes, precisava me organizar na casa, vencer a burocracia, mas, sobretudo, garantir-lhe uma escola. Ele sabia da mudança, mas recusou-se a tomar parte dos detalhes. Dizia, com brilho nos olhos e certa arrogância juvenil: – Quero ser surpreendido. E assim, foi.

Nas primeiras horas após a aterrissagem quis voltar, assustou-se com a grandeza da cidade, com o traçado antigo do bairro Raval, onde moraria. Raval – um emaranhado de histórias, culturas e fachadas pichadas. Seus olhos buscaram segurança e não encontraram. Sentiu medo. E esse medo, tão nu, quase me paralisou, mas vesti uma coragem ensaiada, sorri e seguimos.

Duas semanas depois, entre idas a supermercados, encontros com assistentes sociais, registros e papéis, decidi escapar, queria um respiro. Escolhi Tossa de Mar – cem quilômetros ao norte, na Costa Brava. Mar transparente e morno, ruas de pedra, muralhas medievais, uma promessa de beleza.

A ida foi tensa: rodoviária cheia, ônibus lotado, olhares desconfiados. Ele me olhava como se dissesse: – Você sabe mesmo o que está fazendo? E eu não sabia. Meu espanhol tropeçava em si mesmo, e meu medo, embora disfarçado, andava lado a lado com o dele. Acho que a memória dele, sem pedir licença, voltou a Morretes/PR, a minha também. Fui lá duas vezes: uma antes de Pedro nascer, outra quando ele já corria pelas calçadas.

Era Natal quando embarcamos de trem em Curitiba. Morretes estava quieta, com seus comércios fechados e ruas preguiçosas. Almoçamos barreado¹². Não garantimos o retorno, e não havia mais trens, nem vans. Pedro, então com seis anos, chorava com a certeza de que dormiríamos

na rua. Voltamos de táxi. Quando cruzamos a porta de casa, havia alívio, mas também um gosto amargo, pois sua primeira viagem de trem virara crônica de perigo.

Em Tossa, no entanto, algo mudou, descemos do ônibus, atravessamos a cidade e chegamos à Villa Romana. Foi como se as muralhas falassem com ele. Apaixonado por história, seus olhos se acenderam, reclamou, é claro, – que eu não o havia preparado, que deveríamos ter estudado antes. Mas o que via o atravessava: torres, ruínas, pedrinhas romanas, peixes em água cristalina. Ali começava, de fato, sua viagem à Espanha. A estética o tocava, e era irreversível.

Quando eu era criança, cantava:¹³

*Se essa rua, se essa rua fosse minha,
Eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas de brilhantes,
Para o meu amor passar...*

Mas eu não cantava direito, a palavra ladrilhar era um mistério, eu dizia brilhar; mandava a rua brilhar. Naquele dia, em Tossa, a rua brilhou, não com diamantes, mas com a luz do reconhecimento, pois ali, me tornei outra mãe aos olhos dele, e sobretudo, aos meus.

Naquela rua de pedras e sal, me despi de versões antigas e me permiti ser, como se cada pedrinha no caminho também me reconstruísse. Ladrilhar não era sobre decorar ruas, era sobre pavimentar coragem. E, naquele instante, com delicadeza e esmero, me deixei brilhar.

Voy a estranãr

Meu dia começou como uma caminhada pelas ruas da Ciutat Vella, algo corriqueiro nessa escolha de derivar em Barcelona. Em frente ao Mercado Sant Antoni, uma senhora mayor, de cabelos brancos na altura dos ombros, esses por sua vez bem curvados, vestindo uma roupa toda preta, com um lenço preto enorme cobrindo pescoço e ombros para amenizar o vento frio do outono, estava parada com uma sacola que não parecia pesada em uma das mãos, seus olhos fitavam o chão. Um senhor, também mayor, também curvado, com cabelos tão brancos quanto os seus, parou ao lado e perguntou:

– ¿Estas bien? ¿Necesitas algo?

– No necesito a nadie, gracias. Estoy bien.

– Se quieres te ayudo a cargar la bolsa.

– No, estoy bien, gracias.

Ele seguiu. Eu segui. Ela permaneceu parada. O que esperava, não sei. Talvez esperasse alguém, talvez recuperar as forças nos pés e pernas de uma caminhada longa, um parente, quem sabe. Mas ficou ali, parada, e eu segui, enquanto meus pensamentos a acompanhavam... a senhora idosa, de ombros curvados e cabelos brancos me lembrou minhas avós Regina e Chiquinha.

Minhas avós, Francisca da Cunha Gonçalves e Regina Felicidade Pereira, foram duas mulheres parecidas e ao mesmo tempo completamente diferentes. Eram mulheres baixinhas, casadas uma única vez com o pai dos seus filhos, pobres, simples, trabalhadoras da roça, costureiras, e na minha memória sempre tiveram rugas, aquela carinha de vó.

Francisca era morena, tinha cabelos e olhos escuros, pele queimada de sol. Regina tinha pele mais clara – engraçado que, agora que eu escrevo, não tenho mais certeza se ela era clara ou apenas mais clara que minha

avó Chiquinha – cabelos desde cedo bem branquinhos, eram lisos e ela usava um corte reto logo abaixo dos ombros. Era uma mulher magra, mas tinha seios grandes, o que a fazia parecer mais gordinha. Ambas sorriam facilmente, pelo menos para nós, os netos. Não tiveram uma vida fácil, pois no tempo delas, ser mulher e casada, era sinônimo de subalternidade. Submissas sim, mas não sem brigas, sem caras feias, sem muitas reclamações, nada de acatamento fácil.

Vó Regina foi casada com meu avô Arnaldo até sua morte em 2004 e pouco antes de falecer, aconselhou-me a nunca casar. Vó Chiquinha ficou viúva cedo e sobre casamentos, ouvi que nunca se casaria novamente, queria ser livre. Ambas mantiveram os filhos por perto a vida inteira. Vó Chiquinha teve nove e Vó Regina cinco filhos. Claro os filhos se casaram, agregaram a família seus companheiros, depois os netos e bisnetos, mas sempre estiveram próximos, cuidando delas, convivendo com elas. Cada uma a seu modo, foi a melhor mãe possível e a melhor avó possível.

Minha vó Regina era uma senhora doce, sempre recebia com café e algo para comer, quase imediatamente após nossa chegada. Bolinho de chuva era marca registrada. Minha avó Chiquinha era engraçada, adorava uma fofoca e ria até das coisas tristes. Minhas duas avós costuravam, chegávamos e a máquina de costura estava lá, trabalhando. Não aprendi a costurar. Minhas avós tinham afeto para dar e vender. Com a vó Regina aprendi a receber os amigos em casa, com a vó Chiquinha aprendi a bordar. O maior desafio do bordado era receber um elogio pelo avesso. A gente bordava e mostrava as peças do avesso. Se o avesso estivesse limpo, sem linha embolada, ganhava muitos elogios, senão as frases eram: – Ainda precisa aprender, bordado bonito tem avesso bonito, uma boa bordadeira se conhece pelo avesso.

O bordado fala da gente?
Gente bonita tem avesso bonito?

Seria a beleza algo que se revela por inteiro, em cada dobra
escondida da nossa existência?
Será?

Mas, o que me fez lembrar minhas avós não foram os cabelos brancos ou o ombro curvado, foi a rua, aquela senhora mayor estava na rua, como tantos mayores que encontrei em Barcelona e outras cidades da Europa. Velhos e velhas que caminham sozinhos, alguns com auxílio de bengalas, uns em passos rápidos outros mais lentos, uns com compras diversas em suas mãos, outros parecendo apenas passear. Nas ruas, nos metrô, nos ônibus, nas cafeterias, nas livrarias, nos cinemas, nos teatros, nas exposições, nas rodas de conversas, nas danças de rua. Há velhos por todos os lados e isso, isso me fez pensar nas minhas avós, que viviam suas vidinhas em casa, saindo apenas para ir à igreja, costurando e bordando à espera das visitas para amenizar um pouquinho a solidão.

E que solidão é essa que nossa cultura impõe a seus idosos?
Por que saem tão pouco?
O que os impede de ir e vir nas nossas cidades?

Imagino algumas respostas: desigualdade social, transporte público de qualidade, segurança pública, lazer para todas as idades.

Não sei se um dia, voltando a Barcelona e ao Mercado Sant Antoni eu recordarei dessa cena. Sei apenas que hoje, esse lugar me fez recordar minhas avós. Eu sentirei falta dessas pessoas idosas na rua, dessa gente que conta de uma vida ou de muitas vidas possíveis, de um envelhecer que apesar de diminuir o ritmo, de alterar o corpo, de dificultar algumas experiências, ainda é vivido intensamente e na rua. É na rua que muito dessa vida acontece: um envelhecer público.

Sentirei falta da hora marcada para atendimento nos serviços públicos e do respeito ao tempo do usuário. Do Instituto Miquel Tarradel

– escola onde Pedro estudou. Da consulta na unidade de saúde quando a enfermeira se preocupou se Pedro estava feliz. Também sentirei falta do transporte público de qualidade, da crema catalana, do foleado de maça e do sabor dos morangos. Ah! Os morangos!

Ainda sinto o cheiro do meu avô

Saí de casa sabendo que a cidade estava em festa, a celebração em homenagem à padroeira, a Virgem da Misericórdia (La Mercè), tomava conta de vários cantos de Barcelona, a festa dura uma semana. E eu assisti shows de rock catalão, confesso, foi uma experiência diferente, senti um pouco de estranheza no desfile do correfoc, afinal, era a festa da padroeira e os demônios é que desfilavam! Mas, achei eles bem bonitinhos.

Me emocionei com a bateria que acompanhava o desfile, por um instante, me vi numa escola de samba, em um fevereiro qualquer, no carnaval brasileiro. Amo carnaval. Fui à feiras gastronômicas, fiquei paralisada com a aula de dança no parque, assisti à contação de histórias infantis em catalão. Mas o impacto, a emoção, a memória e o sorriso que veio disfarçando a vontade de chorar, aconteceu quando assisti, por acaso, o desfile dos gigantes. Gigantes, feitos de papel machê, desfilavam enquanto eram aplaudidos por uma multidão que festejava o folclore regional. O desfile era uma festa na passarela e uma festa para a multidão que o acompanhava. Fiquei hipnotizada e saí desse estado quando entendi que meu corpo estava ali, mas minhas memórias estavam com meu avô paterno.

Meu avô paterno nasceu em 29 de fevereiro de 1920, um ano bissexto. Tenho certeza de que isso muda radicalmente uma pessoa. Ele se recusava a receber os parabéns no dia 28 porque dizia que não havia nascido ainda e, menos ainda, no dia 01 de março, porque segundo ele, havia nascido em fevereiro. Assim, dizia que só fazia aniversário de 4 em 4 anos. Meu avô morreu aos 97 anos – ou, como ele preferiria dizer, aos 24 e meio. Esse jovem avô nasceu cantante, tinha um grupo folclórico chamado: Boi de mamão e dança portuguesa e ele cantava, animava plateia e era seguido por um grupo de crianças que dançavam coreografias, muitas vezes, pensadas por ele. Foram anos de apresentação, foram diversas homenagens.

Quando não cantava meu avô contava piadas, ninguém ficava

perto dele sem rir das histórias do tempo em que viveu em Porto Belo. Histórias que a gente ainda repete e ri: a carta da Tomasa; A congenca; A bardadebarbadebagri. Quando não cantava e nem contava piadas, ele trabalhava como marceneiro. Na marcenaria, perdeu um olho e cinco dedos. E isso, claro, também virava piada nas mãos dele. Se nesse momento você está se perguntando, será que ele perdeu uma mão inteira? Te respondo: não. Na mão direita ele perdeu o polegar, o indicador e o anelar. Na mão esquerda perdeu o polegar e o anelar. Como ele conseguiu perder o dedo anelar, na serra, sem afetar os dedos mínimo e médio ele nunca conseguiu explicar, mas fazia rir dizendo que assim não precisava mais explicar a perda da aliança de casamento. Fazia espetaculares portas e janelas, malas, brinquedos e seus próprios bois de mamão, maricotas e bernunças. Meu avô paterno, Arnaldo José Pereira¹⁴, conhecido como Seu Cueca, foi um cantante do folclore itajaiense, que organizava apresentações com músicas, danças e desfiles de gigantes, mais especificamente das gigantes, as Tirolesas ou Maricotas que envolviam a plateia com charme e elegância enquanto rodopiavam os braços e ele tirava versos falando que eram moças de família, prendadas, querendo casar. O boi, a bernunça, o cavalo meirinho, o pau de fita e as danças portuguesas, estavam presentes na festa. A bernunça provocava as crianças da plateia, até que se aproximava e engolia uma criança que depois de algum tempo saía de dentro dela vestida de bernuncinha. A criança nascia como bernuncinha e de espectadora virava integrante do grupo folclórico.

Meu avô tinha um cheiro incrível de pó de serra. Sempre amei aquele cheiro. Eu amava cada trabalho de madeira que ele fazia, amava ouvi-lo contar piadas e encantar à todos ao seu redor. Nunca dancei no seu grupo, meu corpo nunca me permitiu tamanha expressão de minhas emoções, mas adorava assisti-lo. Tinha orgulho de ver como era admirado por tanta gente, como se colocava na frente do palco e as pessoas o viam com fascinação. Amo madeira e ainda sinto o cheiro do meu avô. Não

sei dançar, nem contar piadas ou cantar. Mas sei quem sou por causa dele, sei que gosto de gente, gosto de reunir pessoas, mesmo que às vezes seja silenciosa. Sou professora e entendo que o contato com o jovem me mantém jovem, essa lição também aprendi com ele. O folclore de Barcelona eu não sei a origem. O catarinense, mais especificamente esse, do Vale do Itajaí, dizem que foi originado na região da Galícia, eu, defendo que a origem se deu na imaginação do meu avô, o Seu Cueca.

O medo do esquecimento

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós, não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (...). Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível. Aliás, eles não seriam suficientes, uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (Halbwachs, 2006, p. 30-1)¹⁴

Essas palavras de Halbwachs ecoam em minha própria experiência com a memória e meus medos. Eu sempre senti angústia com a possibilidade de envelhecer e perder a memória, deve ser por isso que tenho mania de diários – pensei nisso agora.

Meu avô Manoel faleceu quando eu tinha 12 anos. Eu me lembro dele já sem memória, no caso do meu avô, a demência havia iniciado logo após um atropelamento. Era angustiante vê-lo sofrer, preso dentro dele mesmo, não reconhecia a esposa e os filhos, nem acreditava que morava naquela casa. Na verdade, se dizia prisioneiro da mulher, que para protegê-lo mantinha o portão trancado; ele fugia, pulava o muro, caminhava sem destino, precisava que estranhos o trouxessem de volta. Quando se perdia e era questionado sobre seu nome, seu endereço ou qualquer outra informação, apenas lembrava aleatoriamente de um nome: Gentil. Gentil, meu tio, seu filho, era um fotógrafo conhecido no bairro, a casa dele era para onde meu avô era sempre devolvido.

Uma vez, meu avô ficou desaparecido por vários dias, perdido em um matagal, enrolado em um arame farpado, foi achado por estranhos. Eu não lembro direito dessa história, porque criança não participava da

conversa de adultos, a gente ouvia as coisas pela metade e não podia perguntar detalhes, mas lembro de vê-lo machucado e de imaginá-lo como uma criança perdida sem saber o que estava acontecendo.

Eu lembro que o meu avô tinha o beijo estalado mais gostoso do mundo, quando os netos lhe pediam a benção ele aproximava a boca da testa das crianças, fazia um bico e sem encostar, fazia um estalado com a língua. Experimente agora: faça um bico com a boca, leve a língua ao céu da boca e a force de volta ao seu lugar, você vai ouvir um clock!

Eu sempre senti medo de envelhecer e perder a memória. Quando estava casada, meu companheiro se lembrava de detalhes de dias, cenas, conversas, frases, entonações e caretas e, eu, não me recordava tão bem assim para me manter viva em conversas muitas vezes difíceis. Devo ser esquecida, acreditava.

Não me recordo de todos os amores que tive, nem quantas vezes entristeci por amor, mas lembro dos amores mais importantes e de tudo que aprendi com eles. Escaparam-me as contagens de quantos amigos já tive, mas sei o quanto o olhar deles me conta alegremente quem sou. Desconheço quantos olhares já me deixaram tímida, mas sei exatamente quando um olhar me desconcertou. Não sei quanta saudade eu já senti, mas sei o cheiro das minhas saudades.

Perderam-se da memória todos os lugares que conheci, porém permanecem diferentes pores do sol em viagens incríveis. Não sei quantos livros já li, músicas ouvi, filmes, shows e peças de teatro assisti, mas Eu sei por que o pássaro canta na gaiola, de Maya Angelou, me marcou para sempre – e por isso minha pug tem o nome Maya. Sei que sou outra depois de Caetano, Gil, Bethânia, Bee Gees, Abba, Marisa Monte, Carole King, Djavan, Vermelho como céu, mesmo sem saber exatamente como ou por que mudei. Não sei quantas vezes dancei, mas juro que lembro do dia em que dancei Odara, cantando enquanto meu corpo vibrava.

Não sei quanta dor de dente já senti, nem quantos remédios para

enxaqueca tomei, mas sei quem me deu colo quando estive cansada. Desconheço quantos quilômetros percorri de ônibus, mas sei do medo do assédio vivido e dos cheiros que me enojaram. Não sei quantas casas já habitei – fiz uma lista uma vez, certamente desatualizada – mas sei que mudanças reorganizam pensamentos. Não sei quanto sol já tomei, quantos banhos de mar apreciei, quantas praias diferentes conheci, quantos feriados em camping passei, mas lembro da infância na praia e de oferecer a mesma praia para compor a infância do meu filho. Perdi a conta de quantas vezes pintei os cabelos, mas sei exatamente quando aceitei que eram possíveis, mesmo insurgentes. Não sei quanto caminho já percorri, mas sei – e como sei – que não darei nem um passo atrás.

Gagnebin¹⁵ explica que a memória é uma atividade que exige uma parte intelectual, um afeto e uma imagem. Diz ainda que há na memória um processo dialético que se constrói na relação lembrar-esquecer. Há também uma temporalidade, passado-presente-futuro, pois ela acontece hoje no presente, nos reenviando ao passado e alterando o futuro.

Lembro de uma aula sobre identidade/constituição do sujeito, em que o professor explicava que precisamos de uma certa ideia de identidade, um saber quem sou, para que possamos nos mover no mundo. E que só percebemos as mudanças que acontecem dia a dia, a cada encontro, a cada afeto, a cada experiência, como mudanças concretas, quando olhamos o passado e identificamos os momentos cruciais. Há um eu antes e outro depois da universidade, da maternidade, da separação, da perda do meu pai, da mudança para Uberlândia, de Barcelona. Ou seja, não se percebe a mudança no dia a dia, se percebe quando se olha para o passado.

Compreendi, enfim, que esquecemos muito para preservar o essencial. Ainda assim, o medo persiste – não de esquecer tudo, mas de não reconhecer o que verdadeiramente importa.

Sete minutos de casa

Raval é um bairro central, um ponto estratégico para viver a arte em Barcelona. O Raval é um dos bairros do distrito Ciutat Vella, e isso o coloca na região central, próximo a quatro estações de metrô.

Muito do que vivi em Barcelona, descobri a pé.

Muito próximo de casa frequentei o Mercado Sant Antoni, o Cinema Renoir Floridablanca, o Teatro Goya, o Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, a Filmoteca da Catalunya, o Museu de Arte Contemporânea, a Praça da Catalunya, as Ramblas, a Livraria La Central del Raval, a Praia de la Barceloneta e o Jamboree Jazz. Esses foram alguns dos espaços que mais frequentei nesse tempo em Barcelona.

No CCCB assisti à palestras com temas diversos, fui a exposições de arte e me apaixonei por Agnès Varda. Assisti apresentações musicais, mostra de cinema catalão. Na Praça da Catalunya assisti uma banda de rock catalão. Fui várias vezes ao Jamboree Jazz para apresentações musicais diversas. No teatro assisti a peças incríveis e tive o prazer de assistir Ricardo Darín, eu amo Darín em *Um conto chinês*, *Truman*, *O segredo*, *A odisseia dos tontos*, *Argentina 1985*, *Um amor inesperado* e na peça *Escenas de la vida conyugal* não foi diferente; saí do teatro odiando o personagem e sorrindo por ainda amar Darín.

Mas quero escrever sobre uma descoberta particular: o Renoir Floridablanca, um cinema a sete minutos de casa. Foi lá que assisti O quarto ao lado, de Pedro Almodóvar, sem saber que esse filme me levaria de volta ao Brasil, ao momento mais difícil da minha vida.

Eu não sei quantos filmes de Almodóvar já assisti, mas foram muitos e amo todos. *A pele que habito*, *Tudo sobre minha mãe*, *Voltar*, *Dor e glória*, *Mães Paralelas*, *Má educação*, *Julieta*. Seus personagens são inteiros, são dicotômicos, têm sempre uma ética questionável, são vivos. A morte, a dor, o abandono, a solidão estão ali, nos chamando para a reflexão.

Nesse dia não foi diferente.

O quarto ao lado traz uma personagem que tem um câncer terminal e, sem qualquer tipo de tratamento possível, escolhe quando, onde, como e na companhia de quem ela quer morrer. A amiga que aceita acompanhá-la é exatamente aquela que mais teme a morte. Amizade é isso também. É estar perto mesmo que seu medo quase impeça de estar, acolher a dor mesmo que isso te faça sofrer junto, é escutar e compreender mesmo que você discorde do que foi decidido. É sobre respeitar a vida vivida pelo outro.

Eu já assisti a muitos filmes sobre pacientes terminais, sobre formas de morrer, sobre amizades e cuidados, mas, nesse, há uma cena, em que Martha, vivida por Tilda Swinton, está de pé, encostada na pia da cozinha, com uma roupa clara e uma luz enorme que vem da grande janela atrás dela. E quando eu olhei e vi aquela mulher branca, pálida, com uma magreza que evidenciava a doença, não tive como conter as lágrimas... Lembrei do meu pai, do último natal na casa da tia Leta, dele sentado à mesa de jantar, esquelético, tentando estar presente, quase não estando ali.

O quarto ao lado é o signo que me conecta com meu pai, na verdade, com um momento muito difícil da minha experiência com ele, porque meu pai e minha história com ele são maiores que essa cena, do que a ausência dele.

A luz que entrava na janela não me levou à Tilda, me levou para a madrugada da perda do meu pai, quando o telefone tocou, eram três horas da manhã, e já fazia meses que eu não dormia uma noite inteira de sono. Mas aquele dia foi intenso, havia passado o dia inteiro deitada na cama ao lado dele, cuidando, conversando, desejando manter vida onde havia só um restinho de corpo, muita dor e uma aparência difícil de olhar. Lembro da nossa última conversa, eu vendo que ele partia, insisti:

– *Não desiste! Não inventa de ir embora agora!*

Ele olhou para mim e com uma voz que quase nem saía disse:

– O pai tá indo, minha filha, e não é desistindo, é indo. Não tenho mais forças para resistir.

Saí do lado dele, dizendo que voltaria no dia seguinte, mas de madrugada, quando o telefone tocou, saltei da cama já chorando, imaginando que não deveriam ser boas notícias. Minha mãe atendeu rapidamente e do outro lado da linha minha tia Leta comunicava o fim. Demorei um pouco para me recompor, mas, logo, tive que sair para entender o que deveria ser feito, quais os próximos passos. Um misto de dor e angústia tomou meu corpo inteiro, mas meu pensamento esteve entregue às dores que uma mulher de 87 anos, minha avó, uma mãe, sentiria ao receber a notícia do filho morto.

Um fim anunciado.

Um aniquilamento acompanhado.

Mas uma morte é a certeza da falta.

E dói muito.

*“Todos os homens são mortais: mas para cada homem sua morte é um acidente e, mesmo que ele a conheça e consinta, uma violência indevida.”*¹⁶

Ele era um homem jovem ainda, apenas 55 anos. Um pai, um ex-marido, um filho. Na vida alguns papéis são mais intensos que outros, e, com ele, não era diferente, foi um pai e um filho muito presente e cuidadoso. Rir, talvez fosse sua qualidade maior. Era engraçado e gostava de gargalhar alto, quando ria era possível ver os últimos dentes da boca. Eu ainda me surpreendo quando meus amigos destacam minha gargalhada como minha característica mais marcante. Isso é genética preciso começar a contar, ou, aprendi ao lado do melhor, posso confessar.

Na minha cabeça uma série de cenas se passavam: nós dois brincando de cavalinho na sala ou jogando vôlei no portão da casa; indo à igreja; conversando sobre a vida; assistindo a jogos de futebol na televisão,

torcendo pelo Flamengo ou pelo Ayrton Senna aos domingos. Levada as festas e sendo buscada por duas ou três vezes na mesma noite porque ele sempre cedia aos pedidos de mais um pouquinho só. Admirando-o enquanto ele se tornava o centro das atenções nas festas de família, nas rodas de amigos.

Recordo do dia que eu esperei por ele, mais de duas horas, para o almoço e ele não chegou, nesse dia entendi que ele estava muito doente. Lembro-me de acompanhar ao médico e receber com ele um diagnóstico nada animador. De tê-lo esperado sair da cirurgia e quando viu o rosto do médico, ouvi-lo perguntar: – *não tem jeito né, doutor?* Lembro do último ano, as muitas consultas médicas e exames, a desistência da quimioterapia. O mergulho em benzedoiras e benzedores que prometiam milagres e, só eu sei, o quanto eu queria acreditar em milagres com ele.

O último Natal. Ele frágil, em uma aparência quase esquelética, seu rosto era tão magro que seus dentes pareciam maiores que o normal. A perda do apetite e da massa muscular era revelada em cada osso exposto e a fraqueza era certificada por sua incapacidade de sair da cama. Não esqueço do último Natal, cheio de restrições alimentares, ele se sentou à mesa do jantar e sua mãe, minha avó sentada ao seu lado o tempo todo, acariciava seus cabelos, conversando sobre as futilidades da vida, fazendo-o rir e exigindo que dessem a ele o que desejasse comer, sem restrições. O aniversário do sobrinho, filho da minha irmã, o único neto que ele conheceu, eu lembro ainda das conversas com minha avó que apostava todas as fichas em Deus e seus milagres, e eu me culpava por não conseguir acreditar em milagres.

Sempre penso na dor da fragilidade do doente e daquele que acompanha sua partida, nos rituais que fazemos buscando amenizar a dor da perda, da despedida sempre precoce, independentemente da idade. Nas justificativas que fazemos e nas forças superiores que nos apegamos para suportar o buraco deixado por aqueles que amamos. Eu sempre penso

nas coisas que meu pai perdeu. Perdeu o Flamengo sendo campeão da Copa do Brasil em 2024 ou a Libertadores da América em 2022. Não viu o Lula ser reeleito pela terceira vez. Não conheceu suas três netas meninas – Larissa, Rafaela e Luanna – e menos ainda, viu Pedro, meu filho, nascer. Não me viu me tornar professora universitária e ter uma vida boa, fazendo valer todo esforço que ele e minha mãe tiveram. Eu sempre penso nas coisas que eu não comemorei com ele e queria muito comemorar.

Eu nunca falei sobre como quero morrer, claro não penso na morte como algo próximo ainda, mas defendo o direito de escolher a hora certa de morrer, uma hora que seja antes da dor insuportável ou da completa perda de autonomia. Um exercício de liberdade, de um tipo de cuidado que sabe a hora certa de parar. Assim como a personagem Ingrid vivida pela atriz Julianne Moore, eu também não lido bem com a morte.

Uma cidade e um filho

Marquei uma ida a Tarragona, outra cidade próxima a Barcelona, e dessa vez fiz questão de comunicar Pedro com antecedência. Durante a semana, ele pegou um caderninho, abriu o notebook e fez anotações. Questionado sobre o que fazia, respondeu: – Vou te ensinar como se faz uma viagem para uma cidade histórica. No dia marcado, acordamos cedo e fomos de trem, dessa vez, eu me sentia a pessoa mais segura do mundo, sem medo, rumo a uma nova aventura.

Tarragona – chamada Tarraco quando era colônia romana no século II – fica a uma hora de Barcelona, na região nordeste da Espanha; tem praias lindas e é repleta de ruínas antigas. Começamos a visita pelo museu da cidade, para apreciarmos a maquete e entendermos por onde andaríamos, e ali, logo de início, fui surpreendida com a aula que o adolescente foi capaz de oferecer. Pegou suas anotações e explicou a maquete, os pontos importantes que precisávamos conhecer e como Tarraco se transformou em Tarragona. Ao lado da maquete, um vídeo contava a história e as mudanças da cidade – mas ele não me deixava ouvir, falava por cima, animado, entre o vídeo, a maquete e o caderno.

Sáimos de lá em direção ao *Paseo Arqueológico Murallas*, e certamente as muralhas ficaram mais impressionantes quando ele explicou que tinham 15 metros de altura, e os primeiros 3 metros eram feitos com pedras de 3 toneladas cada. A partir dali, as pedras eram mais uniformes. As muralhas tinham duas camadas externas e, por dentro, eram preenchidas com pedregulhos e lama.

Refletimos juntos sobre o peso das pedras, sobre os homens que as carregaram, o sofrimento de tantos na construção daquilo que agora admirávamos – e que nos contava, silenciosamente, de um tempo histórico. Estávamos espantados com a grandiosidade do lugar. Mas eu me espantava ainda mais com ele: com a dedicação, com a vontade de me

ensinar, com o cuidado.

O dia era de um calor escaldante. Paramos no fim desse primeiro percurso nas escadarias do Paseo, olhamos o maps para decidir o próximo destino, e ele disse: – Você já pensou que no futuro as pessoas vão ver as obras que o povo do nosso tempo fez e vão pensar: como fizeram? Quantos homens precisaram para isso? Será que vão sentir orgulho das construções que deixamos?

Seguimos.

A próxima parada foi o Circo Romano e, por fim, o Anfiteatro Romano. No Circo, percorremos os labirintos, e ele me explicou sobre as corridas de cavalos e as festas promovidas pelo imperador Domiciano no final do século I. Mas o que mais nos impressionou foi a observação que ele fez sobre a cidade: as casas ao redor do Circo haviam nascido sobre ele. As plantas das casas seguiam a estrutura antiga: os cômodos, as espessuras das paredes, as entradas, tudo repetia o traçado romano.

No Anfiteatro Romano, o calor nos consumia, mas a alegria dele ao chegar ao que nomeou – como o lugar mais incrível que já fui – me deu ânimo para mais uma visita às ruínas. As explicações sobre as lutas, sobre as festas nas quais o imperador assistia a homens se digladiarem até a morte, nos levaram de volta aos filmes romanos – mas agora com os pés tocando o chão da história.

Pedro estava alegre por si mesmo.

Alegre por ter viajado.

Por ser o guia.

Por ter me ensinado a planejar uma viagem estudando antes sobre o lugar. E eu, eu me alegrei por ele, pelo tamanho dele, pela dedicação, pela doçura, pelo entusiasmo.

Não é fácil ver crescer.

Mas é uma celebração.

É um alegrar-se.

Parte III

A alquimia dos encontros



Toda uma cidade no Raval

Raval foi o bairro onde passamos a morar. Um dos bairros da ciutat vella, o distrito mais antigo de Barcelona, composto pelo Bairro Gótico, El Born, Raval e La Barceloneta.

Fomos recebidos por Núria, a responsável pelo aluguel do apartamento de 20 metros quadrados. Entramos e largamos as malas. Ela foi gentil, explicou sobre o apartamento, onde encontraríamos supermercado com preços bons, os pontos de coleta de lixo. Fechamos a porta e Pedro disse: – Podemos voltar agora mesmo. Eu registrei em meu diário: – Senti medo. Não pela cidade, pela mudança ou pela saudade, mas por fazer Pedro infeliz.

Liguei para um amigo e contei do medo que senti e ele tranquilamente me disse: – *Não desista. Não desista do projeto e nem da companhia do seu filho. Dê um tempo pra ele. Tudo se ajeita se você estiver perto, se puder ouvir e acolher e você sabe como fazer. Vai ser uma experiência incrível, você vai ver.* Me acalmei e acalmei meu filho. Prometi conversar sobre o retorno em alguns dias se de fato ficasse insuportável. Tentei entender de onde o medo dele vinha, o que tinha impressionado tanto. Conversamos naquele dia e todos os dias seguintes, até ele afirmar: – *vai dar tudo certo mãe, estamos bem.*

Voltando ao Raval.

Ruas escuras e estreitas. Tem carros, bicicletas, patinetes, caminhões para coleta de lixo e pedestre. Tem criança, idoso, gestante, casais, pessoas em situação de rua. E o lixo na rua é cartão postal do Raval.

Paquistaneses, marroquinos e indianos são moradores e donos dos pequenos e inúmeros comércios do bairro e dividem com um milhão de turistas a verdadeira torre de babel das línguas faladas no Raval, e a confusão é o cartão postal do Raval.

Tem supermercados, mercados, mercearias, verdureiras, padarias, açougues e sorveterias. Tem restaurantes árabes, mexicanos, fastfoods. La

Boqueria é o cartão postal do Raval.

Tem farmácias, laboratório de análises clínica, tabacaria e venda de cannabis, tem cabeleireiro, barbeiro, manicure, pedicure e massagista. Tem livrarias e papelarias. Tem lojas com produtos para aquários, vendas de celulares e tatuagens. Tem sapateiros, costureiras, lojas de roupas de *punk rock*, loja de produtos eróticos, brechós, lojas de sapatos e de bijuterias. O Gato de Botero é o cartão postal do Raval.

Tem hotel 5 estrelas, hotel sem estrelas, prostíbulos e hostel, não vi motel. Policiais e cenas de violência contra jovens-imigrantes-sozinhos são o cartão postal do Raval. Tem arquitetura democrática, há pichações e funcionários públicos removendo as manifestações políticas em prédios do Raval. Tem praças de skate e praças de crianças. Tem lugares barulhentos e verdadeiros oásis. O cheiro de xixi é o cartão postal do Raval.

Tem material de construção, loja de ferragens, lojas de eletrodomésticos, lojas de móveis usados, loja de decoração e artigos para casa, loja de utensílios domésticos e de materiais para costura e bordado, loja de cerâmicas e de plantas. As reformas são o cartão postal do Raval. Tem dentista, pediatra e cartomante, não achei psicóloga. Tem igrejas e casa de show. Tem escola, centros de saúde e de assistência social. Tem cinema, teatro, filmoteca, museus e o CCCB. Tem lojas de vinil e de instrumento musical. As diferentes culturas são o cartão postal do Raval.

Há barulhos de todos os tipos. Pessoas de todos os tipos. Línguas de todo o mundo. Tem manifestação política e silêncio. Dá para se perder e se achar. O Raval é um excesso. O Raval é um bairro central, separado do bairro Gótico – extremamente turístico – apenas pelas Ramblas. Mas o passado do Raval conta dele ainda hoje, a começar pelo nome, Raval. De origem catalã derivado do árabe rabad, que significa subúrbio, no caso, bairro fora do muro. Quando Barcelona ainda era Barcino¹⁷, cercada pelas muralhas de proteção, o Raval nascia para fora das muralhas, segregado, proibindo de entrar quem não era bem-vindo e ao mesmo tempo recebendo os expulsos

da cidade murada. As muralhas já derrubadas se fazem cotidianamente presentes. Raval é um bairro majoritariamente de imigrantes, aqueles que não foram convidados, aqueles que mesmo próximo ao centro vivem a periferia, a miséria e o trabalho mal remunerados. Mas, só fui entender isso, conversando, escutando, buscando conhecer a história do bairro. Quando visitei o El Born conheci a história de Barcino e conseqüentemente a história do Raval e das Ramblas, mas comecei a entender melhor o Raval caminhando, observando, sentindo e me percebendo nesse lugar.

Fui com Isabel a uma exposição – Habitação e vulnerabilidade: do Raval ao Besos – com imagens e dados sobre a condição de habitação desses dois bairros. A iluminação, os ruídos, o espaço físico e a quantidade de vidas por metros quadrados, a qualidade dos serviços públicos oferecidos, as pessoas e suas vulnerabilidades. Imagens de apartamentos escuros, úmidos, sem ventilação. Escadas sem corrimão. Apartamentos sem sacadas e sem locais adequados para a secagem das roupas. Sim as roupas penduradas para o lado de fora das janelas são outro cartão postal do Raval.

A chegada do Natal e a decoração de luzes evidenciaram ainda mais a segregação. Enquanto toda a cidade era iluminada com luzes *fashions*, com pendentos gigantes, o Raval era iluminado com faixas de bolinhas coloridas. Uma iluminação simples e destoante do restante da cidade. Neste mesmo mês de dezembro em todas as portas, foi colado um aviso: *Não abandone seu lixo nas ruas*. Sim, havia uma campanha para redução do lixo nas ruas. Mas me pergunto: para que e para quem servem essas campanhas? Será que os moradores do Raval são desleixados e precisam aprender a coletar seu lixo, ou há poucas lixeiras pelas ruas e um excessivo número de moradores por apartamento? Há lixeiras adequadas para a coleta seletiva de lixo em todas as ruas, ou precisam os moradores caminhar longas distâncias para encontrar a lixeira que recolhe plásticos e outra que recolhe latas e outra para os vidros? Os caminhões de lixo passam com

que frequência no Raval? Será que o serviço público de coleta de lixo é ofertado adequadamente? Quem de fato seriam os culpados pelos lixos na rua? Não há lixo nas ruas do Gótico, de Grácia, de Sants? Eu morei no Raval e me pergunto, será que o lixo nas ruas produz o estigma ou o estigma impede o acesso a serviços de qualidade?

Morar no Raval me trouxe a lembrança de quando fui estagiária do Prof. Carlos Máximo na graduação em Psicologia. Carlos nos levou para estagiar em uma organização social que atendia crianças e jovens do Bairro Nossa Senhora das Graças em Itajaí, uma favela no morro da cidade. Atender as crianças e os educadores da instituição nos levou a entrevistar moradores do bairro, e uma das coisas que mais me impactou foram as falas de mulheres, trabalhadoras domésticas, que diziam que suas patroas não sabiam onde elas moravam. Essas mulheres sabiam que se outros soubessem que eram moradoras da favela, olhariam para elas de um jeito diferente, com desconfiança, mesmo que elas já fossem trabalhadoras domésticas há muito tempo. Essa mesma expressão, não posso falar onde moro, eu ouvi em diferentes momentos, quando eu supervisionava estágios em comunidades periféricas da cidade de Uberlândia.

O Raval me fez pensar do Bairro Glória, dos assentamentos Fidel Castro, Maná, Canaã, do bairro São Jorge, Dom Almir, espaços periféricos da cidade de Uberlândia, onde resido e trabalho. Ou seja, saber onde moram, produz um estigma que passa a definir a pessoa inteira. No Raval, no Glória, no Maná, não é diferente.

A sensação de insegurança é experienciada em algumas ruas mais escuras, mas posso dizer que nunca vivi qualquer cena que me constrangesse. Não senti medo, mas sei que minha cara revelava claramente que sou uma estrangeira, talvez uma turista, entre os estrangeiros.

E me arrependo de ter morado no Raval? Não. Em nenhum outro lugar eu viveria a sensação do espanto de outras pessoas perguntando: – Você não tem medo de morar no Raval? Cuidado ao voltar tarde para

casa! Será seguro seu filho ir e voltar da escola sozinho? As experiências que Pedro vivenciou na escola, sendo acolhido como o diferente entre os diferentes, aprendendo catalão e espanhol enquanto se comunicava em inglês com amigos cuja língua materna era radicalmente diferente da nossa ou do espanhol, ele nunca vivenciaria em outro bairro.

Essa Barcelona nada turística, nos acolheu. Essa torre de babel se preocupava em entender nosso português quando as palavras em espanhol faltavam nas conversas na rua. Sim, há um Raval escuro, úmido, com ruas estreitas, mas há muito calor humano. Há uma cidade inteira no Raval.

Vagalumes na Casa Batlló

Dia 21 de julho de 2024, último domingo antes de viajar, eu almocei com Emerson, Adriano e Lu, e após o almoço tomamos sorvete. Na despedida, Lu me abraçou e me disse: – Eli Regina, sei que te declaras ateia, mas vá na fé e se sentires algo ruim, pede uma benção a Gaudí. Eu agradei e claro não esqueci.

Logo que cheguei, na primeira semana, saí para um free tour que tinha como proposta conhecer a arquitetura modernista de Barcelona. Éramos umas 15 pessoas, contando comigo e com Pedro, além do instrutor, Martín. Martín começou explicando sobre a Ciutat Vella e o nascimento de Barcelona com a Eixample, sua região modernista. Iniciamos a caminhada pelo Paseo de Gracia e paramos em frente ao primeiro edifício a Casa Lleó Morera e logo ao lado, vimos a Casa Amatller. Nas duas casas, Martín identificou os nove pontos da arquitetura modernista. Foi fácil. Ele foi explicando e foi nos ensinando a ver. O, os pontos estavam ali, nas fachadas dos prédios, eram evidentes. Eu estava encantada com os detalhes da estrutura.

A caminhada continuou e paramos na Casa Batlló e La Pedrera, ambas de Gaudí e foi uma paixão arrebatadora, diferentemente dos outros arquitetos que evidenciavam o modernismo para ser entendido, Gaudí os introduzia sem clareza direta, exigia do espectador uma experiência estética. Os nove pontos da arquitetura modernista estão em Gaudí, mas é preciso tempo e talvez ajuda para ver, pois não é obvio, não está ali, destacado, pronto. É preciso saber olhar, saber ver. Martín nos ajudou, depois fui ajudada pelos audioguias nas visitas futuras que fiz.

Quando paramos em frente a La Pedrera, Martín contou que a obra se inspira nas ondas e nas espumas do mar, e tem duas inovações importantes, entre elas a fachada que não sustenta o edifício. A fachada foi feita depois do prédio pronto, ela é livre. Pode ser retirada e modificada

se for o caso, sem comprometer a obra. Eu confesso que considerei essa fachada que não sustenta o edifício uma analogia incrível com a psicologia, o eu que eu apresento aos outros não sustenta quem sou.

Saímos de frente a La Pedrera, direto para a Sagrada Família e confesso, os detalhes daquela obra – o manto de Cristo com os olhos que nos acompanham enquanto caminhamos, colocou Gaudí num lugar especial para mim. Diante das fachadas da Sagrada Família, entendi verdadeiramente, que a arte não se impõe apenas aos olhos, ela entra pela pele, pelas perguntas, pelo incômodo. Senti como se o tempo parasse, ou talvez eu tenha saído do tempo. E por um momento me senti, pequena e pertencente. A arte, quando é potente, não serve só para contemplar, serve para deslocar.

Dali começou uma saga pela arquitetura e a obra do Gaudí. Visitei o Park Güell mais de uma vez, entrei na Casa Vicens, no Palácio Güell, na Sagrada Família, na Casa Batlló e em La Pedrera. Os detalhes, os vitrais coloridos e as cores com tonalidades diferentes nas paredes escolhidos para compor a iluminação, a arte nas paredes e nos tetos revelando a natureza encontrada nos quintais das casas, o objetivo de cada cômodo, cada espaço, cada peça desenhada. Em um dos audioguias da Casa Batlló o narrador diz: o arquiteto de olhos azuis criou o arco-íris no céu de Barcelona. E termina a visita dizendo: a beleza pertence à todos. Se ele está certo nas duas afirmações não sei, mas eu, eu saí da visita certa de que carregava a beleza e todas as cores do arco-íris em mim.

A arquitetura orgânica e sonhadora de Gaudí, feita de curvas e vísceras, não fala só de fé ou de genialidade, ela fala de um tempo, de um povo, de uma cidade que ousou ser diferente. Quando entramos em um espaço como o Park Güell ou atravessamos o interior da Sagrada Família, não estamos apenas fazendo turismo, estamos habitando um gesto. E cada gesto artístico carregado de sentido forma as camadas de uma identidade, de um lugar. A arte se torna patrimônio, quando ao nos levar ao passado

nos liga ao presente.

Cada vez que saía dos encontros com Gaudí estava mais apaixonada por seu processo criativo. Gaudí era extraordinário e ousado na criação. Há uma assimetria e uma desordem que desconcerta meu olhar. Arte em recuos estranhos, colunas deslocadas, varandas de tamanhos distintos, tudo compondo uma harmonia do inusitado. É bonito e estranho. Em muitos momentos aquela arquitetura cheia de vitrais, mosaicos, decorações e flores e frutas, me levava à história de João e Maria e a casa de doce, com teto de marshmallow, com caminho açucarado, com janelas de açúcar, com portas de chocolate e paredes de bolacha.

Um dia passei a noite em frente à Casa Batlló e a iluminação estava incrível, piscava e ainda nem era natal. Me lembrei de Lu, para quem já declarei meu amor vagalume várias vezes. Gaudí e Lu são amores à primeira vista. Lu é meu amor-vagalume, já lhe contei que, para mim, vagalume é sinônimo de sedução, de luz, de brilho, de energia e acima de tudo de liberdade. Na minha infância os vagalumes tiveram função importante e eu cresci e os esqueci, até que em 2022, no show da Marina Sena em Uberlândia eu olhei para o lado e vi um vagalume dançando, brilhando, sorrindo. Um corpo que se movia enquanto era abraçado e beijado por todos que passavam ao redor, pura sedução. Era Lu, minha paixão vagalume.

Lu é brilho. Quando ele chega e aonde chega, os cabelos longos e o sorriso largo seduzem brilhando. Eu amo Lu e amo ser sua amiga. Ele tem voz doce, me chama de Eli Regina, e sua presença me traz uma paz imensa. Lu me mandou prestar atenção em Gaudí. Mandou pedir a benção a Gaudí. Lu me inspirou a me apaixonar por Gaudí do mesmo jeito que sou apaixonada por ele. Tem amigos que são assim, paixão e inspiração.

Quando penso em Gaudí, penso em como a pedra e o vidro se curvam para criar algo que pareça vivo. Quando olho a energia de Lu penso em como quero ser. Quando penso em mim em Barcelona com

Gaudí ou em Uberlândia com Lu, penso em como ambos me curvaram, por dentro pela beleza, pela energia, pelas luzes sim. Mas também pelas perguntas: Se a cidade é uma obra em construção, como eu quero habitá-la? Se a arte é um convite, a que estou sendo chamada agora? Se amizade é brilho, que luzes tenho projetado?

Quando a comida nos leva para casa

Saí para caminhar numa tarde de domingo. Em frente ao apartamento onde morávamos, virei à direita e caminhei até chegar às Ramblas. De lá, à esquerda, atravessei a Praça da Catalunya e, quando me vi, estava em plena Festa Major de Gràcia. As ruas, todas enfeitadas. A proposta, pelo que entendi, era a decoração das ruas a partir de materiais reciclados. Cada rua tinha uma decoração diferente. Muitas pessoas caminhavam pelas ruas e observavam os enfeites. Em algumas era possível encontrar músicos tocando, tendas com comidas e bebidas à venda, pessoas conversando. Algumas decorações convidavam a intervir, outras apenas a observar.

Era agradável, mas algo me incomodou. Não sabia ao certo o quê. O fluxo de turistas, a caminhada às pressas como se o objetivo fosse apenas ver e fotografar a decoração, a impossibilidade de contato com outras pessoas para entender qual era o objetivo da festa, que tipo de encontro era esse – tudo isso me inquietou. Saí cheia de questões: quanto calor humano foi possível experienciar antes do evento? Como organizaram os grupos para a preparação dos enfeites? E a montagem contou com a colaboração de todos da rua? Será que essa preparação permite que os moradores se conheçam e compartilhem suas vidas? Será que viver nas ruas do bairro de Gràcia permite experimentar um sentimento de pertencimento e solidariedade?

A internet me ajudou a entender que a festa é uma tradição que data de 1817. A decoração das ruas e das varandas é o ponto alto da festa, mas a música e a comida catalãs também são pontos fortes, com o objetivo de aproximar as pessoas da história e das tradições. Eu percorri as ruas, vi as decorações, ouvi a música, mas não senti vontade de experimentar a comida catalã, Pedro comeu algodão doce de uma das barraquinhas.

Uns quinze dias depois, Tati, uma brasileira que conheci em Barcelona, me convidou para almoçar na Fiesta de Sants. Ela começou contando que

a festa era mais simples que a de Gràcia, mas que era agradável. Na hora marcada nos encontramos. O almoço era na rua, uma mesa enorme cobria boa parte da via. As pessoas escolhiam um lugar para sentar-se e eram servidas pelos organizadores do almoço. A brasileira me apresentou várias pessoas – uma maioria de mulheres – e entendi rapidamente que eram vizinhas que moravam ali naquela rua, se conheciam, conversavam sobre a vida, sobre a comida, sobre o encontro.

Sim, havia um encontro acontecendo. Pessoas que se conhecem e dividem o espaço da rua, dos prédios, do bairro estavam ali conversando. Foi minha primeira experiência com todos falando em catalão. Entendi muito pouco do que diziam, mas era possível reconhecer sorrisos, gargalhadas, contato físico, expressões de felicidade ou de indignação, entonações diversas. Uma pena que não registrei a mesa posta e as pessoas nesse encontro, mas saí de lá com a certeza de que precisava aprender catalão se de fato queria tatuar no corpo a experiência de me subjetivar em Barcelona.

O prato servido foi Fideuá, um prato típico catalão feito com macarrão em vez de arroz. Achei delicioso e confesso que comi muitas outras vezes. Na Universidade Autônoma de Barcelona, sempre que almoçava, comia Fideuá, pois era servida como prato principal às terças-feiras. Após o almoço, Tati e eu decidimos caminhar pelas ruas enfeitadas, tudo muito simples: bandeirinhas. E o que parecia ser fundamental ali não eram as decorações. Não havia uma multidão de turistas, mas pessoas se encontrando. Presenciei abraços, pais e filhos dançando juntos, pessoas conversando. A qualidade do encontro parecia ser o foco da festa. Novamente fui para a internet ler sobre a celebração, e não consegui muitas informações, apenas que seu início datava de meados do século XIX, com o objetivo de homenagear São Bartolomeu, patrono do bairro.

Saí da festa sem questionar se os encontros anteriores teriam sido lugar de calor. Ali presenciei a rua e a festa como lugar de acolhimento,

e saí de Sants sabendo exatamente o que havia me incomodado antes. O foco aqui não é Gràcia versus Sants, é como me senti nesses dois espaços: em Gràcia o foco parecia ser a decoração; havia uma disputa em jogo, qual das ruas ganharia o prêmio de melhor decoração. Um bairro em disputa foi o que senti. Em Sants era um encontro, um bairro em festa, a oportunidade de abraçar os vizinhos e de ver e ouvir as histórias que na correria do dia a dia às vezes fica difícil.

Estar em Sants, comer no meio da rua, em festa, com mesa grande, gente barulhenta e afetuosa, me levou para casa, não para Uberlândia, embora pudesse – afinal tenho amigos que se reúnem ao redor da mesa e são afetuosos e barulhentos. Mas me levou para a casa da minha avó Regina, onde as festas aconteciam e a família se reunia ao redor da grande mesa e comia conversando e rindo. Não tenho como descrever esses afetos sem falar de comida: carne assada de panela, salpicão, sardinha cozida no fogão a lenha, escondidinho de carne seca e muitas sobremesas deliciosas.

Fatura de afeto é disso que me lembro ao falar da avó Regina. Eu deveria falar da carne assada, mas minha memória me levou para os bolinhos de chuva, vó Regina fazia dois tipos: um gordinho e moreninho e outro pálido. Sempre que havia bolinho de chuva bem moreninho, perfeitamente redondinho, frito em fogo baixo e cheirando a canela, havia na mesma mesa o prato de bolinho pálido, que eu nunca tive coragem de provar – fui uma criança difícil para comer – mas que sempre foi o preferido do meu pai e do meu irmão. Era um bolinho chato, bem fininho, bem diferente do outro, branco, pálido, mas que atendia ao desejo do filho.

Lembro-me perfeitamente da cozinha toda azulejada da minha avó Regina. Na porta havia uma escadinha de dois degraus. Na mesma direção da entrada ficava a porta do banheiro, a parede com a pia e o fogão de quatro bocas, e uma porta de saída onde ficava o tanque no quintal de trás. Na parede ao lado esquerdo ficava a porta que levava para a sala e os quartos, e um armário alto, azul, com portas longas onde ela armazenava

os alimentos. Estocar comida era uma necessidade emocional de quem passou pela escassez e viveu tempos que ela definia como de muita carestia, porque o preço dos alimentos no Brasil oscilava diariamente e todos corriam o risco de não ter dinheiro suficiente para as compras do mês.

Na parede à direita ficava o fogão à lenha, também todo azulejado, com a geladeira ao lado. Logo acima do fogão, uma janela com vista para o quintal de trás, ainda à direita da entrada ficava a mesa da cozinha, bem no meio, entre a pia, o fogão a lenha e a geladeira. A gente entrava e se sentava ali mesmo, era chegar na casa da avó e imediatamente ser recebida com café cheiroso e bolinho de chuva na mesa – isso foi uma aprendizagem importante.

Boa conversa é sempre na mesa, por isso quando alguém chega, merece café quentinho e conversas com sorrisos, merece o que gosta de comer para se sentir querido em casa. Minha avó me ensinou que quando recebemos alguém em casa, somos responsáveis pela felicidade de quem chega e que comida alegra o corpo e a alma. Vó Regina parava tudo que estivesse fazendo para conversar, exceto se estivesse assistindo à missa na televisão – daí éramos obrigados a assistir juntos e a dividir com ela o copo de água que ficava em cima da televisão, esperando o padre benzer, só depois vinha o café.

Um dia, depois da morte do meu pai, nos sentamos na escada da porta da cozinha e ela me fez prometer que quando morresse eu iria sempre ao cemitério levar flores e deixar tudo limpinho. Prometi. Fiquei por perto nos momentos difíceis. Mas, infelizmente, cumpri por pouco tempo a promessa feita. Mudei de cidade e abandonei o cemitério. Tenho, porém, uma irmã maravilhosa, e cada vez que sonho com a vó e ela me cobra uma ida ao cemitério, minha irmã dá um jeito nisso, somos parecidas mesmo, sempre fomos confundidas nas ruas do bairro onde crescemos. Acho que a vó nem sabe quem é quem.

Lembro do cheiro do pé de ameixa amarela – ameixa nêspêra – que havia na porta da casa da vó. Lembro de nós sentadas na escada da cozinha, tirando as ameixas do pé, depois descascando e comendo. A folia de cascas e sementes se misturava a todas as boas conversas. Os diferentes tons das frutas iluminavam o cenário da minha infância. Esses dias plantei um pé de ameixa na minha casa em Penha/SC. Já deu frutos, mas eu não provei – afinal só volto a SC no Natal e perco a época certa da ameixa. Mas o pé está lá, plantado, me lembrando que ter avós foi um privilégio, morar perto deles uma energia potencial. A família inteira morava na mesma rua: a vó materna na primeira casa, umas dez casas depois moravam os avós paternos, no meio da rua alguns tios e tias, e assim seguíamos até o fim da rua Odílio Garcia. Muitos ainda moram lá.

Eu sou extremamente saudosista, mas não sinto falta da infância, da inocência, das brincadeiras intermináveis. Sinto falta das pessoas, dos afetos que davam o tom das conversas, das fofocas sobre a vida, do carinho. Sinto falta do cantinho da mesa onde me sentava. Sinto falta das piadas do vô Arnaldo e das risadas das duas avós. Sinto falta do barulho da máquina de costura.

Hoje não sou mais difícil para comer, posso experimentar sem medo. Aqui em Barcelona provei outras comidas típicas catalãs. Comi *Mandoguilles amb sèpia*¹⁸; *Pollastre com gambes*¹⁹; *Esqueixada*²⁰; *Calamares rellenos*²¹; *Calçots*²². Algumas gostei muitíssimo, outras menos.

Mas sabe o que faltou?

Faltou gente reunida.

Faltaram conversas e gargalhadas.

Faltaram meus amigos de lá e os de cá.

Faltou a Tati e as senhoras viúvas de Sants que me receberam para o almoço e me fizeram reviver a infância comendo uma comida típica da Catalunya: Fideuá

Portas

Quando cheguei em Barcelona uma das coisas mais impressionantes na arquitetura foram as portas. Não que elas não tivessem chamado minha atenção em outros lugares, em outras viagens, mas ali, eu me dedicava a enxergar a cidade, sem a pressa de um turista, e com a calma de alguém que decide morar sem ter a correria do dia a dia para enfrentar. Eu podia olhar sem pressa, parar, admirar, registrar. Registrei muitas portas. Fui me encantando com os formatos, com os tamanhos, com os diferentes materiais, cores, peso. O peso das portas me chamava atenção.

Fiz algumas fotos e enviei para um amigo, para que ele me orientasse sobre como registrá-las, e ele me mandou um desenho simples, um rabisco rápido, me dizendo para registrar sem deixá-las tortas. Mandou áudios, me explicou em que eu errava, e, mesmo isso parecendo simples, não foi. Agora não bastava olhar e admirar as portas, tinha que enquadrá-las na fotografia, o que, declaro, foi um desafio.

Eu confesso que dei uma fraquejada quando entendi por que as portas eram tão altas e tão pesadas. Quando fiz o trajeto do Free Tour com Martín, ele explicou que os prédios não são simétricos. Que o primeiro piso é mais alto que os demais e que o piso seguinte é um pouco menor e os seguintes menores ainda. Martín então evidenciava, em sua fala, o que chamou de classismo. Segundo ele quem morava nos andares superiores era mais pobre, precisava subir as escadas e vivia em apartamentos com pouca altura. E o frio e o calor são mais intensos nos últimos andares. No piso principal morava o dono da casa, com pé direito alto, com portas altas e fortes que evidenciavam seu poder.

Eu quase desgostei das portas, mas, ainda não. Passei a olhar mais intensamente. A entendê-las no contexto do prédio e do tempo histórico. Fiquei um tempo para compreender onde e como aquelas portas me acionavam: que afetos elas despertavam? O que queriam contar? E,

partindo da premissa de que a cidade é o cenário dos encontros, pensei nas portas como abertura, como um elemento ora de vedação ora de passagem. As portas me levaram à Espinoza e aos bons encontros. Comecei a vê-las não apenas como elementos arquitetônicos, mas como metáforas: que portas se abrem em nós quando encontramos pessoas, lugares, ideias que nos transformam?

Entendo, lendo Espinosa, que os encontros com os outros, as coisas, os cheiros, as arquiteturas, as ruas, enfim, que em todo encontro, nosso corpo experimenta uma variação na forma de afetos. Assim, existem os bons encontros – encontros alegres que aumentam nossa potência de existir, aumentam nosso *conatus*²³, nosso desejo, nossa capacidade de nos relacionarmos com o mundo e os maus encontros – encontros tristes que diminuem nossa potência de ação. Os bons encontros me levaram ao Emerson. E aqui, a metáfora das portas ganha sentido pleno: há pessoas que são como essas portas de Barcelona – imponentes, generosas, que se abrem para nos revelar tesouros inesperados.

Quando cheguei à UFU, em 03 de outubro de 2011, assumi a disciplina dele, Teorias e Técnicas de Grupo. Emerson estava afastado para pós-doutorado e os alunos frustrados porque não teriam aula com ele, um professor muito querido por todos. Assumi a turma sabendo do risco, mas deu tudo certo. Eu acredito que o conheci um ano depois, no seu retorno, não sei exatamente como nossa relação começou, talvez eu o tenha chamado para comer em casa, sou daquelas que quando gosta de alguém, logo abrem as portas de casa e conhecem melhor enquanto partilham comida.

Ele é o amigo mais incrível que alguém pode ter. Talvez uma das qualidades que melhor o definem seja a generosidade em compartilhar. Eu tenho histórias lindas com esse amigo, foi dele, a primeira vez que ouvi, que eu era uma pessoa agregadora, em um dia em que recebia em casa, um grupo de colegas de trabalho, muito diferentes uns dos outros. Foi com

Emerson que eu tive colo em momentos pessoais e profissionais muito difíceis, ele liga, se preocupa, dedica tempo e escuta, ouve e faz rir, mas, acima de tudo, faz pensar. Eu sempre repito que nossas conversas deveriam ser gravadas, porque, do nada, sai uma ideia nova, de uma pesquisa nova, para um projeto novo, uma experiência nova. Ele compartilha, expande e me conta que sempre posso mais.

Gosto de trabalhar, de tomar café, de fofocar e acima de tudo de dançar. Ele tem um objetivo específico: tirar a Gretchen que existe em mim. Essa é uma brincadeira que ele faz para me provocar nesse processo de abandonar a minha versão tímida e me arriscar mais na vida, talvez na dança eu não consiga, mas sinto que me ajuda na expansão, na coragem, na ousadia para tantos outros aspectos, e que ter vivido Barcelona já é muito desse processo de libertar a Gretchen, mesmo sem saber dançar.

Nossa amizade abre portas internas de diversos tamanhos, e talvez seja isso que as portas de Barcelona quiseram me ensinar: que algumas são pesadas porque guardam coisas preciosas, que outras são altas porque nos convidam a crescer, e que as melhores são aquelas que, como Emerson, se abrem generosamente para deixar a vida passar.

Todo mundo nu

Desde 2013, Barcelona tem uma lei que proíbe sair nas ruas com o tronco à mostra, não se pode andar sem camisa, avisei Pedro antes de viajarmos. Barcelona deve ser uma cidade séria, um tanto puritana, imaginei. Um amigo havia comparado Barcelona com o Rio de Janeiro, alegre, vibrante, com gente colorida e falante pelas ruas, mas a lei do tronco proibido me fez questionar a comparação.

Verão escaldante. Muita coisa para conhecer. Fomos a praia. As praias, na verdade. Barceloneta foi a primeira porque dava para ir a pé. Dividimos o espaço da canga esticada no chão. Biquini e protetor solar. Shorts e quem sabe um pouco de protetor depois de um mergulho.

Olhamos para a direita e a primeira visão, uma senhora mayor de peitos expostos ao sol. — Não acredito que vim ao primeiro mundo ver o peito de senhorinhas que poderiam ser minha avó! Exclamou Pedro.

Conversamos sobre topless e liberdade. Avisei sorrindo que estava me ambientando, mas que logo eu também faria topless, o que ele protestou veementemente, lembrando que eu era sua mãe. Imagino que as mães não façam topless. Olhamos à esquerda e uma mulher completamente nua tomava sol. Ele queria que eu explicasse a tal liberdade de quem fica nu na praia e a contradição com: — a minha liberdade de não ver! Exclamou. Parei para pesquisar na internet se eu havia escolhido a praia errada, imaginei que estávamos em uma praia de nudismo. Não era. Era assim mesmo, sem tronco nu nas ruas de Barcelona e totalmente nus nas praias, sem aviso algum.

A internet nos contou ainda, que no dia 28 de outubro de 2023, o Museu de Arqueologia de Barcelona, abriu uma exposição sobre às grandes fotografias das duas estátuas gregas do século V a.C. do artista Luigi Spina, e a historiadora e atriz Irene Salas conduziu uma visita guiada com todos os visitantes completamente nus. Não completamente,

exagerei. Recomendava-se manter os sapatos. Rimos das notícias e dessa Barcelona nada puritana.

Pedro foi ao mar para que, na sequência, fossemos embora e em um segundo, sem nem ao menos molhar o umbigo, retornou. No mar, várias pessoas, homens e mulheres, estavam nus. Sem preocupação. Tranquilos. Curtindo o sol, o sal e a água transparente do mar. Retirei a canga da areia. Arrumei a bolsa. Partimos. No caminho, entre o mar e o asfalto, ali a céu aberto, na areia, o chuveiro nos aguardava. Rimos juntos. Quem escolhia manter a sunga ou o biquini para o banho de sol e de mar, na hora do chuveiro retirava completamente a roupa para um banho de água doce e para uma troca de roupa limpa. Frequentamos outras praias e essas cenas se repetiram.

A partir desse momento, nossos olhos passaram a prestar atenção a esse aspecto cultural que era bastante novo. Caminhar por Barcelona é encontrar um sex shop a cada duas ruas. Nas Ramblas da Catalunya, muito fácil encontrar vendedores de sementes em embalagens cujas fotos nos lembram órgãos sexuais. A cada esquina lojas de calcinhas fio dental com estampas de I love ... e, você pode completar as reticências com o que sua imaginação sexual puder oferecer. Reservados nas lojas de departamento com seções inteiras de calcinhas brasileiras, que, acreditem, estão perto do imaginário que difundimos e longe da realidade das calcinhas que encontramos no país. Lojas de churros em formatos de pênis e lojas de lembrancinhas de Barcelona com abridores de garrafa ou chaveiros em formatos e tamanhos que, acredito, deixaria muita gente com inveja.

Eu fiquei pensando de onde vinha essa ideia de que os corpos na Europa seriam mais contidos ou que os corpos brasileiros seriam mais livres? Acho que das reportagens sobre turismo sexual no Brasil. Ou do território em que fui forjada, das chacretes seminuas na televisão, que, com o passar dos anos, foram mudando de programa, mas as pouquíssimas roupas se mantiveram nas paniquetes ou nas bailarinas do Faustão.

Lembrei do requebrado das garotas do É o Tcham, da Boquinha da garrafa. Lembrei dos nus no Carnaval e da Garota de Ipanema exalando sensualidade. Dos concursos de garota da laje ou da banheira do Gugu. Da Gretchen e da Rita Cadillac. Sei lá, parece que a gente supostamente nasce com um borogodó e um corpo desnudo que pode ser mostrado sem problemas. A gente não, porque me faltou o borogodó a vida inteira e só agora perto dos cinquenta anos é que aprendi a mostrar as pernas, que posso dizer ainda são bem bonitas.

A verdade é que somos muito mais rigorosos nesses temas porque nossa nudez carrega malícia. Nosso biquini pode até ser fio dental, porque a fama da bunda grande, a gente também tem; mas topless e nu total é crime. Praia de nudismo temos apenas oito no Brasil, e três delas são de Santa Catarina; nunca frequentei. A gente aceita nu no Carnaval, mas saia muito curta pelas ruas pode ser justificativa para a violência sexual. Os números de estupro e feminicídio no Brasil continuam alarmantes.

Aos amigos empenhados em me ajudarem a libertar a Gretchen que existe em mim, aviso: depois dessa imersão na temática sexual tão tranquilamente vista nas ruas e nas praias de Barcelona, acho que minha inabilidade para o rebolado, culpa do samba que nunca chegou aos meus pés, pode ser resolvida com aulas de Flamenco e topless na Barceloneta.

Tempo para o Outro

Esses dias ouvi um podcast no qual a entrevistada era Viviane Mosé. Achei que ela não anda muito bem, sua fala estava meio um tom acima, até enviei o link da entrevista para Bárbara a fim de compartilhar uma opinião. Mas, apesar do tom, ela falou sobre Inteligência Artificial e o medo que temos que ela venha a assumir lugares que hoje são nossos, do humano. Viviane disse coisas importantes, falou que a IA veio para nos ajudar, pois se ela assumir um trabalho sobra tempo para o ócio, para o lazer, para a poesia, para a criação. Disse que não devemos temê-la, mas aproveitar o que ela tem de bom. Claro que a discussão feita por ela tem profundidade zero, afinal já sabemos que os responsáveis por atualizar a IA são homens e mulheres que constituem um universo de trabalhadores informais com remuneração abaixo de qualquer legislação, que Viviane sequer anunciou. Mas, aqui vou ficar com essa ideia de a IA nos ofereceria mais tempo.

Acredito que a vida como um todo exige tempo. Fico então pensando no tempo com o outro, na presença, na conversa, na escuta, na contenção. Temos tido tempo para o outro? Temos tido tempo para compartilhar histórias, para ouvir, para estar junto? A maioria de nós não. É uma correria danada. Uma trabalhadeira que consome nossa existência e nos faz perder de vista que o importante da vida é estar com. Quando foi que paramos de ter tempo para estar com alguém — só estar, ouvir, sustentar o silêncio e a companhia?

assim que me viu perdida
e atordoada
ela me abraçou
cantou e dançou comigo
sussurrou
vou te elevar
algumas pessoas

cessam guerras
num instante²⁴

Sempre que eu penso em tempo com o outro, penso em meus amigos. Naqueles que cessam minhas guerras, naqueles que me olham e veem em mim coragens que não tenho certeza de ter, talentos que desconhecia, potências adormecidas, enfim, me veem de um jeito que seria incapaz de ver sozinha ou de frente ao espelho.

Amigos são a família que escolhemos, seja de qual lado do oceano for. Amizade é um negócio precioso, que precisa de cuidado, de tempo, de investimento. São amores profundos. São eles que nos põem no eixo, que escutam e ajudam a pensar, que embalam e acalmam as tristezas, que incentivam a voar e tiram de casa amenizando a solidão, que se fazem presentes e elogiam a comida feita, que veem beleza onde antes a gente só via feiura, que dizem sobre nós coisas que a gente não se permitia reconhecer. Amigos nos fazem melhor.

Quem são os outros que nos acolhem? Essa é a pergunta que deveríamos fazer sempre. Quem são aqueles e aquelas que tem tempo para nós? Eu tenho tido sorte, tenho alguns bons amigos. As fofocas por mensagens de WhatsApp, os vídeos engraçados, a presença mesmo distante salvou meu ano.

Mas, tempo hoje tem nome: Juçara. Nossas chamadas de vídeo sem hora para terminar, me mantiveram viva e atenta a mim mesma quando a solidão batia e eu perdia a certeza do que fazia ali, tão longe de casa. Ju me atualizava da vida dela e me ouvia atualizar a minha. Me acolheu quando chorei e ficou feliz com minhas conquistas. *“Muitas mulheres podem se apoiar e criar vínculos se alguma delas tiver um problema ou se compartilharem um problema. Validar o sucesso de outra mulher é a questão difícil para muitas mulheres, mesmo para aquelas que se declaram feministas.”*²⁵ Mas esse não é o caso com Ju.

Eu conheço Ju desde 2005. Somos amigas desde então. Frequentamos nossas casas. Nos respeitamos no trabalho. Compartilhamos nossas

histórias, nossas dores, nossas vitórias. Rimos muito facilmente quando estamos juntas. Nossas histórias caminharam juntas sem precisar andar na mesma direção. Ela é amiga de todos os tempos — os difíceis e os prazerosos.

Amizade entre mulheres, é espaço político de sobrevivência. A gente aprende a olhar com generosidade, a torcer com honestidade, a dividir os cacos sem esperar aplauso. Sororidade é tempo. É doação e resistência em forma de abraço. Por isso, sempre que penso em tempo para o outro, penso nela. E penso em todas as outras que me sustentaram ao longo da vida. E, digo, eu até teria conseguido sem Ju, mas a alegria de nossos encontros facilitou minha vida aqui. Gracias.

Meus amigos são um bom encontro Espinosano. Encontro que aumenta a potência de existir, que amplia minha existência. Espero que Viviane Mosé esteja certa, que a IA venha para aumentar nosso tempo de lazer e ócio, assim teremos mais tempo uns com os outros. Assim terei mais tempo perto dos amigos, independente do lado do oceano onde esteja vivendo.

Neve, geladeira e sonhos compartilhados

Eu realizei um sonho de criança, agora, no carnaval de 2025. Fui ver a neve. Brincar na neve. Correr na neve. Fazer boneco de neve. E cantar *Let it Go*.

Eu amo carnaval — a música, os corpos dançando, a alegria que nosso povo insiste em manter apesar das dificuldades. Carnaval é nossa maior festa política, parte da luta de quem afirma continuar sorrindo mesmo quando querem nos ver tristes. Mas aqui em Barcelona, descobri que o carnaval era uma festa discreta, quase uma não-festa — e olha que Barcelona é boa de festas! Então, a decisão foi: vamos passear.

Vall de Núria, uma estação de esqui, fica a 2 horas de trem de Barcelona. Planejamos a ida, compramos o que precisávamos levar, e acordamos cedo. Pedro acordou meio desanimado, eu percebi, mas não comentei. Às vezes, o desânimo dele me desanima também, então faço de conta que não vi. Chegamos a Vall de Núria no sábado, que sabíamos que não iria chover e às 11 horas começaria a nevar.

Não tenho palavras possíveis para descrever o vale nevado. O manto branco que cobria as imponentes montanhas, do topo até o fundo do vale, exigia que meus olhos procurassem entender como as árvores continuavam verdes e vivas. Eu esperava um silêncio quase absoluto, mas encontrei o barulho do teleférico que levava esquiadores ao topo da montanha e famílias inteiras que se organizavam nesse desafio de caminhar com pranchas de esqui nos pés. O barulho, o céu azul, o branco, que talvez só um esquimó tenha vocabulário para descrever, alegraram meu coração de criança. A pista de esqui evidenciava uma neve quase especial, e, de tão alta, fazia a coragem alheia nos parecer uma loucura. As pessoas de diferentes tamanhos, sim, as crianças estavam lá também, desciam em uma fluidez invejável e faziam o esporte parecer fácil. Nós nem planejávamos chegar perto do topo daquela pista, fomos para perto do lago congelado e

jogamos pedrinhas para ter certeza do que víamos.

Quando pisamos na neve, Pedro disse: — Obrigado mãe, por me fazer ver tanta beleza. Eu nem queria vir hoje, mas estou aqui e é lindo. Essa caminhada me fez lembrar da praia com areia bem fofa. A gente anda e o pé afunda.

Eu precisei de óculos escuros. A luz branca, um branco nunca visto, invadia meus olhos, produzindo um tipo prazeroso de dor.

Pedro aproveitou a neve como uma criança, me fazendo criança também. Descemos um pequeno morrinho várias e várias vezes, sorrindo, gritando, quase atropelando outras pessoas como se estivéssemos no topo da pista de esqui. O perigo estava presente em nossa imaginação, isso é certo. A aventura era, na realidade, bem menos perigosa, nossa pista tinha alguns poucos metros.

A neve começou a cair e tiramos as tocas, porque precisávamos sentir a neve nos cabelos, no rosto, no sorriso. A gente sorriu ao sentir a neve. Quando era criança, minha avó Regina colocava uma xícara no quintal sempre que a chuva começava, porque a chuva vinha de Deus, então, era importante que fosse saboreada. A gente tomava aquela água de chuva e não tinha gosto de nada, mas a avó fazia questão de que descrevêssemos esse gosto divino, gosto de uma bênção. Claro que eu provei a neve e, se for bem sincera aqui, direi que não tem gosto de nada ou talvez de poluição. Mas, em respeito à minha avó, vou dizer que foi uma sensação refrescante. Acho que eu queria que ela tivesse gosto de picolé de limão.

Na hora de fazer o boneco de neve, que ganhou o nome de Núrio, uma memória inesperada me visitou: eu, criança, ajudando minha mãe na limpeza da geladeira velha.

Naquele tempo, as geladeiras não eram frost-free. De tempos em tempos, quando a portinha interna já não fechava mais, era preciso descongelar o equipamento. Em casa, o ritual da limpeza da geladeira começava cedo. Ela era desligada, todos os alimentos retirados das

prateleiras e gavetas. Como o congelador demorava para descongelar, a luta começava. Primeiro, uma grande vasilha vazia era colocada na prateleira mais alta. Na frente da geladeira aberta, uma cadeira com um ventilador ligado ficava virado diretamente para o congelador. O vento fazia seu trabalho auxiliando no derretimento do gelo, a vasilha recebia os pingos de água que caíam e com uma colher, a gente ia raspando aquela neve úmida e pegajosa, que seria perfeita para a confecção do boneco de neve não fosse a falta de solidez, consistência e tempo antes do derretimento. Quando o gelo derretia, o congelador era limpo, a vasilha retirada da prateleira, os alimentos congelados voltavam ao cativeteiro e a porta dele podia ser fechada novamente. A geladeira estava pronta para ser totalmente organizada. Para que a limpeza fosse considerada completa, terminávamos colocando um potinho com um pouquinho de pó de café para retirar o cheiro de geladeira. Era assim que minha mãe dizia.

Voltando ao boneco de neve.

Quando minhas luvas compactaram os grânulos maiores de neve, e eu fiz grandes bolas, que, apesar de parecer sólidas e consistentes, nada mais eram do que um amontoado de neve úmida e pegajosa, o Núrio nasceu. E quando nasce um boneco de neve nasce uma mãe. Piada ruim, desculpa. O que nasceu mesmo foi uma criança que decidiu que as próximas bolas feitas seriam para uma guerra de neve que travei com Pedro, sem pena nem medo de machucar. As bolas eram arremessadas como se o inimigo à frente precisasse ser vencido. Só parei a briga quando levei uma bola de neve na cara e lembrei de que meu adolescente podia ser bem mais ágil e forte que eu.

— Brincar na neve sempre foi meu sonho, disse Pedro. Essa é uma das alegrias inesperadas da maternidade: descobrir que alguns sonhos de criança são, na verdade, sonhos compartilhados, esperando o momento certo para se realizarem juntos.

Quando o passado emerge do chão

21 de agosto de 2024. Fomos ao El Born Centro de Cultura e Memória sem grandes expectativas, apenas curiosos sobre um espaço arqueológico que eu havia pesquisado superficialmente. Chegamos ao local, andamos, fotografamos, especulamos, apreciamos as duas exposições. No local, há uma exposição permanente com peças recolhidas pelos arqueólogos: pedaços de azulejos, pratos, copos, joias e maquetes que se modificam para contar a história temporal da cidade de Barcelona. E uma exposição temporária que nesse momento era *Per què la guerra?* com obras contemporâneas que tinham por objetivo auxiliar o espectador em reflexões sobre os prejuízos da guerra, os feridos, os espaços, as paisagens. Não fomos capturados pelas exposições. Caminhamos, olhamos, conversamos, mas nossos corpos não experienciaram as exposições.

Soubemos que em 30 minutos iniciaria uma visita guiada, decidimos participar. A visita se iniciou. Éramos apenas nós dois e o guia. Fizemos o percurso que começou na exposição permanente. Nos olhamos e rimos, como quem diz: vamos novamente ver uma coleção de azulejos.

Entramos na exposição permanente e ali, na frente da primeira maquete da cidade de Barcelona, o guia explicou sobre a guerra da sucessão, em 1650, quando o rei da Espanha morreu sem herdeiros diretos e seus parentes lutaram pelo trono, a cidade temia perder sua autonomia. Quando Felipe invadiu Barcelona, construiu uma muralha — um forte que o protegia de ataques marítimos e lhe permitia bombardear a cidade. Para erguê-lo, destruiu uma região inteira.

A população desabrigada passou a viver com parentes, nas ruas, mudando para outras cidades. Outros fizeram novas casas, menores, no bairro que hoje chamam Barceloneta. O trabalho dos arqueólogos, segundo o guia, permitiu a descoberta de como viviam famílias inteiras que foram expulsas de suas casas. As peças da exposição permanente, com

a ajuda do guia, começavam a fazer sentido, eram pratos, copos, acessórios pessoais, acessórios de cigarro. Ele nos mostrava as peças e contava do poder econômico das famílias, de hábitos cotidianos, de como viviam. A maquete que se movia, contava de uma Barcelona antes do forte e da invasão de Felipe, da expulsão das famílias e a construção e da derrubada do forte, onde hoje se localiza o Parc de la Ciutadella.

Quando nos mostrou a maquete da antiga Barcelona, o Barcino, entendemos que ela era toda murada no seu exterior e, que além dos muros externos, havia um muro que dividia a cidade onde hoje se encontra a Rambla da Catalunya. Desde nossa chegada a Barcelona, não compreendíamos a fascinação pelas ramblas, aquela grande praça em formato de rua, repleta de multidões apressadas e vendedores, não nos tocara. Mas agora, conhecendo a maquete, a guerra, a população expulsa, a derrubada dos muros, tudo ganhava novo sentido. Saímos da exposição pensativos. O guia fez da exposição outro lugar para nós dois; novas reflexões e afetos se iniciavam ali.

Descemos ao El Born, até o subsolo, para conhecer o trabalho realizado pelos arqueólogos. O guia começou contando que o El Born foi construído em 1876, obra de Josep Fontserè, e foi um dos primeiros edifícios de ferro e vidro, símbolo da arquitetura de Barcelona naquele bairro durante os anos setenta. Ali funcionou um mercado até 1971 (95 anos), e, com o fim das atividades comerciais, a cidade de Barcelona em um grande movimento local, decidiu preservar o espaço. Com várias ideias do que fazer ali, começaram a escavar e descobriram os restos arqueológicos. Havia, debaixo do El Born toda uma história preservada e que precisava ser resgatada, história de famílias, de uma cidade, de uma luta.

Questionamos o guia, sobre as construções ao redor do El Born, ele sorriu e disse que sim, debaixo de cada casa, cada prédio residencial e comercial ao redor havia muita arqueologia. E, sorrindo, continuou: — Mas a gente não pode expulsar as pessoas de hoje das suas casas, para

garantir a história das pessoas de ontem.

Sáímos de lá pensativos: será que os vizinhos do El Born sabem disso? Será que pensam sobre as pessoas que foram expulsas de suas casas? Para onde foram? Em que condições foram? Sabem que pisam diariamente em histórias? Conversamos sobre nossas vidas. O que temos debaixo dos nossos pés? Que histórias se escondem nos prédios da rua onde moramos? Nas ruas por onde trafegamos diariamente? Qual a história por debaixo do clube que frequentamos? Do chão onde se instalaram os prédios da Universidade onde trabalho? Talvez nossa história não seja arqueológica, mas há um passado escravocrata – de negros e indígenas — tem gente que veio antes de nós, e o que terá acontecido com elas? A gente tem pensado sobre isso?

A visita guiada, de fato, nos guiou. Guiou-nos pelo El Born, pela história da sucessão na Espanha, pela guerra, pela destruição e reconstrução da cidade. Nos ajudou a ressignificar as ramblas, mas nos mobilizou a pensar sobre nossa história, nossa vida cotidiana e ordinária. A visita guiada deslocou nosso olhar, nosso sentir e nosso pensar sobre a cidade onde moramos. Foi um mergulho na história, para conhecer o passado e repensar o presente, almejando um futuro melhor.

A janela que não se abre

O almoço desta semana me fez lembrar de uma janela, ou melhor, de um vizinho calvo, silencioso, invisível — exceto quando abre a veneziana apenas para fumar. Isabel e Jesús iniciaram uma discussão sobre o tema: você precisa de um catalão para namorar.

Isabel empenhada na tarefa, Jesús, contrário à proposta, porque, segundo ele, os catalães são todos iguais depois dos cinquenta anos: calvos, baixinhos, com pernas finas — e todos com a mesma cara. Eu ri, deixei eles brincarem e não opinei.

No prédio em frente ao meu apartamento há uma janela sempre fechada. Não importa se é verão escaldante ou inverno gelado — a janela permanece trancada. Mas não é apenas uma janela, é uma veneziana fechada, nada de sol, nada de luz.

A vida na Terra só é possível graças à iluminação e à energia que emana do sol. O sol que eu e Pedro tanto sentimos falta morando no Raval, com suas ruas estreitas e prédios altos, é difícil receber um solzinho em casa. Por isso, ele é tão desejado — e, ao mesmo tempo, rechaçado pelo vizinho.

O vizinho abre a janela, senta-se no chão da sacada e fuma, várias vezes ao dia, depois, retorna e fecha tudo. Agora, no inverno, ele sai de roupão — então tentei olhar suas pernas, mas ainda não sei se são mesmo pernas finas de homens catalães com mais de cinquenta anos. Eu não havia prestado atenção nos detalhes dele, até Jesús falar dos catalães no almoço. E, de repente, a cara do meu vizinho me pareceu se encaixar perfeitamente na descrição. Confesso que já imaginei várias coisas sobre ele. Primeiro, cogitei que tivesse um laboratório de metanfetamina — bem no estilo *Breaking Bad* — e que, por isso, precisava manter tudo tão sigiloso.

Depois, imaginei que fosse um marido abusador, mantendo a esposa estrangeira escondida, sem passaporte e sem contato visual, para que ela

não pedisse ajuda. Quem sabe um cafetão pé de chinelo. Ou dono de uma fábrica clandestina que usa imigrantes chineses em jornadas sem fim. Esses dias, me peguei pensando que ele talvez fosse um escritor — trancado em casa, dizendo não à todos os convites — escrevendo um romance sobre vizinhas bisbilhoteiras que inventam histórias sobre a vida dos outros.

Vizinhos... quando eu era criança e morava em um bairro pequeno, de uma cidade pequena, eu sabia da importância deles: um pouco de açúcar para terminar uma receita já começada, um remédio para a febre quando a criança adocece no fim do mês, uma companhia para a ida ao médico, alguém para olhar o seu filho.

Tive ótimas vizinhas quando Pedro nasceu. Primeiro, Andreara, nos primeiros meses, depois, com a mudança de casa, Gertrudes — nos primeiros anos. Ger, até hoje, é a terceira avó do Pedro. Ele sente saudade e disputa com a neta dela, a atenção da avó. Vizinhos, quando se tornam presença, são nossa comunidade, é poder contar com alguém que mora ao lado, o que torna a vida mais possível.

Lembro que, quando mudei para Uberlândia, estranhei a falta de bom dia no elevador. Vizinhos não respondiam às conversas iniciadas por uma criança. Pensei: cidade maior, talvez essas relações não sejam mais importantes. Nem presto mais atenção em quem são meus vizinhos. É isso: a vida corrida, o horário de trabalho, o pouco tempo para o lazer e para compartilhar a vida fizeram com que essas pessoas — tão próximas — se tornassem quase invisíveis.

Aqui em Barcelona, não compartilhei o elevador com nenhum vizinho, não sei quem são, nunca os vi. As outras janelas do prédio da frente nunca me chamaram atenção. Às vezes, vejo roupas no varal, vejo alguém varrendo a pequena sacada.

Só estiquei o pescoço uma vez, tentando enxergar alguma coisa, em um sábado de manhã, quando um vizinho distante amanheceu ouvindo Djavan.

Mas o vizinho da frente — calvo, baixinho, com cara de catalão, que só abre a janela para fumar — esse sim aguça minha curiosidade. Ele nunca me vê. Mas, do outro lado da rua, eu estou aqui: inventando e escrevendo histórias para preencher a janela que ele teima em manter fechada.

Mares que renovam

Pedro me perguntou se eu preferia a Praia Alegre ou a Barceloneta. Eu ri e disse: — A Praia Alegre, óbvio! Talvez não seja óbvio para quem lê, mas é para ele.

A Praia Alegre, em Penha (SC), tem gosto de casa — das infâncias minha e do Pedro. Tem gosto de amores e amigos, de muitos invernos e verões, de projetos de casa e de aposentadoria. Tem vista para o mar. É para lá que sempre dizia que voltaria quando me aposentasse; e talvez ainda volte.

Barceloneta foi a praia que mais frequentei nesse um ano em Barcelona, perto de casa, uma caminhada de vinte minutos, e já estava com os pés na areia. Fui sozinha, com Pedro, com amigos. Eu gosto da Barceloneta — principalmente aos domingos. Caminhar, ouvir o som do mar, ver o céu ficar cor-de-rosa no entardecer do inverno, sentir o vento no rosto. Quatro estações e a praia ali, pertinho. Banho de mar e de sol. Sorvete ou sangria. Pôr do sol. Areia e mar clarinho.

Gosto da história da praia, do barraquismo, do trilho de trem, das indústrias, do bairro operário e da reviravolta na preparação para as Olimpíadas. Fiquei surpresa quando Sergi Valera deu uma aula sobre o barraquismo em Barcelona e, depois, quando Llúisa — professora de catalão — nos levou para uma aula na Vila Olímpica e ambos comentaram que os catalães não apreciam a Barceloneta, é considerada praia de turista.

Praia de turista ou não, Barceloneta me atraía, assim como outras praias que conheci na chamada Costa Brava. Eu me sinto alegre quando caminho pela praia. Naquele dia, quando Pedro me perguntou qual eu preferia, respondi o óbvio — mas depois me lembrei de Carla Madeira, no livro *A natureza da mordida*, ela escreveu algo transformador, que eu demorei a entender, a me libertar, a viver: hoje em dia, acho que esse negócio de ter casa na praia reduz o mundo a uma paisagem só. Ir sempre

para o mesmo lugar, especialmente na adolescência, vai tornando o mundo pequeno demais²⁶.

Eu vivi essa redução, por muito tempo fiquei presa a um projeto de futuro na Praia Alegre. A um passado que dificultava o presente, a uma casa em construção. E deixei de perceber que projetos mudam, e que a alegria da praia está em mim — e em qualquer praia que eu vá. Há tons diferentes de azul no mar e de pores do sol. Há mares mais calmos e outros mais agitados. Mais claros e mais escuros. Mares com barcos ou apenas horizonte. Areias clarinhas, escuras, com conchinhas ou pedras. Farofeiros com lanches de todo tipo. Músicas diversas. Cangas de todos os tamanhos. Gente coberta, de topless, ou completamente nua. Há muitos mares que renovam a alma.

Por muitos anos, achei que tinha deixado minha alegria na Praia Alegre. Hoje, já sei: é exatamente o oposto. Eu carrego a alegria da praia por onde eu vou. Então, depois de pensar bem, não consigo mais ser tão óbvia ao responder à pergunta do Pedro. Nesse momento, eu prefiro mesmo é a Playa Gran, em Tossa de Mar: água transparente, peixinhos de muitos tamanhos e cores e, a alegria sempre comigo.

Cantinho brasileiro

A vida fica boa quando a gente passa a entender que tem muitas vidas dentro desta vida. Eu sou uma, mas já fui tantas. Mudei — e ainda tenho mudanças à experimentar. Uma vida antes de casar e outra depois da separação. Uma antes da maternidade e outra, profundamente melhor, com Pedro. Uma vida aos dez, outra aos vinte e outra agora, quase aos cinquenta. Uma antes do concurso, da mudança de cidade, e outra, oportunizada pela UFU. Uma na praia e outra na roça. Saí da pandemia prometendo a mim mesma uma vida nova: terapia, amigos, um amor, um país novo e muita coragem para novas e inesquecíveis histórias.

Esses dias, escutei uma entrevista de Maria Ribeiro para o podcast Senta Direito, Garota, de Juliana Amador, e logo no começo ela diz: — São as pessoas que mudam a vida das pessoas. Eu acredito demais nisso. Somos feitos de gente — e são esses encontros que nos modificam. Encontros que nos encorajam, nos desejam livres, nos impulsionam, nos empurram para o excesso, para a potência da vida.

Conheci Rai e Letícia na Universidade Autônoma de Barcelona. Letícia, mais calada, reservada. Rai, barulhenta, de gargalhada alta. Ambas com fartura de afeto. Uma alegria encontrá-las.

— Eliane, minha irmã, vamos jantar no Cantinho Brasileiro?

A voz da Rai, com seu sotaque cearense vibrando como um abraço, ainda me soa fresca. Cheguei na hora marcada e elas atrasaram 45 minutos, mas foram perdoadas, porque com elas vieram Rodolfo, Luana, Lígia — gentes que Rai acrescentou, porque ela é esse tipo de pessoa: tem energia boa, agrega e compartilha.

O Cantinho Brasileiro — restaurante aconchegado numa ruela do bairro Gótico — se tornou uma extensão de casa. Perdi a conta de quantas vezes jantamos lá. De quantas gargalhadas demos no Cantinho e no caminho de volta para casa.

Tati — e sua casa — também foi outro cantinho brasileiro. Com Tati caminhei, almocei, fui à Festa de Sants, fui ao Jamboree, fui a praia, conheci pessoas, festejei o Halloween. Tati é o Brasil em Barcelona.

Depois, encontrei amigas: primeiro Neide Lúcia, depois Mariana Pasqualotto e, por último, Luana Coelho. Elas trouxeram notícias suas e ouviram as minhas, com elas caminhei e olhei a cidade, jantei, conversei e ri. Aqui achei essa gente, minha gente, dos muitos cantinhos brasileiros, das muitas caminhadas, das idas ao cinema e dos drinks diversos. Elas amenizavam a saudade de casa, da minha gente brasileira que estava do outro lado do Atlântico.

Viver em Barcelona fazia parte do projeto de recomeço; mais um capítulo nesse exercício cotidiano de me fazer sujeito desejante. Mas não é simples sustentar o próprio desejo, vem o medo, a insegurança, a vontade de culpar outro quando tudo escapa do previsto. E, nessas horas, estar longe dos amigos é angustiante. Talvez eu não tivesse conseguido sem essas mulheres, sem os áudios longos, os memes, as mensagens desajeitadas de carinho, sem esses cantinhos de afeto, onde a vida, mesmo em terra estrangeira, encontrava de novo seu idioma.

Tens tu lata para fazer isso?

Nasci pertinho do mar. Morei a vida inteira pertinho do mar, mas fui entender que o mar é paz só depois de adulta. Eu sou feita de mar. No mar, descobri que o sol tem cheiro. Descobri que o mar refresca o corpo e aquece o coração, e que água salgada hidrata a alma.

Sou feita de palavras também: Tás tolo — nega — se quês, quês; se não quês, diz, e — segue toda vida reto — faz pouco tempo que parei de repetir. Não é fácil seguir toda vida reto, às vezes, a vida tem curvas sinuosas. Tem rotatórias. Rotatória é uma palavra bonita também.

Sou feita de gente. Gente que recebe com café e mesa cheia, que faz rir, que gargalha alto, que tem risada estranha demais, que tem tempo para ouvir. Gente que ama!

Quando fui morar em Uberlândia, em setembro de 2011, a cada conversa — fosse com o caixa do supermercado, no trabalho ou na escola do Pedro — as pessoas perguntavam se eu era carioca. Eu explicava que vinha de Santa Catarina, mais especificamente de Itajaí, litoral catarinense, e que meu sotaque tinha origem na imigração açoriana. Hoje, mesmo que os amigos catarinenses reclamem de eu ter perdido um pouquinho do sotaque — de ter aprendido a falar mais devagar, a dizer uai, trem e nóssenhora — tenho um amigo em Uberlândia que me chama de portuguesinha. Isso porque meu sotaque permanece.

Estive em Portugal em 2016, quando minha amiga Andrea Pesca morava lá e recebeu a mim e ao Pedro em sua casa. Estar com Andrea e Pedro — que, na época, tinha sete anos — foi uma experiência incrível. Lisboa foi um encontro. Sua história, suas ruas, sua arquitetura — tudo me lembrava de casa. Mas foi em Faro que me reconheci, quando chegamos e vi o mar, as pedras, o pôr-do-sol, eu suspirei e disse: — Eu vim daqui. E olha que Faro e a Ilha dos Açores têm mais de 1.500 km de distância.

Trouxe de Portugal vários chaveiros de sardinha. Sardinha é um dos

meus peixes favoritos. Acho o fato de ela ser pequena e alongada bem bonito. Gosto das cores também. Mas, acima de tudo, elas me lembram Itajaí, centro da pesca da sardinha no Brasil. Lembram a casa da vó Regina e o fogão a lenha, com a panela de sardinha ensopada sendo preparada o dia inteiro.

Quando minha mãe disse que viria nos encontrar em Barcelona para comemorar seu aniversário, pensei: — Será que ela tem lata para fazer isso? No dia em que comprou a passagem, eu decidi: vou com ela à Portugal. Minha mãe chegou para ficar quinze dias. Chegou sem mala — extraviada no aeroporto — e passou três dias sem roupas próprias. Mas sem tempo ruim. Caminhamos pelas ruas, conversamos, matamos a saudade e rimos muito. Pedro, sempre cuidadoso com a avó, preocupado que ela estivesse bem.

Lisboa e Sintra foram incríveis. Reencontrei lugares, compartilhei histórias vividas com Pedro, visitamos castelos, provamos comidas saborosíssimas, nos divertimos. Ah! Fomos à Fátima também. Mas... não há nada para se fazer em Fátima. Minha mãe repetia: — Se for a Portugal e não for à Fátima, então não foi a Portugal. Contava que ouvira isso de Juçara Clemens, e por isso precisava ir. Fomos. Fiz mamãe feliz. Mas, insisto, não há nada para se fazer em Fátima.

Falar dessa viagem me faz pensar na minha relação com minha mãe. Logo que cheguei em Barcelona, conversamos por chamada de vídeo, como fazemos todas as semanas. Ela me disse: — Minha filha, como tu és corajosa, ir morar em outro país sozinha com teu filho, eu não faria isso. E fiquei pensando sobre essa coragem...

Uns dias depois, em outra chamada de vídeo com meu irmão Eduardo, gargalhava contando uma história sobre a luta para conseguir o empadronament em Barcelona. Ele riu e disse: — Minha irmã, tu não negas ser filha da Dona Olímpia. Ele estava dizendo, entre risos, que somos iguais.

Não lembro que idade eu tinha quando entendi a coragem da minha mãe. Alguém que decidiu educar os filhos de forma diferente daquela que ela e seu companheiro receberam. Alguém que trocou tesouras, agulhas e tecidos por martelo, pregos e madeira — e uma Brasília amarela cheia de mercadorias para entregar — tudo para sonhar com uma vida mais confortável para nós e para ela mesma. Quando lembro da importância que aquela Brasília ganhava, vejo ali, sem dúvida, a coragem dessa mulher.

Quando a vida voltou a apertar, ela voltou a ser costureira. Acordava às quatro da manhã para enfrentar o trabalho numa fábrica de costuras. Enfrentou com coragem. Passou quase um ano em tratamento para um câncer, e saiu dele mais forte do que nunca.

E agora, prestes a completar setenta e três anos, veio sozinha, de Santa Catarina à Barcelona, para comemorar o aniversário comigo. Enfrentou uma viagem internacional sozinha, sem falar uma só palavra em outra língua. Não sei como pude me perguntar se ela tinha lata para isso. Coragem deveria ser o sobrenome dela. E a minha coragem tem endereço certo.

Interrogação invertida

O ponto de interrogação é como um anzol que fisga o leitor no final da frase. Em espanhol, porém, eles não confiam apenas nessa pescaria tardia — colocam uma sinalização logo na entrada da frase, como quem avisa: atenção, aqui vem pergunta. É o ¿, uma interrogação de cabeça para baixo, espelhando no início aquilo que só descobriremos no fim. O mesmo acontece com a exclamação: ¡ e !. Como se a língua castelhana tivesse descoberto o segredo de preparar o leitor para a viagem que está por vir.

Essa semana, sentada diante da tela com um artigo em espanhol pela metade, eu amaldiçoava esses sinais invertidos. Meu teclado, teimosamente brasileiro, me obrigava a caçar códigos especiais para cada ¿ e cada ¡. — Por que diabos eles precisam de dois pontos de interrogação? Resmunguei para Pedro, que acompanhava minha batalha tecnológica. Só para me complicar a vida! Exclamei.

Ele me olhou com aquela expressão de quem vai revelar algo óbvio que você nunca notou. — ¿Você já leu em voz alta? Perguntou, já incorporando o espanhol na conversa. — Sabe quando a gente vai lendo e de repente aparece o ponto de interrogação do nada, e você precisa mudar a entonação na correria para que os outros entendam que era uma pergunta e não uma afirmação? No espanhol, isso não acontece. O ponto de cabeça para baixo me avisa desde o começo que devo preparar a voz para perguntar. Termina a frase sem passar vergonha, sem parecer que estou afirmando quando deveria estar questionando.

Foi como se uma lâmpada se acendesse na minha cabeça — ou melhor, como se ela finalmente se virasse do jeito certo. Eu havia esquecido que pontuar no texto é sinalizar para a fala, que escrever é também ensinar alguém a ler. Aquele ponto invertido não era capricho espanhol; era cortesia com o leitor, um mapa oferecido generosamente antes da jornada começar.

Ri e agradeceu a Pedro por me ensinar perguntando — que é, talvez, a mais elegante das pedagogias. Mas nossa conversa não parou por aí, ele me contou que estar na escola em Barcelona tem sido uma educação na arte de questionar. Tudo é diferente ali, então as palavras como, por que, quando, de que jeito, com quem, contra quem, desde quando, em que lugar viraram suas companheiras mais fiéis. — Passo o dia fazendo perguntas e tentando verdadeiramente entender as diferenças, disse.

E então me mostrou sua coleção de interrogações dos primeiros dias de março, quando o Ramadã começou e apenas ele, um menino hondurenho e outro filipino mantiveram as refeições normais:

- ¿Qual o nome dessa roupa que vocês estão usando hoje?
- ¿Por que vocês estão de burca?
- ¿O que a burca significa?
- ¿Por que vocês não estão almoçando na escola?
- ¿O que é o Ramadã?
- ¿Quantos dias dura?
- ¿Qual a importância do jejum?
- ¿De que horas a que horas vocês precisam ficar em jejum?
- ¿É jejum absoluto ou só de comida?
- ¿E os bebês que mamam também fazem o Ramadã?

Mas a curiosidade de Pedro não se limitava ao mês sagrado. Havia uma arqueologia de perguntas acumuladas:

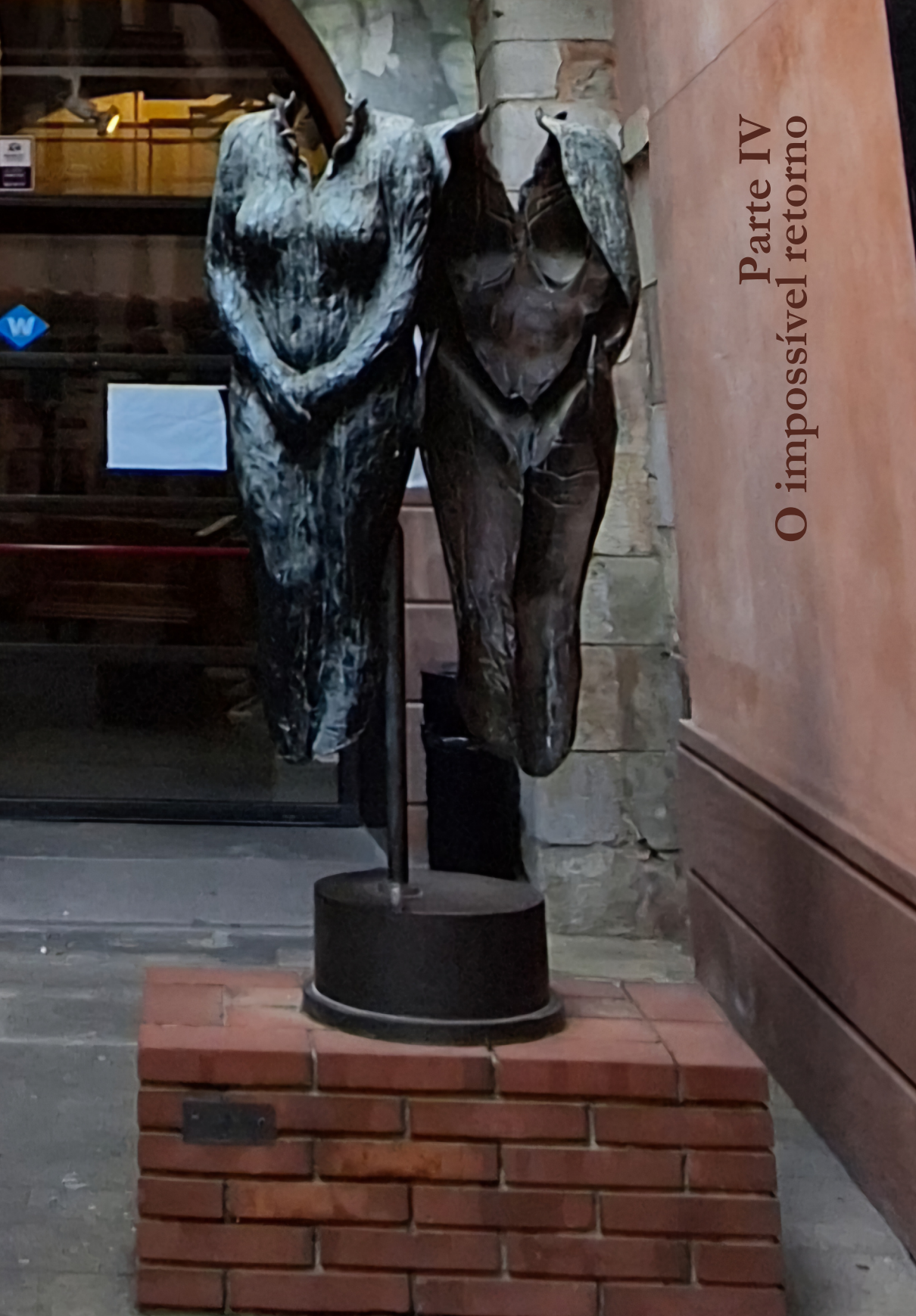
- ¿Por que as mulheres muçulmanas usam véus?
- ¿Hijab é o nome do véu?
- ¿Por que alguns hijab cobrem o rosto e outros apenas os cabelos e o pescoço?
- ¿Além do porco, que outras comidas vocês não podem comer?
- ¿Quais castas hindus são vegetarianas?

¿Por que todos os adolescentes têm bigodes?
¿Se a poligamia é permitida no islamismo, vocês têm duas mães em casa?

Escutando Pedro, percebi que ele havia descoberto o que aqueles sinais espanhóis já sabiam: perguntar é um ato que merece preparação, não se faz uma pergunta de qualquer jeito, jogada no ar como quem não quer nada. Uma boa pergunta se anuncia, pede licença, avisa que vem aí. Porque perguntar, no fundo, é um gesto de humildade — é reconhecer que existe um mundo inteiro que ainda não conhecemos.

Talvez por isso os espanhóis tenham inventado a interrogação invertida, para lembrar que toda pergunta começa muito antes do ponto final, que ela nasce na curiosidade, cresce na coragem e só então se transforma em palavras. E que o mundo, felizmente, está sempre de cabeça para baixo, esperando que façamos as perguntas certas sempre tentando colocá-lo no lugar.

Parte IV
O impossível retorno



O menino que me levou ao mundo

Quando olho para minhas mãos, vejo o tempo. Ele aparece em pequenas manchas marrons — lentigos solares, nome bonito para o envelhecimento que se anuncia aos poucos. Vejo essas marcas e lembro das mãos da minha avó Chiquinha: cobertas de manchas miúdas, como se o tempo tivesse respingado tinta ali. Lembro também da minha mãe, olhando para as próprias mãos e dizendo, num tom mais de súplica do que de vaidade: — Tomara que as minhas não fiquem assim. Eu já disse isso também. Não queria que minhas mãos se manchassem. Mas mancharam. E seguem se manchando, todos os dias. Há manhãs em que penso em ácidos, lasers, nomes químicos que prometem juventude em frascos.

E há dias — esses são os mais bonitos — em que apenas vejo beleza. Porque envelhecer tem suas dores: as manchas, a menopausa, a queda de cabelo, a vigilância constante sobre a pressão, o cálcio, os remédios. Mas tem também suas belezas.

Envelhecer é, enfim, perder a vergonha de ser quem se é.

É ousar.

É sonhar sem pedir permissão.

Cada um envelhece como pode.

Eu tenho envelhecido em ótima companhia.

Tenho envelhecido ao lado de Pedro, meu filho.

Tenho visto seus ombros alargar, sua voz mudar, seu pensamento se armar de perguntas grandes demais para a idade. Tenho ouvido seus dilemas amorosos, mas principalmente a angústia do futuro: — Mãe! Escolher uma profissão aos 17 é escolher a vida inteira.

Vejo meu filho pensar nos próprios privilégios: ser homem, branco, de classe média. Vejo a consciência nascer ali, entre os silêncios dele e os olhares que já entendem o mundo com mais nitidez do que muito adulto. Vejo, todos os dias, Pedro virar gente e virar homem.

Fui casada por dezoito anos. Vivemos coisas boas, planos feitos e refeitos, cumplicidade, erros, acertos. E o maior de todos os acertos: Pedro.

Mas meu companheiro não gostava de viajar, a casa era o refúgio e o destino. Receber amigos, cozinhar, reformar, assistir filmes. E meus sonhos de estrada foram ficando para depois.

Quando engravidei, desejei um parceiro de viagens. Não importava se seria menino ou menina — eu queria alguém que caminhasse comigo pelo mundo. Queria mostrar que a vida é maior do que as paredes da casa. Que existe beleza nas ruas que não conhecemos, nos idiomas que não falamos, nos cheiros que nos confundem.

Pedro cresceu e topou todos os rolês que inventei: feiras, filmes, clubes, caminhadas e viagens. Ele me ensinou que a rotina pode ser intensa, e que o tédio é só uma pausa entre duas tempestades. Que silêncio combina com tagarelice. Que a casa combina com história, com livros, com caos, com amor. Em 2024, ele veio morar comigo em Barcelona. Mais uma aventura da mãe, como ele dizia.

Com quinze anos recém-feitos, chegou à cidade e, em pouco tempo, tudo nele mudou. Não só o tamanho das roupas, mas o estilo, o jeito de andar. Queria parecer adulto e de certo modo, já era. Aprendeu espanhol e catalão. Se comunicava em inglês. Ouvia urdu, árabe, nepalês, hindi, tagalo — e entendia mesmo sem saber as palavras. Aprendeu a linguagem da entonação, dos gestos. Foi visto como o diferente. Na escola pública do nosso bairro, feita de imigrantes, ele era o brasileiro de sorriso fácil. A aula de acolhida, onde se ensina catalão, virou armadilha social: Pedro aprendia rápido, e isso criava barreiras. Alguns professores comparavam, sem perceber a desigualdade da comparação.

Pedro era lusófono, falante de uma língua latina, assim como o espanhol, catalão, italiano, francês, galego. Os outros falavam línguas de raiz radicalmente diferente.

Mas ele seguiu. Planejou viagens comigo, cuidou de mim nos

aeroportos, quando o idioma nos escapava. Escolheu museus, roteiros, ruínas. E fez um pedido solene: — Mãe, eu não volto ao Brasil sem ir a Atenas.

Visitamos exposições em Barcelona, Madri, Paris, Londres. Comparou todas com a Japan House de São Paulo — seu espaço de exposições preferido.

Derivamos por ruas e becos. Dividimos o peso das compras, as rotas do metrô, o cansaço do fim do dia. Vivemos em 20 metros quadrados, como ele dizia: uma casa, não um lar. Dormimos em camas lado a lado. Privacidade era um luxo.

Talvez eu tenha entendido que ele cresceu num voo de volta de Berlim, estávamos lado a lado, ele com fone de ouvido, eu em silêncio. Uma mensagem ruim do Brasil ainda latejava na minha cabeça. Pedi um dos fones, ele me entregou. Compartilhamos sua playlist. E ali, ouvindo as músicas dele, entendi: não era mais a minha trilha que ele seguia. Era eu quem, agora, ouvia a dele.

Lembrei das muralhas de Tarragona, das explicações dele em Roma. Lembrei do Muro de Berlim, da cidade dividida, da história que ele sabia e que a escola jamais me ensinou. Sim, ele cresceu, está crescendo. E vê-lo crescer dá sentido às manchas nas minhas mãos. Ao envelhecer do meu corpo. Porque envelhecer é ter o direito de permanecer. De ver esse menino virar homem. De vê-lo sensível e doce, irônico e terno. Múltiplo.

Que minhas mãos, então, fiquem como as da vó Chiquinha, cheias de marquinhas de tempo. O que eu quero mesmo é continuar aqui, por perto. Ouvindo suas músicas, seguindo seus caminhos, vivendo esse amor que também amadurece.

O afeto da espera

Quando me mudei de Santa Catarina para Uberlândia, em setembro de 2011, era a primeira vez que saía definitivamente do meu Estado e das duas cidades onde morei: Itajaí e Penha. Os três primeiros anos foram de um vazio completo. Por mais que tentássemos nos adaptar à cidade, à rotina, aos trabalhos, às novas pessoas, tudo nos fazia sentir que ainda pertencíamos ao passado.

Cada feriado prolongado era motivo para arrumar o carro e percorrer os 1.150 quilômetros que separavam o presente do passado. Acordávamos às três da manhã, já com o cooler cheio de água, suco, refrigerante e energético. A garrafa de café e os lanches também estavam organizados. Cadeira de criança no carro, brinquedos, pendrive com as músicas da viagem — e bora começar o trajeto de, no mínimo, quatorze horas. Nós nos revezávamos entre a direção e a atenção ao Pedro, que, de tempos em tempos, perguntava: — Já é a casa da vovó?

Com o passar dos anos, fomos diminuindo as viagens, mas, ao menos uma vez por ano, íamos para casa. Sim, para casa. Era assim que nos referíamos a Penha.

Depois que me separei, passei a preferir ir de avião. Mesmo assim, fiz o percurso de carro seis vezes — duas delas com parada para dormir, as outras direto: quinze, dezesseis, até dezessete horas de viagem.

A viagem começava animada. Cantávamos, olhávamos a paisagem, conversávamos, e olhávamos de novo a paisagem. E assim os mil quilômetros passavam, aparentemente rápido. Até que restavam apenas cem, cento e cinquenta quilômetros para chegar. E esse trecho final... se arrastava. É impressionante a sensação de espichamento que os quilômetros finais proporcionam. A coluna — que nem lembrávamos que existia — começava a gritar. Os braços não suportavam mais a mesma posição. O pescoço carregava o peso da péssima ideia. A gente sentia o

cansaço do carro, a vontade que os pneus tinham de parar de rodar. Essa hora final se espicha de tal forma que o tempo, o do relógio, perde o sentido. É a hora longa. A hora interminável. A hora de perguntar: — Por que estou fazendo isso de novo?

Em Barcelona não foi diferente. O espichamento veio logo no início. Assim que setembro começou, Pedro disse: — agosto foi o mês mais longo da minha vida. Quando planejei a viagem, decidi chegar à Barcelona no fim de julho, para ter o mês de agosto livre, sem aulas, e conseguir resolver tudo: moradia, ambientação com o bairro, transporte, matrícula escolar e documentação. Mas isso foi mais rápido do que imaginei. De repente, estávamos nós dois — sem aulas, sem amigos, tentando descobrir o que fazer, que rotina construir — dentro de um apartamento pequeno. Então, sim: agosto foi interminável.

Quando recebi o calendário escolar e vi que tanto Pedro quanto eu teríamos atividades até 20 de junho, decidimos voltar em 30 de junho. 336 dias. Tempo suficiente para viver devagar, mudar devagar, experimentar devagar. Tempo de sonhar, realizar, conhecer, fazer amigos, estudar, sei lá quantos verbos mais cabem aqui.

Talvez o espichamento seja isso: um afeto que nos alerta sobre o quanto desejamos chegar. E o quanto, no fundo, sabemos que o fim de uma travessia também carrega despedida.

Internacionalização de mim

Pediram que eu escrevesse sobre internacionalização, recusei. Não queria falar sobre documentos, indicadores ou metas, eu queria contar do que me atravessou.

Lendo os documentos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), fica evidente que a internacionalização é um conjunto de estratégias que visam integrar instituições de ensino superior brasileiras com instituições internacionais, com o objetivo de fortalecer a produção intelectual. E a mobilidade de estudantes e professores é apenas um desses mecanismos.

Eu vim, mesmo sem bolsa de pós-doutorado. Entendi que isso não seria um problema, porque eu me organizava há muito tempo para essa experiência. Vir sem bolsa me deu liberdade para explorar outras cidades e países além de Barcelona, na Espanha. Nesse período, me dediquei a estudar, escrever, vivenciar novas culturas. Frequentei aulas de catalão, com o objetivo de experienciar mais verdadeiramente Barcelona e a cultura catalã.

Particpei de disciplinas do Máster Interuniversitario en Intervención y Gestión Ambiental: Persona y Sociedad (MIGA) — Psicología Ambiental e Participación i Sostenibilidad. Assisti a várias palestras em diferentes eventos da cidade, fui a museus e exposições — viajei para isso.

Fiz conexões, conheci pesquisadores, escrevi artigos científicos com eles. Orientei mestrandas e doutorandas por chamadas de vídeo semanais. Particpei de bancas de mestrado e doutorado. Me abasteci de conhecimentos e experiências para ministrar as disciplinas sob minha responsabilidade na UFU. Mergulhei na cultura, nos museus, nas palestras, nas exposições. Mas o mais importante, nesse processo que chamam de internacionalização, foi o que aprendi de mim — e que ainda sou incapaz de nomear.

Ao me experimentar em cenas e situações que nunca havia vivido, pude me observar de modo inédito. Quase como se fosse possível produzir uma distância *exotópica* e um *excedente de visão*²⁷ de mim mesma. Fiquei mais criativa para resolver problemas concretos de uma vida nova. Arrisquei. Arrisquei viajar por lugares onde não dominava a língua, morar fora do meu país, sem rede de apoio. Andar sozinha.

Experimentei um tipo de solidão que faz pensar muito e falar pouco — mas que também liberta. Liberta porque permite viver sem ser vista, analisada, comparada, julgada. Uma solidão entendida como afeto, que me permitiu me ver melhor.

Caminhando pela cidade — ou por algumas cidades — reencontrei meu corpo, meus pés, pernas, costas, meus afetos. Pude me assombrar com a vida. Contemplei a beleza, os sons, os silêncios, os cheiros, os sabores. Me emocionei a cada conquista. Abracei a coragem em cada medo superado. E é por isso que insisto: a internacionalização mais profunda que vivi não foi a dos papéis assinados. Foi a de me perder em outras línguas para me reencontrar em silêncio.

Deus, entre trilhas e templos

Meus pais sempre frequentaram igreja católica. Frequentar é uma palavra fraca para o que vivemos. Eles iam às missas, participavam de encontros de casais, liam na igreja; o padre da paróquia almoçava muitos domingos em nossa casa, nossa vida era, enfim, atravessada pelas crenças católicas. Lá em casa não se assistia a novela, não se conversava sobre sexo — muitos não estavam presentes. Meu irmão Eduardo foi seminarista, queria ser padre, e claro, isso era o orgulho da minha mãe, que não conseguiu esconder a decepção quando ele decidiu desistir do celibato para virar engenheiro.

Não sei exatamente quando comecei a desconfiar que Deus pudesse não existir, mas lembro de duas conversas importantes: uma com meu pai, outra com meu irmão. Fui dizer ao meu pai que não tinha certeza da existência de Deus, e ele, calmamente — ao contrário da minha mãe, que ficou furiosa — disse que Deus era mesmo uma questão de crença, e que ninguém, nem os que acreditavam nem os que não acreditavam, poderiam afirmar alguma coisa. Portanto, se eu não quisesse mais acreditar, seria uma decisão minha — e nunca uma certeza.

Com meu irmão, a conversa foi definitiva. Quando voltou do seminário, Eduardo tinha certeza de que Deus não existia, e para me ajudar, repetia uma frase libertadora e fundamental nesse processo inicial de deixar de crer: — Deus não existe. Mas, se ele existir, é tão bom, mas tão bom, que nos perdoa por não acreditar nele. Pronto! Eu com 15 anos, tinha recebido o passe livre para não acreditar. Uma hipocrisia, eu sei.

E a vida seguiu, sem igrejas, a não ser em casamentos, velórios e batizados. Claro que, quando a vó Regina perguntava: — Tem rezado, minha filha? A resposta era sim — afinal, eu não queria deixá-la triste ou preocupada comigo.

Casei sem igreja, com um companheiro ateu. Tive filho e batizei.

Acho melhor nem contar essa parte da história, porque tem a ver com a crença das avós e o desespero de um neto pagão. Contraditório, eu sei.

Sempre conversei com Pedro sobre Deus. O Deus das suas avós, o Deus dos amigos da escola. Sempre pensei com ele, desde pequenininho, o que ele poderia fazer na hora da oração na escola, como se comportar, já que em casa não rezávamos. Conversamos quando os amigos entraram no rito da Primeira Eucaristia — e ele não. Deixei que fosse à igreja com um amigo e sua avó, para que experimentasse algo que eu não o faria conhecer. Pedro tem orgulho de se dizer ateu. Um ateu com muita ética, ele sabe — porque uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Há uns quinze anos, me apaixonei por Espinosa, o filósofo que via Deus como a própria natureza, sem milagres ou castigos. Então, sempre conversei com Pedro sobre um outro tipo de Deus, um deus-natureza. Um deus como causa de si mesmo, não um deus monoteísta ou transcendente que tudo vê e tudo pode, que preparou a felicidade para depois da vida. Mas um deus que é tudo o que a gente vê, inclusive nós mesmos, um deus que é causa eficiente de si mesmo, no sentido de que produz a si mesmo e nunca se distancia daquilo que produz.

Isso me permite uma conexão com deus em vários lugares e diferentes momentos. Encontro deus sempre que me conecto comigo mesma, encontro deus no mato, fazendo trilha, tomando banho de mar, gargalhando alto ou escutando Chico César. Nunca mais encontrei deus nas igrejas.

Chegamos em Barcelona, e o impacto com as igrejas foi incrível. Muita grandiosidade, muita beleza, muito ouro, muito luxo, muita ostentação. Entramos em muitas, não sei precisar quantas, foi uma sequência maluca de igrejas. Cheguei a brincar com o pai do Pedro que ele receberia de volta um filho cristão. Não oramos, não agradecemos, não pedimos bênçãos. Mas nos deslumbramos com a beleza e conversamos sobre como países colonizados foram roubados para que o ouro estivesse

estampado nas igrejas do lado de cá. E juntos, nos questionávamos: por que essas casas de Deus cobram tanto dinheiro para serem apreciadas, quando, na verdade, deveriam ser abertas à visitação e   oração de todos?   incrível: em alguns países, os museus são gratuitos, mas as igrejas têm preç s de visitação exorbitantes. Incoerente?

Entramos em vários monastérios e seminários, lugares de beleza incrível. Deve ser por isso que eu continuo encontrando um certo deus quando estou em meio   beleza que   a natureza. Um dia, caminhando com duas brasileiras no Parque Güell, uma delas contou que havia passado a manhã na Sagrada Família com outra amiga, e que, na hora da foto, foi advertida pelo seguranç  de que poderia fotografar, mas não poderia posar. Sim, eles cobram horrores para você entrar na casa de Deus, mas quem comete o pecado   você por posar para uma foto em um lugar sagrado. Mas também, quem entra em uma igreja e faz poses para fotos? Dupla hipocrisia, eu sei.

Uma beleza que não cabe

Eu me lembro da minha primeira vez no cinema, fui com meu primo Claudinei assistir aos Trapalhões. Não sei que idade eu tinha, não sei como chegamos até lá, mas lembro do deslumbramento ao ver a tela grande, o cheiro de pipoca e o apagar das luzes. Se fecho os olhos, ainda ouço a gargalhada das crianças durante todo o filme.

Depois desse dia, vieram muitos outros filmes — no cinema ou no sofá de casa, acompanhada ou sozinha, comédia ou suspense, nunca terror — odeio filmes de terror. E filmes românticos também não... Ou melhor, só se tiver final feliz, adoro um romance com final feliz.

Eu assisto filmes. Provoco meus alunos a produzirem filmes. E, claro, isso também influenciou algumas das viagens que fiz neste período fora do Brasil.

Pedro fez escolhas históricas, eu, escolhas por cenários de filmes. Mas em cada viagem que fizemos, descobrimos belezas diferentes, e muitas dessas belezas nos impactaram. Minha sorte é que Pedro estava junto. Eu vivi o encantamento da beleza acompanhada.

“A beleza é tudo aquilo que você não dá conta de ver sozinho. Quando você encontra uma coisa muito bonita, você fala assim: fulano devia ver isso. (...). Você vai a um filme e sai dizendo: não era eu que devia ver esse filme, era fulano. A beleza não cabe em você, ela não cabe”²⁸.

Pedro é meu fulano há quinze anos, é com ele que compartilho — e quero continuar compartilhando toda a beleza. Decidimos passar frio em Berlim. Eu tinha dois motivos para querer ir. O primeiro: o sobrenome que Pedro herdou do pai é de origem alemã, isso sempre o fez questionar, buscar entender as raízes. Conversamos sobre a Alemanha, o nazismo, Hitler, sobre ele mesmo — e sobre que escolhas teria feito se tivesse vivido naquele tempo histórico. E confesso: percorrer os pontos históricos ao lado de um filho que ama história, que me explicou detalhes do Muro de

Berlim, da divisão do país no pós-guerra, da reunificação da Alemanha, tornou aquela cidade fria muito mais quentinha.

O segundo motivo: Berlim foi cenário de um dos meus filmes preferidos — *Asas do Desejo*, de Wim Wenders. O que fiz, então, foi caminhar pelas ruas cinzas, chuvosas e tristes do outono berlinense. Aquilo me aproximava ainda mais dos anjos do filme: de olhar nostálgico, rosto triste, vestindo sobretudo preto, vagando pelas ruas, experimentando uma existência que nem lhes pertencia.

O divino e o efêmero. O anjo que se cansa do papel que ocupa e deseja outra história. Uma vida vivida de verdade, uma vida a ser experimentada, as cores, os sabores, os cheiros, o direito ao amor, ao encantamento pela vida. Caminhar e sentir meu corpo encolher de frio, me cobrir mais e mais para suportar o vento e a garoa. Ver uma cidade cinza, um outono cinza. Tudo me colocou dentro de *Asas do Desejo*.

Quando cheguei em frente à Coluna da Vitória, no Parque Tiergarten, e fiquei cara a cara com ela, senti uma alegria tão intensa. Ela, gigante, dourada, brilhante, observando Berlim. E eu pequenina a observando. Lembrei do anjo sentado no ombro da deusa Vitória, questionando sua existência e decidindo fazer-se outro.

Não tive dúvidas, fotografei e enviei, na hora, como presente para meu amigo Lu — meu vagalume preferido. Não enviei porque Vitória é dourada e me lembrou vagalumes. Enviei porque, quando conheci Lu, com toda a sua energia e potência de vida, eu o observei como o anjo observa Berlim — e desejei para mim uma vida outra. Uma vida cuja potência se mantém acesa, cuja doçura é essência, cuja presença ilumina.

Encontrar a deusa Vitória me fez olhar para mim. Não era sobre o filme, não era sobre a Alemanha, era sobre olhar e ser tocada. Algumas cidades nos atravessam, alguns filmes nos habitam. E há momentos em que a beleza é tamanha, que tudo o que nos resta... é mudar, fazer-se outra.

Três quartos de quatro

Barcelona, tempo livre e muita gente para conhecer. Decidi fazer aulas de catalão, sou travada para falar, mas tenho certa facilidade em ler e entender a língua falada. Com o catalão não foi diferente, no primeiro mês de aula, já me aventurei em palestras ministradas em catalão, visitas guiadas pela cidade em catalão, já conseguia entender conversas na rua, assisti a séries da Netflix em catalão, fui ao cinema ver filmes em catalão. Ler logo se tornou fácil, mas falar... isso ainda me trava. Aliás, acho que até me atrapalhou no espanhol, porque eu precisava pensar: filho, fill ou hijo? Quatro, quatre (que escreve com e mas fala com a) ou cuatro? Galinha, gallina ou pollo? Essas aproximações entre o português e o catalão bagunçaram minha boca, se já falava pouco espanhol, agora então... era uma mistura só. Portunhol? Que nada, era Catanhol.

Llúisa, a professora, ensinava catalão e contava histórias sobre a cidade, a língua, a culinária. Aprendi muito nesse espaço. Confesso que a aula sobre as horas em catalão foi a que mais me encantou. Ela começou explicando sobre o sol e o tempo, em uma perspectiva em que os minutos não importam tanto. E aí chegou à forma como os catalães dizem as horas:

15h45 = Són tres quarts de quatre.

(São três quartos de quatro.)

Ninguém entendeu aquele jeito de pensar o tempo. Então, ela fez uma nova explicação: quando nascemos, vivemos os dias até completarmos um mês de vida, depois, os meses, até completarmos um ano. Ou seja: a gente gasta os dias do ano que vai fazer — não começamos a viver o ano naquele dia, nós já o estamos vivendo. Com as horas, é o mesmo: gastamos os minutos da hora que se completará, e não o contrário. Por isso, três e quarenta e cinco são três quartos de quatro — três quartos da hora que está por se completar.

Ela olhou para mim e perguntou minha idade.

— Quaranta i nou (49), eu respondi.

Então, ela disse: — Você está vivendo o seu quinquagésimo ano de vida. No dia do seu aniversário, quando fizer 50 anos, você começará a viver seu 51°. Voltei pensativa para casa, achando linda aquela explicação. É isso! Estou vivendo meus cinquenta anos.

Há cinquenta anos carrego um corpo em transformação. Mas o que pode um corpo? — pergunta Deleuze, a partir de Espinosa. Um corpo pode ser rígido, fraco, ansioso, angustiado, doente, medroso. Mas também pode ser movimento, força, liberdade, desejo, paixão, tesão. Um corpo que conhece a companhia que faz a si mesmo. Um corpo que é si mesmo. Que é memória, reflexo, divisão celular, batimentos cardíacos, funcionamento dos órgãos. Afeto. Um corpo pode afetar e ser afetado com olhares, com palavras, com presença.

Viver é apropriar-se: apropriar-se do próprio corpo, do próprio meio de fazer dele um elemento de reflexão, de segurança, de sentimento de “estar em casa” (oikeiósisis, para os estóicos). Apropriar-se é fazer um “si próprio”, um “mundo próprio” no sentido de estar bem consigo mesmo, reconhecível, reconfortante. É o que poderíamos chamar de apropriação ética. (...) As verdadeiras lutas não são as de conquista, mas as de reapropriação.²⁹

É possível viver intensamente. Viver o que foi bem planejado — e se permitir às surpresas. Viver com alegrias, encontros, descobertas, lugares inimagináveis. Mas também com tristeza, decepções, desencontros, com barulho e silêncio, com gente e com solidão.

Seguir é o segredo. Acreditar na vida, no pôr do sol e nos amanheceres. Na força da maternidade e nas transformações cotidianas. Não se deixar sucumbir. E segurar a mão dos sorridentes — daqueles que se alegram facilmente, que veem beleza nas formigas, que gostam de banhos frios, que amam o canto dos passarinhos e o cheiro de mato molhado.

Inverno interminável

Eu não sei exatamente por que, mas hoje fiquei pensando na morte. Uma pergunta recorrente: se a vida acabasse hoje, teria sido uma boa vida? Me peguei pensando em organizar testamentos, deixar tudo acertado para uma ausência futura. Claro que espero que essa ausência demore, mas pensar nela é necessário para aproveitar o hoje.

Eu tenho mortes importantes no meu currículo.

Fábio foi minha primeira perda. Amigo do colégio, morreu quando estávamos na quarta série do primário. De repente, Fábio deixou de vir às aulas regulares e também às aulas de canto coral. Fui visitá-lo e não o reconheci. Magro, ele não quis brincar.

Não fui ao velório. Velório não é para crianças, minha mãe explicou.

O ciclo continuou, perdi meu avô Maneca. No dia em que achei que ele tivesse melhorado, ele, na verdade, morreu. Minha mãe não chorou, disse que ele já estava sofrendo muito. As crianças passaram a noite na casa da tia Cleusa, uma noite com barulho de trovoadas do lado de fora e muitas crianças juntas do lado de dentro.

Não fui ao velório. Velório não é coisa de criança, disse minha mãe.

Mais tarde, perdi meu amigo Luís. Um acidente de trânsito. Adolescente, não tive coragem de encarar seu corpo na despedida, chorei sozinha e só depois consegui abraçar sua mãe e dizer sinto muito.

Depois fui à muitos velórios. Minha avó Chiquinha adorava nos levar em velórios. Lembro da tia Martinha. Não fui ao velório dela, fui ao de outro parente, mas desenterraram a Martinha e eu vi seus ossos e cabelos. Foi aterrorizante. Jurei que não iria mais acompanhar a vó, ela riu. Vó Chiquinha ria de tudo.

Perdi meu pai e, “certas lembranças varrem dos nossos olhos as paisagens, enquanto outras, como ventosas, se imantam em nossa memória e nos obrigam a ver nitidamente a escuridão.”³⁰ A partida do

meu pai gravou na memória uma cena que jamais se apagará: o caixão foi posicionado com a cabeça próxima ao altar e os pés voltados para a rua. O padre aproximou-se do caixão e comunicou que a posição do morto estava errada. Alguns homens se levantaram rapidamente, e giraram o caixão. O morto foi colocado com os pés próximos ao altar e a cabeça em direção à rua. Quando minha avó viu a cena, nem secou as lágrimas — exigiu a mudança. Viraram o morto novamente. O padre discordou. Mudaram o caixão de novo.

O morto dançou a dança do caixão.

Meu pai teria rido alto dessa cena.

Eu ri.

Dois anos depois, a avó paterna se foi. No velório, a pequena Rafaela, com seus dois anos, tentava encontrar as asas da vó, pois se ela ia para o céu, precisava delas. Ali entendi: — velório também é coisa de criança.

Depois perdi Joice, a primeira amiga que fiz em Uberlândia. Sua ausência me confrontou com a solidão, o desamparo e o peso de estar longe. No velório, uma colega disse: — Os bons morrem jovens. Ficamos nós. Eu gargalhei alto na hora.

Meu tio Hélio, ateu convicto, pediu um velório sem velas, sem orações, sem cantorias. Os amigos celebraram a vida dele no bar em frente, e a noite foi silêncio e festa, como ele desejava. Liguei para meu irmão e disse: — Existem velórios bonitos, respeitosos. É possível partir sem que cantem Segura na mão de Deus e vai.

Odeio essa canção.

Eu não sei lidar muito bem com a morte. Não escrevi meu testamento, mas adianto que quero ser cremada e minhas cinzas jogadas na Praia Alegre. Quero um velório silencioso, sem cantos religiosos e nem cheiro de crisântemos. Odeio crisântemos e Segura na mão de Deus. Pode até ter flores, mas os crisântemos vão atacar minha rinite.

Nem sei por que escrevo sobre isso hoje. Ando vivendo sonhos que

nem sabia que tinha.

Deve ser o inverno.

Esse inverno interminável. Esses dias curtos, cinzas, com esse vento frio.

Devem ser essas árvores sem folhas, me lembrando da morte.

Deve ser o desejo de que a primavera chegue logo e traga o colorido que a vida merece.

Deve ser a saudade também.

Sei lá, estou com saudades.

O que a chuva não leva

Estávamos nós três: eu, Pedro e ela. Havíamos passado dias prazerosos em Madri. Escolhemos o trem como meio de transporte e estávamos lado a lado no retorno para Barcelona. O celular começou a apitar — uma, duas, cinco vezes. Já fazia dias que os jornais no Brasil relatavam o estrago causado pelo fenômeno meteorológico Dana em Valência, e as chuvas permaneciam fortes por toda a Espanha. Os amigos, no Brasil, preocupados conosco, enviavam mensagens perguntando onde e como estávamos.

O mundo inteiro vive o colapso climático. As chuvas torrenciais, as enchentes destruindo casas, arrastando carros, matando pessoas — tudo isso tem se tornado constante. Entendi a preocupação de todos e respondi rapidamente: — a gente está bem. Estamos longe de Valência e as chuvas nem chegaram ainda na região onde estamos. Mas, quando virei para o lado e a vi, foi imediato. Pensei nas chuvas de verão da região onde vivi toda a minha infância e adolescência, que tantas vezes causaram estragos nos bairros mais pobres — e às vezes, em toda a cidade. Olhando para ela, lembrei de um ano específico. Não houve tragédia, nem enchentes, nem mortes.

Mas houve algo que ficou em mim até hoje. Naquele sábado, eu chegava da rua com o namorado da adolescência. A chuva caía forte demais. Ela estava lá, sentada no chão do térreo, encostada em um pilar, carregando o peso do prédio nas costas. Chorava tão forte quanto a chuva lá fora. Eu sabia o motivo do sofrimento, já a havia visto chorar muitas vezes, já tinha escutado sua dor. Acreditava que entendia. Mas naquele dia, não quis saber de onde ela vinha, nem com quem tinha falado, se havia falado com alguém, ou se existia outro motivo para tamanha tristeza. Deixei as costas e entrei.

Ela se levantou e saiu, não entrou no apartamento comigo, apenas

pegou a bicicleta e decidiu pedalar sob o temporal. Demorou para retornar, fiquei preocupada. Quando voltou, perguntei na porta: — Onde você estava? O que estava fazendo? Pensando, ela respondeu. Pensando.

Tirou a roupa encharcada ali mesmo e foi direto para o banho. Demoramos dias para conversar. Demorei uma vida inteira para entender. O ritual da pedalada na chuva virou rotina naquele verão. E, desde então, as chuvas passaram a me incomodar — não só pelas enchentes, mas por isso também.

Acho que só mudei minha relação com a chuva quando meu filho tinha um ano e oito meses, e Braga, meu vizinho, o levou para brincar na rua empoçada. Eles pulavam juntos, sincronizavam os saltos, e cada encontro do tênis com a poça molhava ele de baixo para cima, trazendo uma alegria, uma vida, uma potência que eu já desconhecía. Depois disso, brincamos muitas vezes na chuva. Aprendi a sentir o prazer de brincar — talvez até o prazer de pensar na chuva. Talvez tenha chorado na chuva algumas vezes também. Mas nunca pedalei.

O luto — esse que aperta o peito, sufoca, impede a respiração como uma crise de bronquite alérgica — eu conheci uns vinte e cinco anos depois. Na época, com uma criança pequena, a vida exigia objetividade. Era mais fácil ter uma crise de bronquite do que reconhecer o luto. Pedalar na chuva? Nem pensar. Não havia rede de apoio que ficasse com meu filho para que eu pudesse sair e apenas... pensar sob a chuva.

Não sei se algum dia ela perdoou a adolescente que não acolheu sua dor. Mas eu me perdoei. Não era só imaturidade, era falta de vocabulário emocional, de ferramentas para decifrar o que ela dizia com o corpo.

Os estragos — os móveis e carros empilhados nas ruas, as pessoas desaparecidas, a sujeira, as doenças trazidas pelas águas — tudo fica à mostra quando as águas baixam. No luto também; está tudo ali para todo mundo ver: os móveis perdidos, os rostos devastados, as lágrimas que caem sem aviso, as doenças que surgem nos olhos e no silêncio.

A chuva que destruiu Valência, já destruiu muitas cidades da região onde nasci. Mas a chuva, naquele dia de verão, também ajudou na reconstrução dela. Permitiu chorar, respirar, pedalar, encharcar, pensar, aquecer.

Creio que seja isso. A água que às vezes destrói, outras vezes constrói.

Apequenar-se

Desde que chegamos à Barcelona, Pedro sonhava com Atenas: — mãe, imagina caminhar onde Sócrates caminhou? Imaginar as coisas que ele dizia, filosofar sobre os problemas de agora... Temos que fazer isso!

E eu sabia: seria bonito, seria intenso, e foi.

Atenas, à primeira vista, parecia São Paulo com uma pitada de mitologia: prédios amontoados, trânsito desordenado, quiosques abarrotados de refrigerantes, jornais, miudezas. Não era bela como as outras cidades da Europa, mas era singular — e bagunçada.

Foi só quando adentramos a Atenas antiga, quando pisamos onde Aristóteles, Sócrates e tantos outros já haviam pisado, que tudo se transformou. Pedro, o adolescente de fala fácil e pensamentos em ebulição, caminhava e narrava. Contava histórias, imaginava debates, filosofava como quem desenha mundos, e eu sorria, quieta, acompanhando. Foi então que minha memória me levou longe, até os Andes chilenos, na virada de 2019 para 2020. Minha primeira vez nas cordilheiras, eu sabia que eram imensas — mais de quatro mil quilômetros ao longo da América do Sul —, mas saber é diferente de ver, de sentir.

Ali, diante dos picos nevados, dos vulcões adormecidos, dos vales rasgados na rocha, eu me reconheci pequena, tão pequena que me encolhi — como quem cabe numa casca de noz. Ou, talvez, como boa canceriana, como quem se recolhe à própria carapaça. Em Atenas, senti o mesmo. Uma dor funda no estômago, como se a alma ardesse. Perdi o apetite. Senti o pânico roçar meu peito: o coração acelerado, os pensamentos em desalinho, o suor gelado nas costas, o rosto formigava. Era como se o corpo inteiro dissesse: você não está no controle. Era a vertigem da pequenez.

Me senti pequena em vários momentos, no encontro com a arquitetura imponente de várias cidades, na imensidão das portas, no encontro com o mar Mediterrâneo ou com a neve. Coisas que pareciam

feitas para deuses.

Era uma humildade fértil, uma percepção da própria medida diante do mundo, um chamado a viver mais, a ser mais, porque a vida é curta e há beleza demais lá fora, fora do nosso pequeno cômodo, fora da nossa rotina ensimesmada. É um apequenar-se que potencializa quem sou, que me faz querer conhecer mais, viver mais, até crescer mais.

Mas nem todo apequenar-se engrandece. Há encontros que reduzem.

Viver longe é um tipo de exílio. Aprendi isso em Uberlândia, quando a família ficou no Sul, reaprendi em Barcelona. Estar longe amplifica a solidão e o desamparo. Faz pensar: por que escolhi essa vida? Por que essa cidade? Por que esse trabalho? Estar longe não me deixa imune a vida que segue sem mim e as notícias ruins que acompanham minha relação com essas vidas. Perdas que doem dobrado, porque não há colo, nem abraço, nem café com amigo. Chorei. Chorei algumas vezes, sim.

E senti que: “gostaria tanto de me abandonar, de esquecer de mim mesmo, de dormir. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim por todos os lados... A Náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela... A Náusea sou eu.”³¹ Há apequenamentos que não nos transformam — nos sufocam. São submissões disfarçadas de escolha, rebaixamentos que passam por afeto, mas são cabrestos, situações em que nos deixamos caber onde não devemos.

E me pergunto: será que eu sei, de fato, quando estou me apequenando onde não devo?

Registros de uma errância

Tatiana Salem Levy, no livro *Melhor não contar*³², conta que desde pequena foi estimulada a escrever diários, daqueles que tem chave para esconder o que foi escrito e que se escreve para não revelar. Ela diz ainda que o diário nasceu com os homens, com as escritas de suas viagens, suas conquistas, suas navegações e explorações de outras terras, mas, com o passar dos tempos, o diário se afastou dos homens e passou a ser um recurso oferecido às meninas.

Eu tenho diários na vida. Registro experiências profissionais, conversas, cenas, encontros transformadores, sentimentos, gargalhadas, tristezas, cotidianos de tédio. Tive um diário até pouco tempo das minhas conversas com Pedro, e publiquei como registro de memória, como forma de guardar a infância e a maternidade que tivemos até ele completar seus 15 anos e se tornar outro sujeito, um adolescente. Publiquei³⁴ como presente de mãe para filho.

Eu não faço uma distinção entre diário de campo, diário de notas, diário de pesquisa, diário de bordo, mas, aqui, nesse caso eu decidi chamar de diário de viagem. O que fiz nas páginas dos diários foi anotar como as cenas me afetavam, o que elas contavam do contexto e de mim, como definiam a identidade e alteridade. Tenho anotações de idas aos museus, exposições, aulas, registro sobre a burocracia, o transporte público, os parques infantis na cidade, os pores do sol e as iluminações de Natal; o gosto ruim da água e o quanto ela estava destruindo meus cabelos. Anotei notícias tristes vindas do Brasil, término de relacionamento e muitas ligações telefônicas com Emerson e Juçara para amenizar a saudade de casa. Registrei as saudades e as muitas vezes que me perguntei: — Por que mesmo estou aqui?

Fiz registro das viagens para fora de Barcelona, listas de lugares que conheci e dos que queria conhecer e não fui, listas de sons, cores, sabores,

cheiros, pessoas – as boas e as ruins. Colei imagens diversas e guardei numa caixinha coisas que coletei nas ruas, os restos deixados por alguém que de alguma forma me afetaram quando avistei. Fotos, muitas fotos. E conversas com Pedro, inúmeras conversas.

Sim, eu tive um diário de viagem. Na verdade, tive três diários diferentes, cada um com uma importância diferente para mim. Um diário onde registro os afetos, outro onde registro encontros acadêmicos e um terceiro onde descrevo cenas inteiras que tenham de alguma forma me impactado, sem necessariamente saber onde, como ou se, as usarei.

Publiquei em 2024 um capítulo em parceria com Katita³⁴, sobre o papel do diário de campo nas pesquisas qualitativas. Nesse texto defendíamos que o diário de campo é uma prática discursiva, voltada “à criação e recriação de experiências, de cenas, de sentidos, de procedimentos de intervenção e/ou de investigação em situações de pesquisa ou atuações profissionais. Eles objetivam racionalidades, emoções, percepções, imaginações, observações, sensações, dúvidas, inquietações etc. Eles condensam uma determinada forma de compreender e de sentir os acontecimentos que envolvem a vivência, dando a ela o status de experiência.”³⁵

Mesmo defendendo que cada sujeito tem a liberdade para produzir seu modelo de diário, de que não há uma regra fixa sobre o como produzi-lo, neste capítulo, escrevemos que o diário pode ser composto por notas, desenhos, fotografias, mapas, documentos diversos que registrem os encontros com/na pesquisa. Que ele não deve ser apenas um registro superficial de fatos do dia, mas, um espaço de apontamento dos afetos produzidos nos encontros com as pessoas, com os animais, com o clima, com as entonações das conversas, enfim, com a experiência do/no pesquisar.

O diário esteve no cotidiano das minhas derivas, das muitas derivas em Barcelona. Às vezes eu o carregava comigo. Outra vez tomava notas no celular e registrava assim que chegasse em casa. Meus diários tiveram

função de registro dos afetos que me atravessaram como pesquisadora, nas derivações e nas participações ativas de bons encontros experienciados em espaços públicos, em museus, em praças, em festas de rua, em monumentos históricos, em viagens a cidades e países próximos.

No último dia, antes de fechar as malas e guardar os três diários na bagagem de mão — porque nunca se sabe se uma mala pode se perder, e estes registros são agora parte indissociável de mim — sentei-me no sofá vermelho do minúsculo apartamento em Barcelona pela última vez. O sol da noite descia devagar sobre os telhados laranjas da cidade, criando aquela luz dourada que aprendi a reconhecer como mediterrânea. Abri o diário dos afetos, aquele mais manchado de lágrimas e sorrisos, e escrevi:

Hoje percebi que não estou voltando para casa.

Estou levando duas casas comigo.

Pedro me perguntou se eu estava pronta para voltar, disse que sim, mas menti. Não estava pronta — talvez nunca estivesse. Afinal, como se preparar para deixar de ser quem você se tornou?

Folheei as páginas dos três diários, as primeiras, escritas com letra ainda hesitante de quem não sabia bem o que estava fazendo ali, as do meio, com anotações fervorosas de descobertas e saudades em igual medida. E as últimas, estas que escrevia agora, com a caligrafia de alguém que aprendeu a habitar a própria incerteza.

Na caixinha ao lado, os pequenos tesouros coletados: uma folha seca do Parc de la Ciutadella, um guardanapo de um café onde escrevi sobre a dor da distância, um cachorrinho minúsculo encontrado na rua, pedrinhas da Barceloneta. Objetos sem valor material que carregavam mundos inteiros.

Minha mãe enviou mensagem perguntando sobre o voo do dia seguinte. Amigos enviaram mensagens desejando boa viagem. Vozes do Brasil que, por 336 dias, foram pontes sobre o oceano que me separava de

mim mesma. Antes de fechar o diário escrevi:

Barcelona, última noite. Descobri que partir não é voltar ao que se era. É carregar quem nos tornamos para novos territórios. Amanhã não volto para casa — levo a casa comigo, e esta que deixo aqui continuará existindo em cada página destes diários, em cada foto, em cada saudade que ainda virá. Despedir-se de uma perspectiva de si mesma é, talvez, a única forma real de crescer.

A luz dourada se transformou em crepúsculo, e eu soube que estava pronta, não para voltar, mas para levar adiante esta nova versão de mim que Barcelona havia ajudado a escrever.

Voltando à Tatiana Salem Levy, ela escreve que as meninas são invocadas a escrever diários para que fosse um espaço de escrita na qual você revelaria suas dores e ninguém iria ler, ninguém vai se importar, diz a autora. Um espaço para o não contar. Mas quem escreve diários, sabe que “o caderno assinala um divisor de águas entre o antes e o depois, entre uma identidade confiada à máscara social e uma subjetividade gradualmente reconstruída sobre os escombros do existente.”³⁶

O diário é uma forma de não esquecer, mas fundamentalmente de reescrever. Ele registra meu caminhar, minhas idas e vindas, minha vida e minha pesquisa. Meus 336 dias longe do Brasil. Meus 336 dias de uma mudança que é tanto de localização quanto de constituição.

A quem pertence a cidade?

Em 2019, fiz minha primeira viagem depois da separação, fui para Santiago, no Chile. Fui com duas amigas queridas, levei na mala o desejo de reencontro — com a vida, comigo mesma, com o que restava de leveza depois do fim. Foram dias intensos. Conversas longas, silêncios necessários, passeios bonitos e fiascos turísticos que nos fariam rir por anos. Em uma dessas noites, entre o vinho e o cansaço bom do dia, decidimos: no dia seguinte, iríamos a Valparaíso, queríamos mais que fotos coloridas: contratamos uma guia para nos mostrar a cidade pela via da história — não apenas da paisagem.

Estávamos em pleno verão, calor de suar as ideias. Saímos desagasalhadas, acreditando que o dia seguinte também queimaria a pele. Mas Valparaíso nos recebeu diferente: úmida, fria, ventando como se avisasse que ali a memória não era morna.

A cidade era bela e triste, e nossa guia — uma professora de História — era daquelas que falam com o corpo, caminhava e narrava com os olhos acesos, como se reencenasse as revoluções. Falava do passado, da ditadura, das rupturas, e ao mesmo tempo, falava do presente, como se dissesse: ainda estamos dentro da história.

E eu, ali, estremecia.

Cada comparação com o Brasil me feria como se falasse de mim.

Era como se a história dos outros devolvesse a minha.

Foi às 13h30, na praça principal, que o corpo entendeu tudo.

Ardência nos olhos.

A garganta fechando.

O ar negando-se a entrar.

Cobríamos o rosto com as mãos, nada adiantava.

A guia, com tristeza ensaiada, explicou que todos os dias, às 18h, os jovens ocupavam aquela praça, lutavam contra a constituição herdada

de Pinochet. Reivindicavam o futuro. E a polícia devolvia com gás. O que sentíamos agora era o resto do gás lacrimogêneo do dia anterior. O que eles sentiam todos os dias, nós sentíamos num sopro.

Ela pediu desculpas.

Eu não ouvi mais nada. Só queria sair.

O mais longe possível.

O mais rápido possível.

Nem colírio aliviou os olhos.

Nem água acalmou a garganta.

E nem uma nem outra conseguiu dissolver a angústia que ficou impregnada em mim.

Cinco anos depois, moro no Raval.

Escrevo de uma Barcelona que pulsa, mas que às vezes sangra.

O Raval é um bairro de tensão constante.

Carrega nas costas o estigma do bairro chinês, onde — dizem — há tudo o que não se quer ver: pobreza, prostituição, drogas. Mas o que eu vejo são trabalhadores, famílias, artistas, crianças indo e vindo da escola, brincando nas praças.

O que eu vejo é um bairro tentando viver, apesar do que dizem dele.

Nesta semana de fevereiro de 2025, a tensão se fez concreta.

A polícia circula pelas vielas com olhos duros.

Olhar para os lados virou instinto.

O motivo?

La Massana!

Durante a pandemia, quando tudo parou, La Massana foi ocupada por vizinhos, e o prédio da antiga escola virou cozinha comunitária, ateliê, centro de orientação para quem perdeu tudo. Virou trincheira de cuidado.

Mas o poder público decidiu que o prédio deve voltar a ser deles — para reformas. Os coletivos sabem o que isso significa: será mais um edifício turístico, envernizado para inglês ver, e o povo do bairro, de novo,

será retirado.

Essa semana, com ordem judicial, a polícia chegou cedo, fecharam os portões. Cercaram os coletivos. Tentaram expulsar os que se recusam a ser invisíveis.

Houve confronto.

Houve prisões.

Jovens feridos.

E a memória voltou.

Voltou o gás, mesmo sem cheiro.

Voltou Valparaíso.

Voltou a praça.

Voltou a guia de História dizendo: a cidade precisa ser pensada para quem nela vive. E eu pergunto de novo, com o peito apertado: a quem pertence a cidade?

A tensão ainda não foi embora.

Três corações

*Nunca morei longe do meu país,
Entretanto padeço de lonjuras.
Desde criança minha mãe portava essa doença
Ela que me transmitiu.*
Manoel de Barros ³⁷

Barcelona foi uma experiência incrível, vivemos as quatro estações: a euforia, a melancolia, a nostalgia e o entusiasmo. Ora fomos turistas e visitamos os pontos indicados por guias turísticos sobre a cidade, ora fomos caminhantes descobrindo cantinhos que não são destaques nos roteiros. Aproveitamos o aeroporto e a estação de trem para conhecer cidades próximas e outros países também, nos aventuramos e nos descobrimos. Aqui, escrevo nós e não eu, porque vivi cada uma dessas aventuras muito bem acompanhada de Pedro.

Não sei precisar quantas vezes derivamos pelos bairros Gótico, El Born, La Marina, Sants, L'Eixample, Sant Antoni, Gràcia, La Barceloneta, Raval. Sei menos ainda as vezes que derivei sozinha. Foram dias de sol e dias de frio na praia La Bareloneta. Caminhadas com direito a som ou mergulho no mar, outras contemplando o pôr do sol. Foram vários museus e exposições em locais alternativos.

Sempre que conversávamos sobre a experiência, víamos muitas coisas importantes, mas a expressão: — aqui temos uma casa, mas isso não é um lar, foi repetida inúmeras vezes por Pedro. Os amigos, a escola, os lugares conhecidos, a nossa casa em Uberlândia era o que Pedro acionava para descrever um lar. Ele não desejava voltar antes da hora, mas sim, queria voltar, queria que o ano (julho 2024 — junho 2025) passasse um pouquinho mais rápido.

O que Barcelona não nos ofereceu foi pertencimento. Pertencimento é algo demorado para sentir, pelo menos para mim foi assim. Quando

mudei para Uberlândia eu não pertencia àquele lugar, cada feriado a gente voltava para casa, dirigia por horas e horas, apenas para ficar na nossa casa uns poucos dias. Eu sentia que não encaixava naquela vida nova. As relações sociais eram superficiais. Eu não me sentia segura. Faltava conexão. A cidade climaticamente quente, não oferecia calor nos encontros. Mas, eu lembro exatamente do momento em que, estando em Santa Catarina, achei as férias longas demais. Faltava assunto com as pessoas que eu sempre convivi, eu queria voltar. Os amigos, os assuntos, os cafés, as boas conversas, o sofá, os livros, o calor, não estava mais em Santa Catarina, eu não me sentia mais pertencendo.

Quando eu era criança e sentia dúvida sobre alguma coisa, minha avó Regina repetia, *é uma nega de dois corações*.³⁸ Eu ainda sou. Tenho um coração em Santa Catarina que ama o sol, o sal e o som do mar, que ama a família e amigos de lá. Mas, tenho um coração que bate forte em Uberlândia, aquecido pelas amizades cuidadosas que fiz.

Tenho certeza que voltando para casa vou dizer que a saudade de Barcelona me faz uma mulher de três corações. Já sinto saudades e ainda nem parti.

Janelas abertas e amigos por perto

O retorno não começa no voo A321neo da TAP no dia 30 de junho de 2025. Voltar ao Brasil é um processo, uma despedida lenta dessa vida quase em pausa que um ano fora foi capaz de oferecer.

Primeiro, vêm os últimos encontros. Jantares, idas à praia, abraços com desejo de “até logo”, mas com gosto de “quem sabe quando”. Teve a formatura do Pedro na escola e, junto com ela, a emoção inesperada de ouvir professores dizendo coisas lindas sobre meu filho. Como ele os marcou. Como fez diferença naquele pequeno universo. Ele, por sua vez, já mostrava uma tristeza miúda, que ia crescendo: a de deixar os amigos, os fins de tarde na praça, a cidade onde pôde viver livre, indo e vindo sem medo.

Pedro falava dos amigos daqui e comparava com os de lá. Quando chegou em Barcelona, sabia que a saudade tinha prazo de validade, em um ano voltaria. Agora, a saudade dos novos amigos era sem data de vencimento, talvez fosse uma despedida para sempre. Esquisito isso, a vida é esquisita. A gente abre novas portas e, junto com as possibilidades, vem esse tipo de perda silenciosa, porque “a vida não é feita só de adição e subtração. Tem também a acumulação. A multiplicação de perdas. De fracassos”⁴⁰. De memórias que não cabem na mala.

Enquanto eu me despedia de lá, o Brasil me chamava de volta.

Amigos começaram uma contagem regressiva:

- Faltam 30 dias, Eli! Que maravilha!
- O que você precisa que eu faça para sua chegada ser tranquila?
- Não deixe para a última hora, posso ir à imobiliária buscar sua chave.
- Quer que eu arrume alguém para faxinar?
- Vamos comemorar o retorno com uma festa!
- Me diga o horário do voo, vou te buscar no aeroporto.
- Tem flores, céu azul... e eu, te esperando com saudades.

Cada mensagem me lembrava: estou voltando para casa. Para a cidade que me acolhe há 14 anos.

Quando abrimos a porta... estávamos em casa. Tudo limpo, tudo no lugar. O cheiro de casa limpa espalhava no ar uma sensação de abraço, era como se o apartamento tivesse ficado em suspenso, esperando a gente voltar. Só as plantas, coitadas, entregavam o tempo que passou e o cuidado que faltou. De resto, os amigos tinham feito um complô de carinho para que tudo nos dissesse: “bem-vindos de volta”.

Sentei-me no sofá como quem testa o chão depois de um terremoto. Abri a sacada devagar, olhei as plantas com atenção, como se elas pudessem me contar o que aconteceu na nossa ausência. Fui caminhando pelo apartamento com passos de reconhecimento, como quem explora um território conhecido, mas com mapas desatualizados. Era a nossa casa, mas era também outra.

As paredes guardavam nossa história, mas pareciam olhar pra gente com estranhamento. Os móveis estavam onde sempre estiveram, mas havia uma distância invisível entre o que eu lembrava e o que agora eu via, como se tudo tivesse encolhido um pouco, ou talvez fosse eu que tivesse crescido por dentro nesses meses fora.

Não quis abrir as malas. Não naquela hora.

Deixei-as fechadas no canto, como quem adia a formalização de um retorno. Há tanto por fazer... e sei que vai levar tempo. Tem armários para abrir, cama para arrumar, tem as coisas que deixei espalhadas em outros lares e que agora precisam voltar. Tem quadros escondidos em armários, esperando seu lugar. Tem cantos que pedem por nossa presença de novo, nosso cheiro, nosso barulho, nosso cotidiano.

Voltar pra casa é também reaprender a habitá-la.

E, acima de tudo, tem os amigos, tem o cuidado visível em cada detalhe, tem um café, janelas abertas, plantas sobreviventes... e essa certeza bonita e estranha: de que, apesar de tudo, a vida segue nos esperando do lado de dentro.

Posfácio: fome de estrada

Neiva de Assis¹

Quando recebi o convite de Eliane para escrever este posfácio, emocionada, fui invadida por memórias de quando a conheci. Uma cena reapareceu: nós duas à beira da BR-470 em Navegantes, paradas em um posto de gasolina aguardando o ônibus que nos levava para uma faculdade privada em Blumenau, onde lecionávamos no curso de Psicologia. Estou falando de 2009. Éramos duas psicólogas no serviço público nos municípios de Navegantes e Penha e, ao mesmo tempo cursávamos a pós-graduação em Psicologia na UFSC, tudo isso somado às já mencionadas atividades de ensino na faculdade em Blumenau. Foi ao cursarmos uma disciplina optativa no PPGP/UFSC, com as queridas professoras Andrea Zanella, Katia Maheirie e Silvia Da Ross, que nos conhecemos e nos aproximamos.

Eliane e eu temos uma evidente identificação em nossas trajetórias: fomos incentivadas a estudar como forma de ascensão social para meninas filhas da classe trabalhadora e superamos, em muitos aspectos, o que nossas famílias tinham projetado: da vontade de ter filhos com o ensino superior completo, nos tornamos professoras doutoras no ensino superior em universidades públicas as quais quando estudantes não tivemos a oportunidade de ali cursar graduação. Nossas investidas pessoais foram impulsionadas, certamente, por um momento histórico no país: a expansão do ensino superior que investiu na pós-graduação e na interiorização do ensino superior no Brasil. Eliane e eu fazemos parte de uma geração de professoras universitárias fruto das políticas de expansão do ensino superior dos governos Lula e Dilma, pudemos cursar pós-graduação de qualidade e gratuita, e concorrer a vagas para professores universitários

¹ Professora no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-graduação da UFSC.

que há tempos não se via. Certamente, desse contexto social, econômico e cultural surge também nosso desejo de trabalhar com as desigualdades sociais e a psicologia crítica, com as políticas públicas e com a vida.

Acompanhei Eliane tornando-se doutora e buscando uma universidade federal para a continuidade do seu trabalho. Conheci a força desejosa em ser professora universitária, que aparece com outros contornos no livro que acabamos de ler.

Depois de algumas distâncias nos reencontramos. Eliane, professora de Psicologia com trajetória consolidada na Universidade Federal de Uberlândia, e eu, professora no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, participamos do mesmo GT da ANPEPP, “Psicologia, estética e arte”, e organizamos em 2023 o livro *“Arte e processos de criação na formação em Psicologia”* junto com o amigo querido Allan Henrique Gomes. Pois bem, agora aqui estou, escrevendo sobre o livro que narra as aventuras de Eliane em sua viagem de estudos pós-doutorais em Barcelona. Poxa, que alegria!

O livro de Eliane sobre Barcelona não é uma autobiografia (apesar de toda escrita ser inevitavelmente também uma biografia), tampouco é um texto sobre a ciência psicológica ou fruto de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Barcelona, embora Eliane faça reflexões necessárias ao campo da psicologia social, em especial quando se conecta com a Psicologia Ambiental proposta pela professora Isabel Pellicer Cardona, que a recebeu na Universidade Autônoma de Barcelona, ou nas reflexões de Espinosa, a quem tem apreço há muito tempo. É um livro sensível sobre viajar, caminhar, olhar, pensar e sentir.

Ao ler as primeiras páginas do texto de Eliane sobre as angústias da partida, recuperei o que também vivi nos dois anos morando em Roma em dois momentos diferentes. Há muitas alegrias e são tantos os desafios!

Viajar exige partir, deixar, abandonar. Como bem indica Eliane, é necessário contar para si mesma que se dá conta de uma viagem dessas

em que se fica um ano fora de casa, em que se fala outra língua, em que tudo deve caber em uma mala, em que o relógio se adianta em 5 horas para acompanhar o fuso horário. Seu irmão tinha a matemática para ajudar na tarefa do possível, mas eu diria também que precisamos de outras calculadoras para simplesmente ir, tentar e experimentar.

Decidir o que levar e o que deixar, saber o que cabe em uma mala e o que o corpo-memória consegue levar do caminho traçado até aquele momento. Nem imaginamos o tanto de corpo e de mala que precisaremos para trazer todo o vivido quando voltarmos para casa. Viajar para fora de casa exige tempo para ir e tempo para voltar, para reconfigurar tudo o que permanece. Os 336 dias de Eliane também já aconteciam muitos anos antes, no desejo insistente de viajar que continuava na gaveta, e continuam, imagino, a acontecer nesses dias que seguem com o retorno ao Brasil em que se passa pelo desafio de recriar uma nova experiência.

Veja bem: ela escreve um livro sobre a experiência de estar e viver em Barcelona, ainda vivendo em Barcelona. Por isso, vimos uma escrita fresca, encarnada e às vezes doída. Eliane vai escrevendo ainda imersa no turbilhão da experiência e entendendo mesmo que leva um tempo “até a gente saber quem a gente é, e mais ainda quem a gente quer ser”. Seu livro é uma narrativa sensível sobre o tentar saber-se no mundo-caos. E nada melhor do que pensar e sentir sobre quem se é na viagem, na estrada, com os pés caminhando, com o corpo em movimento. Particularmente, sinto que podemos nos encontrar muito quando viajamos para longe de casa: desencontrando-se das pretensas certezas. As distâncias, por vezes, podem provocar que desejos contidos, aqueles exprimidos na cotidianidade da vida, finalmente se rebelem, reivindicuem um espaço devido.

Viajamos, observamos novas paisagens, avistamos outros rios e montanhas, admiramos construções, portas, janelas e lajotas, visitamos museus, experimentamos pratos e sabores diferentes, caminhamos em ruas outras, sentimos cheiros e rumores variados e aos poucos a gente vai

se sentindo potente, viva, alegre. Habitar uma nova cidade, dizia Acchutti (2004)², “significa reconstruir para si um cotidiano que depende da soma de uma infinidade de pequenos detalhes no tempo. Habitar uma nova cidade é submeter-se a um desenraizamento crônico. Viver em uma nova cidade exige novas caminhadas, estabelecer passos em um outro ritmo, mas também, novos olhares e maneiras de enxergar o mundo, desde a duração desse olhar, a direção do olho, a profundidade do visto.

Eliane sai pra caminhar na nova cidade e opta por seguir os passos de Isabel, professora da UAB que no trabalho com a Psicologia Ambiental se utiliza de caminhadas pela cidade de Barcelona para fazer pensar e sentir os processos de subjetivação/urbanização. Ela entra nesse passeio de carona e vai assumindo um papel de protagonista nas chamadas marchas exploratórias pela cidade.

Em Barcelona, Eliane vai sendo lembrada por sorrir constantemente, na verdade, eu até diria que Eliane é uma pessoa séria, concentrada, mas sorriu bastante por lá. Curioso como nós brasileiros, de forma estereotipada ou não, somos sempre lembrados por sorrir, pela nossa capacidade de alegrar-se – como algo impossível na presença das notícias de nossas mazelas que na Europa chegam. Mas sorrimos. Os momentos em que ela sorri na escrita são aqueles em que aparecem personagens específicos. Muitos deles não estão lá fisicamente, nem pisaram os pés por lá, mas são apresentados como pessoas essenciais para a possibilidade desse embarque. Cada um, pouco a pouco, vai aparecendo ao longo do texto, nas diversas andanças pela cidade, nas vielas, nos museus, nas portas gigantes. São muitos outros que vão nos ajudando a estar no mundo, a caminhar e a habitar.

O personagem coadjuvante nas caminhadas por Barcelona é Pedro, seu filho. Simpatizo com Pedro desde que tive notícias dos seus diálogos

2 Achutti, Luiz Eduardo R. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004. (Lambucci, 2013, p. 22).

hilários com Eliane – alguns deles viraram referências nas minhas aulas de Psicologia Histórico-Cultural sobre os processos de significação. Sem falsa modéstia, incentivei muito para que Eliane escrevesse um livro de memórias daqueles que pudessem salvar do esquecimento do tempo do adulto esses diálogos infantis inventivos, vale a pena conferir “Entre palavras e afetos: conversas de mãe e de filho”. Agora em versão adolescente, Pedro não decepciona, em um dos passeios nos arredores de Barcelona, assustado, convoca: “você sabe mesmo o que está fazendo?” E quem sabe, Pedro? “Vou te ensinar como se faz uma viagem para uma cidade histórica”. Recomendo que voltem no texto e releiam o trecho em que durante o Ramadã, Pedro, inquieto, lista uma série de perguntas, interessado no outro, na diferença. Na escola multiétnica, com Pedro se pode entender que o encontro com o outro é ferramenta que subverte lógicas de exclusão. E a relação bonita entre mãe e filho (ele é o fulano dela) permite que, na viagem, o ar fresco e questionador de menino coloque a mulher adulta no vento.

Caminhar. Ação que implica movimento e abre espaço para o imprevisível e, por isso, provoca temor, espanto, admiração, estupor. O desejo pela viagem, pelo barulho da cidade, pela multidão – o vagar, derivar, perambular, deambular pelas ruas com o corpo observando tudo à volta, com riqueza de detalhes, com olhos de ver. Caminhar exige compreender que as pequenas cenas estão repletas de sentido e, portanto, merecem cuidado e atenção. Caminhar torna-se prática perturbadora, implica em reconhecer a presença de algo ou de alguém que vem ao nosso encontro e nos interpela na simples presença. (Lambbucci, 2013, p. 22)³.

Entre o povo guarani é comum a prática do caminhar, que na língua guarani, traduz-se como *guata* – caminhar, andar, viajar ou passear. O caminhar faz parte da vida do guarani. Eles são grandes caminhadores

3 Lambbucci, Adriano. Caminhar, uma revolução. Trad. Sergio Maduro. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

desde quando a mata era cheia de caminhos, de pessoas e de animais. E é graças a uma grande e criativa habilidade de reocupação territorial que permanecem os princípios de vida e da identidade guarani.

Entretanto, caminhamos pouco nas cidades, usamos pouco o tempo com os pés no chão e com isso, enxergamos pouco, experimentamos as cidades na velocidade dos motores dos automóveis, planejadas apenas para a passagem. Caminhar exige tempo para pensar e sentir. Caminhei com o livro e com o que diz Eliane sobre o tempo: “acredito que a vida como um todo exige tempo. [...] Temos tido tempo para o outro? Temos tido tempo para compartilhar histórias, para ouvir, para estar junto? [...] Quando foi que paramos de ter tempo para estar com alguém — só estar, ouvir, sustentar o silêncio e a companhia?”.

Pensar. Privilégio que nós docentes temos é um trabalho em que a tarefa central é pensar e fazer pensar - ou ao menos o que nos restou desse fazer em tempos de precarização da atividade docente. O tempo de pós-doutorado é um tempo para ter tempo! Para caminhar, olhar e sentir. Realizar um pós-doutorado, em especial, em outro país, em outro continente, significa a continuidade desse exercício sensível, uma experimentação de um tempo menos acelerado, talvez mais inventivo, tal qual reivindicamos para a experiência de ensinar e aprender na universidade e nos processos educativos em diferentes contextos. Vejo Eliane, em breve, oferecendo espaços formativos na universidade em Uberlândia, caminhando e olhando com seus estudantes com tempo.

O texto de Eliane fala fundamentalmente sobre o olhar, sobre a sensibilidade do viver. Retoma discussões caras para alguns de nós há muito tempo, vai recuperando amigos, autores e reflexões necessárias à psicologia e à sua vida. Caminhando, Eliane vai recuperando histórias vividas ainda na infância e outras recentemente, memórias sofridas e talvez ainda não digeridas. Eliane apresenta afetos em fartura, que, como ela mesmo diz, por vezes não conseguem achar o verbo certo, nem corpo

para tamanha digestão.

Se no início ela custa a abandonar o saudosismo das coisas que deixou, por fim se rende à nova cidade e aos barulhos de todos os tipos, às pessoas de todos os tipos, às línguas de todo o mundo. Eliane foi descobrindo na viagem que é corajosa, que tem “lata” como sua mãe. Aliás, nos trechos que menciona de onde vem ter “lata” para fazer as coisas, faz um alinhavo bonito com as linhas, agulhas herdadas da sua mãe costureira e temporariamente aproxima as diversas camadas de tecido, auxiliando para que elas possam ser costuradas. Agora, na mala de volta, estão delicadamente acomodados os tecidos provisoriamente costurados com tantos outros. Na mesma mala, parece também trazer os vestígios das estações vividas no ano em Barcelona, mas não verão, inverno, primavera e outono. Outras estações foram criadas.

Indo para Barcelona, retoma o apetite pela estrada e nos ajuda também a nos distanciarmos de uma vida reduzida a uma só paisagem. Convoca um tempo com menos muros e mais calos nos pés. Ao lermos o livro, ganhamos também, agora, uma carona para que a gente também possa sentir que no mundo tem lugar para nossa fome de olhar, caminhar e viver.

Notas finais

- 1 Montero, Rosa. *A louca da casa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. (Trecho extraído da página 184)
- 2 Fisher, M. F. K. *Como cozinhar um lobo* (Como matar a fome em tempos de escassez). Editora Companhia de Mesa, 2023. (Trecho extraído da página 251)
- 3 Em português escrevemos Catalunha, em espanhol Cataluña e em catalão Catalunya. Por ter vivido em Barcelona 336 dias, ouvido inúmeras vezes os motivos pelos quais lutaram e ainda lutam pela separação Catalunya — Espanha, decidi que seria respeitoso, neste texto escrever conforme definem os Catalães.
- 4 Barnes, Julian. *O sentido de um fim*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. (Trecho extraído da página 06)
- 5 Pessoa, F. *Poemas completos de Álvaro de Campos*. Abadá Editores, 2013. (Trecho extraído do poema Afinal — página 29).
- 6 Levy, Débora. *O custo de vida*. Lisboa: Editora Relógio D'água, 2019. (Trecho extraído da página 06)
- 7 Rosa, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- 8 Nogueira, M. L. M. *Espaço e subjetividade na cidade privatizada (Tese de doutorado)*. Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil, 2013. (Trecho extraído das páginas 34-35)
- 9 Jacques, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *IV ENECULT — Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008*. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil, 2008.
- 10 Slimani, Leila. *O perfume das flores a noite*. Lisboa: Alfabeta Portugal, 2022. (Trecho extraído da página 31).
- 11 A música se chama *Estrada de Canindé*. Composição de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. Para a leitura agora e escuta ela todinha em <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6rgCqBArlQbiMogWSa5MKx>
- 12 O barreado é um prato típico do litoral do Paraná, preparado com carne bovina cozida lentamente em panela de barro vedada, até desfiar completamente, sendo servido com farinha de mandioca e banana.

- 13 *Se essa rua fosse minha* – Música de Marcos Patrizzi Luporini.
- 14 Mais fotos e informações sobre a tradição folclórica de Itajaí, pode ser acessada em <https://www.jardineiraproducoes.com.br/memorial-arnoldo-cueca> um projeto coordenado por Natália Pereira, cantora itajaíense.
- 15 Halbwachs, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2006. (Trecho extraído das páginas 30 e 31)
- 16 Gagnebin, Jeanne Marie (UNIVESP). *Memória*. YOUTUBE, 27 de janeiro 2016. 1h02min52seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b_v0-t2vnWY>. Acesso em: 02 de maio de 2020.
- 17 Beauvoir, Simone de. *Uma morte muito suave*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984. (Trecho extraído da página 90).
- 18 Barcino é o primeiro nome dado a Barcelona, quando pertencia ao império romano.
- 19 Almondegas com Sèpia — Sèpia é um molusco marinho, parente do polvo e da lula.
- 20 Frango com camarão.
- 21 Esqueixar significa desfiar. Esqueixada é uma salada cujo ingrediente principal é o bacalhau cru, dessalgado e desfiado.
- 22 Lula recheada. Apesar de ser uma comida típica catalã, me lembra a infância pois minha mãe sempre preparou lulas recheadas. As vezes recheada de lula ao molho outras vezes de carne moída. Sempre preferi com recheio de lula.
- 23 Calçots tipo de cebola longa, parece um alho poró. São assadas na brasa e a camada externa dos calçots é carbonizada, deixando o interior cozido e macio. É bem gostosa, mas o gosto não me lembrou cebola ou alho poro.
- 24 Para Espinosa conatus é a força interna que impulsiona cada ser a manter sua existência e realizar suas potencialidades. É esforço de autopreservação e se manifesta através da alegria, tristeza e desejo, entendidos como afetos fundamentais.
- 25 Leão, R. (2020). *Jamais peço desculpas por me derramar*. Editora Planeta.
- 26 hooks, bell. *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor*. Tradução de Júlia Dantas. São Paulo: Editora Elefante, 2022. (p.155).

27 Madeira, Carla. *A natureza da mordida*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018. (Trecho extraído da página 96).

28 Exotopia e o excedente de visão são conceitos fundamentais na obra de Mikhail Bakhtin. Exotopia é a condição de estar fora do objeto ou pessoa que se observa, o que permite uma visão mais completa e abrangente. O excedente de visão é aquilo que apenas eu posso ver do outro — e que o outro não pode ver de si mesmo, exatamente por eu estar em uma posição exotópica.

29 Bartolomeu Campos de Queiroz — *A beleza não cabe em você* — https://www.youtube.com/watch?v=1-z-8O31_qc

30 Gross, Frédéric. *A vergonha é um sentimento revolucionário*. São Paulo: Ubu Editora, 2023. (Trecho extraído das páginas 94-95).

31 Carrascoza, João. *Caderno de um ausente*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2014. (Trecho extraído da página 58).

32 Sartre, J. P. *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Trecho extraído das páginas 159-160).

33 Levy, Tatiana Salem. *Melhor Não Contar*. São Paulo: Editora Todavia, 2024.

34 Pereira, E.R. *Entre palavras e afetos: conversas de mãe e filho*. São Carlos: Editora Pedro e João, 2024. <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/entre-palavras-e-afetos-conversas-de-mae-e-filho/>

35 Katita é como carinhosamente os amigos chamam Katia Maheirie, que foi minha orientadora de mestrado e doutorado. Katita foi fundamental na minha transformação profissional, talvez ela nem saiba disso. Eu entrei no mestrado e lá aprendi a ser pesquisadora, lá aprendi a olhar a vida com a delicadeza e a força da arte e isso mudou minha clínica, minha sala de aula, minha vida.

36 Pereira, E. R; Maheirie, K. Diário de campo: um recurso técnico-poético na (re)criação de experiências. In: Eliane Regina Pereira; Emerson Fernando Rasesa; Renata Fabiana Pegoraro. (Org.). *Pesquisa qualitativa em psicologia social e saúde*. 1ed. Florianópolis: Editora UFSC, v. 1, 2024, p. 254-272. (Trecho extraído da página 266).

37 Muscariello, Mariela. *Posfácio*. Alba de Céspedes. Caderno Proibido. São Paulo: Companhia das letras, 2022. (Trecho extraído da página 301).

- 38 Barros, Manoel de. *Ensaaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- 39 Uma nega de dois corações é uma expressão usada de forma figurada para se referir a alguém indeciso, com o coração dividido, ou que não consegue escolher entre duas opções.
- 40 Barnes, Julian. *O sentido de um fim*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. (Trecho extraído da página 91)

A autora

Eliane Regina Pereira é professora da Universidade Federal de Uberlândia, psicóloga, pesquisadora em narrativas e afetos, e mãe de Pedro. Mestre e doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem atuação voltada às práticas grupais em diferentes espaços das políticas públicas de saúde e assistência social.

Em 2024, realizou estágio pós-doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona, experiência que inspira este livro.



Benares